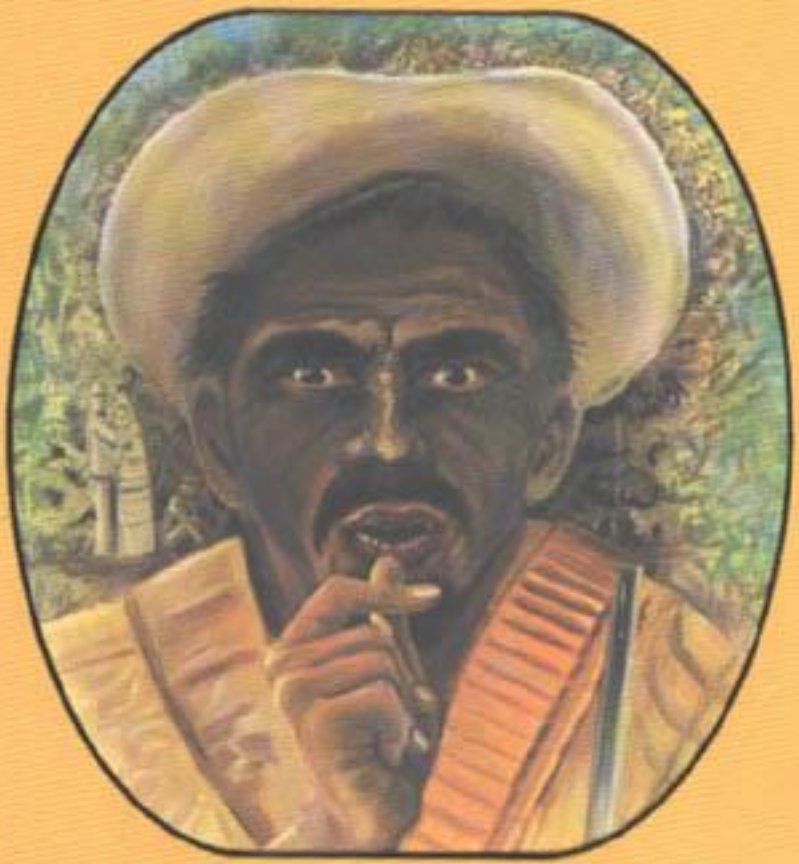
Vida

Bruce Olson

POR ESTA CRUZ TE MATAREI



POR ESTA CRUZ TE MATAREI

Bruce Olson

Categoria: Missões
Título original: For This Cross I Will Kill You
Traduzido por Dina Rizzi
ISBN 85-7367-178-5
Editora Vida, 2001

Digitalização: SusanaCap



Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

VISITE-NOS E CONFIRA NOSSO ACERVO DE

E-BOOKS GRÁTIS!

http://semeadoresdapalavra.top-forum.net/portal.htm

A Bobarishora,

que faleceu enquanto

este livro estava sendo escrito.

Os nomes das pessoas foram mudados nos casos em que poderia surgir alguma situação embaraçosa.

Contra-capa

O que acontece quando um jovem de dezenove anos sai de casa contra a vontade de seus pais e vai trabalhar com uma tribo de índios ferozes?

Doença, terror, solidão, tortura: são esses os resultados do sonho de um jovem que deseja servir ao Senhor?

Leia como Bruce Olson descobre através de sofrimento e insucessos como apresentar a mensagem do amor de Cristo a uma nação selvagem, sem destruir a beleza de sua cultura.

Você nunca leu um livro como POR ESTA CRUZ TE MATAREI, e nunca o esquecerá.

Sobre o autor: Bruce Olson nasceu e foi criado em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos. Cursou a faculdade na Universidade de Minnesota e em Pennsylvania. Daí foi para a Venezuela, onde freqüentou a Universidade de Caracas, e, finalmente, entrou em contacto com os índios motilones. A força de seu incomum amor pelos índios e os excepcionais resultados de seus inovadores métodos missionários deram-lhe a oportunidade de travar amizade com cinco presidentes colombianos consecutivos e levaram-no a falar nas Nações Unidas, na Organização dos Estados Americanos e em muitas outras organizações proeminentes.

Sumário

Prefácio 5
1. Um lar nas selvas 6
2. Quem é meu Deus? 15
3. Conflito 21
4. Missionário? 31
5. Primeiro encontro com os índios 38
6. Auxílio de última hora 48
7. Comunistas 52
8. Quase assassinado 60
9. Suborno 70
10. Uma recepção aterradora 76
10. Dentro e fora da civilização 86
12. Uma espera impaciente 91
13. Desânimo 97
14. Irmão por pacto 104
15. Tomado por canibal 110
16. Usando o médico-feiticeiro 120
17. Jesus, o motilone 128
18. A noite do tigre 137
19. Os milagres de cada dia 144
20. Como Davi e Jônatas 153
21. Glória 161
22. Quase derrotado 169
23. O remoinho 175
24. Além do horizonte 181

PREFÁCIO

Faz muito tempo que este livro está em preparativos. Houve várias tentativas e imaginamos se seria ou não terminado. Mas ele o foi. Este é um tributo à repercussão que Bruce Olson tem sobre todos nós.

Bruce não impressiona logo à primeira vista — alto, magro, loiro, com traços nórdicos bem acentuados. Ele é um tanto tímido. A sua maneira de falar — sempre intensa — é, às vezes, num *staccato,* e às vezes tateante.

Ele tem uma aparência jovem.

É um tanto difícil combinar essa descrição com as honras que lhe foram conferidas. Todas as pessoas que se encontram com Bruce o observam com respeito; às vezes com reverência. Afinal de contas, com trinta anos e apesar de ter terminado a faculdade apenas com cursos feitos por correspondência, já se apresentou diante das Nações Unidas, e da Organização dos Estados Americanos. Ele já almoçou com o Vice-Presidente dos Estados Unidos e foi amigo pessoal dos últimos quatro presidentes da Colômbia.

Fala 15 línguas, já teve trabalhos publicados em revistas de lingüística e foi o pioneiro no trabalho de tradução para o computador, das línguas tribais.

Acima de tudo, Bruce Olson viveu só, por mais de dez anos, com os motilones, uma tribo da América do Sul, a qual obtivera a dúbia distinção de matar quase todos "os de fora" que pusessem os pés em seus territórios. Bruce "amarrou-se" aos motilones e como resultado, os motilones "se amarraram" a Deus. Gozaram também a transformação econômica mais rápida de qualquer grupo primitivo no mundo — um tributo à filosofia missionária de Bruce, a qual lhe permitiu conservar os moldes básicos de sua cultura.

Esses são apenas alguns fatos a respeito de Bruce Olson. Porém, há muito mais do que esses fatos poderiam sugerir, porque ninguém pode passar certo tempo com Bruce e permanecer a mesma pessoa. As idéias, as sementes de ação que plantou na

"Casa da Criação", durante algumas semanas que esteve conosco, continuam a nos afetar, nas nossas relações, uns com os outros — e na maneira pela qual vemos a nós mesmos.

Bruce não se impressiona consigo mesmo. E tampouco se preocupa com o que os outros pensam a seu respeito e de seu trabalho. Os seus esforços difíceis nem sempre são possíveis de serem vividos, e Bruce já irritou bem mais do que umas poucas pessoas. Conseqüentemente, várias vezes foi rejeitado pelos homens. Porém não foi rejeitado por Deus. Essa é a fonte de sua força. Todos nós podemos aprender com ele.

Os Editores

Creation House

1. UM LAR NAS SELVAS

Bobby e eu encontramos Ayaboquina, um chefe índio dos motilones, sozinho lá na clareira nas selvas, no topo do penhasco. Brotos verdes de bananeiras e vergônteas de mandioca já estavam surgindo através do solo, e havia espaço suficiente para o gado pastar naquela área de cinqüenta e cinco acres. Enquanto conversávamos com Ayaboquina a respeito do progresso que os índios estavam fazendo, ouvimos o barulho de um barco a motor no rio, logo abaixo. Estava muito junto à margem para que pudéssemos vê-lo, mas pudemos ouvir quando ancorou. Usualmente são necessários diversos minutos para que alguém chegue à clareira, porém, muito antes do que esperávamos, um homem moreno surgiu ali.

— Boa tarde — disse asperamente em espanhol. Estava sem fôlego e esperou impacientemente enquanto eu continuava conversando com Ayaboquina. Vi, pelo rabo dos olhos, que era Humberto Abril, um dos foragidos que se haviam estabelecido naquela área. Eu sabia que ele tinha um mau gênio e que havia ameaçado os motilones. Agora, obviamente, estava enfurecido.

Quando terminei a minha conversa com Ayaboquina, respondi: — Boa tarde, Humberto.

Ele suava profusamente, e gotas enormes de suor caíam de seu rosto encovado, o qual estava contorcido de tal forma que me deixava apreensivo.

— Eu vim aqui para dizer-lhes que saiam dessa terra — disse ele —. Esta terra é minha. Eu sou um colono colombiano. Tenho o direito de exigir terra para colonizar, e estou exigindo estas terras. Vocês podem sair! Falava comigo, mas Bobby o interrompeu.

— E eu tenho algo a dizer —. Ele falava lenta e"calmamente, porém com grande ênfase. — Esta terra é nossa. Sempre foi nossa terra. E sempre será a nossa terra. Nós já cedemos bastante terra a você. Há seis meses cedemos uma parte de nossas terras a você, de acordo com a sua exigência, e o que foi que você fêz? Você as vendeu, e agora está exigindo mais ainda. Mas nós não daremos mais nada. Nós protegeremos aquilo que é nosso.

A discussão não durou muito tempo. Humberto começou a tremer. Os músculos de seu pescoço se distenderam como se fossem cordas de aço; seu rosto enrubesceu intensamente. Pegou Bobby pelos ombros e gritou:

— Estas são minhas terras. Elas são *minhas*. Todo mundo pode sair delas —. Depois, então, soltou Bobby e ficou ali tremendo.

O medo começou a percorrer-me a espinha, como gelo. Mas Bobby estava seguro de si mesmo.

— Você se engana. Estas terras não lhe pertencem. Elas não lhe pertencerão — disse ele calmamente.

— Cale a boca! — gritou Humberto. — Cale a boca, índio sujo. Cale a boca!

A saliva lhe saía dos cantos da boca e deixava pequenas marcas no seu rosto congestionado. E então colocou o dedo indicador sobre o polegar de sua mão direita, de modo a formar uma cruz. Ele a apontou para nós. Os seus olhos saltaram e a sua mão tremia tanto que quase não podia mantê-la firme. Beijou os dedos.

— Por Deus — disse ele, beijando os dedos novamente, e cuspindo no chão. — Por todos os santos — e cuspiu novamente, balançando a cabeça tão violentamente, que mais parecia um espasmo do que um movimento consciente. — Em nome da Virgem

Mãe —. Pela terceira vez ele cuspiu. — E por essa cruz —. Ele tornou a cuspir, e então, olhando diretamente para nós, levou o seu polegar e indicador à boca e os beijou. A sua voz se tornou gutural: — Eu te matarei!

E então ele gritou: — "Juro por esta cruz que eu te matarei!"

Ele virou nos calcanhares e desceu pela rampa abaixo. Observamos a parte de trás de seu pescoço até desaparecer. Ela ainda estava sangüínea, e os seus músculos e veias continuavam salientes como cordões. Ficamos em silêncio até que o ouvimos dar partida ao seu barco, e depois desaparecer ao longe.

Eu estava tremendo. — Bobby, ele o fará. Ele vai matar você. Eu sinto que ele está falando a verdade.

— Você está certo, Bruchko.

— E o que é que poderemos fazer a esse respeito? Ayaboquina, Bobby e eu pensamos em algumas precauções

de segurança.

Mas, Bruchko — disse Bobby —, não há nenhuma segurança perfeita nessas medidas. Somente Deus é que nos pode ajudar.

E então, nós três curvamos as nossas cabeças e juntos falamos com Deus. Enquanto o fazíamos, o meu temor foi substituído pela alegria — que me invadira quando pela primeira vez vira Bobby naquela manhã. Ela se espalhara pela minha alma, indo até ao meu estômago. No entanto, não era a mesma alegria. Era muito mais profunda, como se a dor e o perigo e o temor tivessem sido injetados nela, tornando-a muito mais profunda e mais sensível.

Quanta coisa havia acontecido naquelas poucas horas desde que meu avião sobrevoara a cidade de Rio de Ouro, para poder aterrizar. Embaixo do avião podia ver a selva estendendo-se pelo horizonte, como um tapete denso, pesado e verde. À direita, podia-se vislumbrar uma tira escura, como se fosse um fio marrom mal colocado sobre aquele tapete verde. Era o Rio Catatumbo. Voamos sobre ele até à balsa, e vi um aglomerado de casas, todas novas, que compunham a cidade. Davam a impressão de estarem perdidas no meio daquela vasta selva.

Mas está crescendo, pensei.

Lembrei-me, então, que justamente dez anos antes, não havia casa alguma, senão árvores frondosas, bloqueando o sol, e a folhagem densa sob elas. Talvez um papagaio tivesse gritado comigo. Agora, no mesmo lugar, havia uma pequena cidade.

Um jato de alegria se apoderou de mim, não por causa da cidade, mas porque estava voltando dos Estados Unidos e logo estaria junto com Bobby, o meu irmão de pacto. Grudei os olhos à janela, tentando ver adiante do avião, e as minhas emoções cresciam de meu estômago para as minhas costas, num arrepio.

À medida que o velho e gasto DC-3 perdia altura, as árvores estavam tão perto do corpo do avião que davam a impressão de que certamente as rodas as tocariam, e o avião viraria e nos jogaria nas selvas. Mas, repentinamente houve uma abertura na folhagem, e estávamos sobre uma clareira — uma longa pista estreita, cortada nas selvas. Tocamos o chão com umas batidas, e uma sacudidela, os breques rangeram, tentando conservar o grande avião na pequena pista.

Enquanto éramos levados até ao fim da pista, os meus olhos buscaram a Bobby entre as pessoas que estavam ali. Não podia vê-lo. Mas, ao descer a rampa, eu o vi, um pouco afastado; o seu tronco pequeno, forte, parecia muito ágil e poderoso, até mesmo sob a sua camisa xadrez, folgada, e suas calças escuras. O seu rosto era mais escuro do que o das outras pessoas que estavam aguardando a chegada do avião, mas mesmo assim, lá da rampa, podia ver os seus dentes brancos cintilando. Era um sorriso que dizia: "Você voltou novamente, Bruchko, e como isso é bom." Ele nunca usava o meu nome americano, Bruce.

Desandei a correr. Quando cheguei perto dele, eu o agarrei e lhe dei uma saudação verdadeiramente Motilone. Creio que apresentávamos um quadro bem exótico: um índio, de pele escura, baixo, abraçando um americano loiro e alto. Mas aquilo não fazia diferença alguma para nós.

— Meu irmão — disse eu — meu irmão Bobarishora —. Chamei-o pelo seu próprio nome, como o fazia sempre nos momentos solenes.

Segurei-o a distância de um braço. — Você está com boa aparência — disse eu —. Como vai a sua esposa? E o seu filho? Eles vão bem?

— Minha esposa está bem — disse Bobby —. Ela é muito sadia e muito alegre.

Ela está sumamente feliz de ser a mãe de um filho sadio e belo.

— Então ele está bem?

— Oh, sim. Ele é gordo. Você precisa vê-lo. E já está andando pela casa como um macaquinho.

— Venha — acrescentou —. É melhor não ficarmos aqui o dia todo. Vamos pegar a sua bagagem.

Enquanto caminhávamos até ao avião, onde toda bagagem era requisitada, Bobby perguntou: — E como foram os seus negócios nos Estados Unidos?

Pensei naquela imensidão de rostos, nos quartos sem fim dos hotéis, todos eles semelhantes. Sacudi a cabeça.

— Não sei, Bobby. Acho que consegui fazer as coisas que deveriam ser feitas. Mas estou imensamente alegre por estar de volta.

Bobby conversou sobre a sua família. Ele estava tão feliz quanto eu podia me lembrar de vê-lo assim. Os seus olhos escuros estavam brilhando. Eu me preocupara com ele depois que sua filha falecera, porque durante algumas semanas ficara amuado, não se comunicando. Agora, parecia que não podia parar de sorrir.

Depois de apanharmos a bagagem, decidimos comer algo. Fomos à cidadezinha que fora fundada exatamente ao lado da pista de pouso. As suas ruas estreitas, cobertas de pedras, estavam repletas de casas novas, com suas paredes laterais ainda sem pintura e cheirando a madeira nova, seus tetos de folha', ainda reluzentes, entre as casas velhas, com tetos de palmeira. Eram umas coisas estreitas, vacilantes, que davam a impressão de que não poderiam durar muito mais tempo.

Eu não comera coisa alguma no avião, e Bobby riu da maneira como me fartava das guloseimas colombianas.

— Você terá um estômago bem cheio daqui em diante, Bruchko — disse ele.

Eu sabia o que ele queria dizer ... Porque, para um motilone, ter um estômago repleto, quer dizer que não iria querer mais

alimento. Significava contentamento, satisfação com a vida, alegria. Ele expressara muito bem a maneira como me sentia.

— Como vai a criação de gado? — perguntei.

— Vai indo muito bem. A semana passada estive um tanto apreensivo a respeito desse programa, porque algumas das vacas que ficam no planalto, adoeceram. Na realidade, uma delas morreu. Julguei ter que fazer sozinho todo o trabalho e cuidar delas até recuperarem a saúde. Porém, tudo deu certo. Os próprios chefes cuidaram do problema, deram o remédio exato e cuidaram das vacas até ficarem completamente curadas. Agora parece que estão todas boas, dando bastante leite —. Ele se inclinou para a frente com um certo ar zombeteiro. — Na realidade, Bruchko, lá em Iquiacarora estava sobrando leite e estava-se estragando. Então nós fizemos queijo.

— O quê? Vocês fizeram queijo? Como é que fizeram isso? — Ele fingiu estar surpreso. — Por que não? nós o fizemos simplesmente como uma pessoa sempre faz queijo —. Então ele desandou a rir, e eu devia ter uma expressão de surpresa.

— Nós tínhamos os comprimidos que você deixara conosco. Então lemos as instruções e descobrimos como é que se fazia. Deu tudo muito certo. Você poderá experimentá-lo quando chegarmos a Iquiacarora, se já não terminou.

Reclinei-me na cadeira, bastante surpreendido. Dez anos atrás, Bobby era simplesmente um garoto amigo, com um sorriso maravilhoso. E agora era o líder de um povo. Talvez a fabricação de queijo, em si, não fosse coisa tão importante. Porém, demonstrava que os motilones eram um povo em si.

— Bobby — disse eu —, você agora é o líder de seu povo. É uma grande responsabilidade.

Ele sacudiu os ombros. — Bem, não sou realmente. Há muitos outros homens capazes de tomar o meu lugar. E além disso, Bruchko, Jesus Cristo anda nos nossos caminhos. Ele conhece os nossos caminhos e sabe quais as coisas de que precisamos. Enquanto nós não o enganarmos novamente, ele será o nosso verdadeiro guia.

Concordei, sacudindo a cabeça afirmativamente.

— Bruchko — disse Bobby —, você precisa ver as escolas. Elas estão superlotadas. A maior parte dos alunos já leu os livros que nós traduzimos e estão pedindo mais. Especialmente mais do Novo Testamento. Conversam sobre as coisas que estão aprendendo como se estivessem discutindo uma caçada. Os mais velhos também. Precisamos nos pôr a trabalhar e traduzir mais para eles, senão não nos deixarão em paz.

Eu ri. — Pois bem, começaremos a trabalhar nisso logo que pudermos. Deverá ser muito mais rápido agora que já temos a maior parte das palavras difíceis traduzidas.

A idéia de ter mais traduções a fazer deixou-me bastante alegre. Uma coisa é certa, eu aprendera muita coisa sobre a Bíblia, fazendo esse trabalho. Lembrei-me da palavra/é em motilone, a palavra que significava "atado a Deus", justamente como um motilone atava a sua rede nos caibros mais altos de seu lar coletivo. "Atados a" Jesus, podíamos descansar, dormir, e cantar bem acima do solo, sem temor de cair.

Estou tão feliz de estar de volta com você Bobby — disse eu —. Senti muita falta de você todo o tempo que estive fora. Creio que simplesmente estou "atado aos motilones".

— E nós estamos atados a você, Bruchko.

O garçom nos serviu café, espesso e bem fumegante. Enquanto Bobby mexia o seu café, o seu sorriso se transformou numa carranca. — Temos tido muitos problemas com os colonizadores da terra. Eles nos têm enviado várias cartas ameaçadoras.

Os colonizadores já nos haviam perturbado anteriormente. Alguns deles eram fugitivos das prisões que moravam nas fronteiras, para evitar que fossem presos. Estavam interessados em tomar as terras dos motilones como suas próprias fazendas, e declarar, então, aquele território como um lugar de refúgio.

— O que é que querem agora? — perguntei.

— Oh, você já sabe. Mais terra. Mais de nossas terras; eles nos tratam como se fôssemos animais, que devem ser jogados em qualquer direção que lhes seja conveniente.

— Então você espera deles problemas verdadeiros ou simplesmente ameaças?

Não sei, Bruchko. Talvez os problemas sejam verdadeiros. A maior parte dos colonizadores parece que se reuniram aos proscritos, e isso significa que não irão parar por tão pouco. Acreditam que se os foragidos nos expulsarem de nossas terras, terminarão por se apossarem delas, pois que os foragidos nunca terão o direito de possuir terras.

— Então, o que é que você vai fazer, Bobby?

O seu rosto se entristeceu e olhou para baixo. — Bem, posso dizer-lhe isto: nós não vamos entregar nem mais um pouco de nossas terras a eles. Já entregamos muitas e muitas vezes, e não há fim nisso. Desta vez nós mesmos a protegeremos. Mas, Bruchko — disse ele —, olhando para mim —, espero, e oro para que não cheguemos a esse ponto.

Tive bastante tempo para pensar sobre o assunto, enquanto navegávamos rio acima. Era uma viagem de sete horas, e o motor Briggs e Straton fazia tanto barulho que era impossível conversarmos. Era incrível, inacreditável que os colonizadores estivessem nos perturbando novamente. Era coisa de gente de duas caras. Mais de três mil colonizadores haviam sido tratados pelos índios motilones nos seus centros de saúde. Eles se sentiam felizes por poderem ir aos nossos centros quando precisavam de auxílio. Os motilones lhe davam as suas drogas e medicamentos. No entanto, quando cobiçavam a terra dos motilones, faziam qualquer coisa para obtê-las.

Olhei novamente para Bobby, que estava pilotando o barco e sorri. Como era estranho que estivesse nesse local, e que sentisse da maneira como me sentia, a respeito desse povo. Fora Deus que me trouxera até ali. Nunca teria chegado por mim mesmo. E mesmo que tivesse desejado, nunca teria alcançado e vencido todos os problemas, agüentado a solidão e os perigos. Realmente, eu mesmo nunca teria deixado o meu lar em Minneapolis, se não tivesse tido sua Presença poderosa e determinante dentro de mim.

Enquanto sentava ali na canoa, agradeci a Deus por Bobby, pelos motilones, pelas selvas que estavam em toda parte ao nosso redor, e até mesmo sobre nós, como se fosse uma tenda. Árvores enormes, com troncos finos, elevavam-se para o alto, buscando a luz do sol, que dificilmente penetrava até ao chão das selvas. Um musgo espesso e verde pendia dos lados de cada árvore, e sob elas havia uma vegetação espessa, trepadeiras da altura de um homem,

folhagens, touceiras, tudo isso de um verde brilhante. Quando o rio se tornou mais estreito, e ficamos sob as árvores, parecia tão escuro quanto a noite. O ar era quente, úmido e asfixiante. Os insetos circulavam ao nosso redor e nos picavam. Mas eu estava imensamente feliz. Esse era o meu lar. Em todos os outros lugares, eu me sentira fora do ambiente.

Navegamos durante cinco horas e meia. Nenhum de nós tentava conversar, no entanto, havia comunicação entre nós. Indicávamos alguma coisa, e nos lembrávamos de alguma experiência que havíamos passado juntos. Não vimos vida alguma no rio. Alguns pássaros de cores brilhantes voaram por uns instantes entre as árvores e depois desapareceram. Quando paramos o motor para reabastecê-lo, podíamos ouvir os chamados dos animais. Porém não havia nenhum sinal de colonização humana.

Repentinamente percebemos, pelas curvas do rio, que nos estávamos aproximando do lar coletivo dos Ayaboquina.

Bobby olhou interrogativamente para mim, e apontou em direção de uma casa que estava no topo de um penhasco. *Você quer parar?* Ele estava perguntando. Fiz que sim. Dirigiu o barco em direção à margem do rio. Amarramos o barco a uma árvore, depois subimos rapidamente a ribanceira. Lá no topo, a poucos pés da casa, havia uma placa nova e grande, com letras bem nítidas, informando que além daquele ponto era o território dos motilones e que era ilegal estabelecer-se ali.

Indiquei a placa. — Finalmente o governo mandou colocá-la, não é?

— Sim. Há duas semanas atrás.

Lá na casa, perguntamos por Ayaboquina, e uma das mulheres nos disse que estava na clareira mais próxima. Estavam construindo uma nova casa ali por perto, e haveria uma escola e um centro de saúde.

Fora ali que encontráramos Ayaboquina e fôramos ameaçados por Humberto Abril.

Mais tarde, pensei naquelas palavras, "Por esta cruz eu te matarei". Elas eram ameaçadoras, geladas. Eram simplesmente

uma praga ou uma maldição, uma ameaça, ou elas significavam muito mais? Eram proféticas de algo que a cruz ainda faria por nós?

Fora pela cruz que eu amara os motilones e como recompensa era amado por eles. Mas era também pela cruz que eu haveria de morrer? Era também pela cruz que Bobby haveria de morrer?

2. Quem é meu Deus?

"Quem é meu Deus?" perguntei. Eu tinha catorze anos. "Quem é ele?" Não havia ninguém para responder. Do outro lado do pátio do ginásio eu podia ouvir os ruídos surdos e os apitos dos que treinavam futebol. Pela centésima vez desejaram que eu fosse bastante forte nos esportes, a fim de ser convidado a jogar.

Porém, havia algo mais além dos esportes em minha mente ... algo que me preocupava havia vários dias.

"Quem é meu Deus?" perguntei a mim mesmo, novamente. "Há o Deus luterano, de quem nós falamos na igreja. Há o Deus de todas as igrejas cristãs, a respeito de quem nós estudamos na escola. Há o Deus do qual eu tenho lido na Bíblia. Porém qual deles é o *meu* Deus?"

Não recebi resposta alguma dos céus gelados de Minessota. Eu me dirigi para casa.

Parece que ninguém sabia a resposta. No domingo anterior me enchera de coragem e perguntara ao meu professor. Ele sorrira, um sorriso muito grande e esquelético. — Você não fez a sua profissão de fé?

Eu sabia tudo a respeito de como preparar-se para a profissão. Enquanto estudava para fazê-la, aprendera teologia. Mas eu queria conhecer Deus.

O meu pai gostaria que não pensasse mais aquilo. Eu não lhe perguntara pois sabia o que diria. Ele olharia para mim, com os seus olhos azuis cristalinos, e me diria que estava desperdiçando o seu tempo e o meu.

Talvez eu estivesse. Parece que não havia outro Deus qualquer senão o Deus feroz dos luteranos; eu sentia medo só em pensar nesse Deus.

Esse vento gelado, cortando o meu rosto, é o seu vento, pensei. Chutei a grama seca, marrom, ao longo da calçada. Essa manhã ela fora enfeitada pela neve. Alguns pedaços ainda gelados estavam espalhados à sombra das sarjetas.

Por que é que eu nasci? Eu sou tão alto e magro... tão míope... muito acanhado. Eu nem posso jogar futebol. Quando eles me passam uma bola, e ela me atinge, todos riem de mim.

Eu podia ver o rosto cheio de sardas de Kent Lange, envolto por cabelos escuros, ondulados, e sua boca aberta numa grande gargalhada. Era o meu melhor amigo. Senti um peso gelado no meu estômago, semelhante a quando eu tomava sorvete rapidamente.

Por que é que eu tomava tudo isso tão seriamente? Era apenas um jogo. *Quando eu chegar em casa,* pensei, *pegarei os meus livros. Então todos esses problemas serão esquecidos.*

Eu gostava de arrumar os meus livros sobre a minha cama, colocando-os ao meu redor, de acordo com o idioma. Nas últimas duas noites estivera estudando grego, lendo a minha Bíblia. Eu possuía uma grande Bíblia de couro, lindamente encadernada, e muito bem impressa; eu gostava de folheá-la. Havia vários anos eu vinha lendo a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento. Agora que estava aprendendo grego, era muito interessante aprofundar-me no Novo Testamento.

Porém, por enquanto, o Antigo Testamento era o meu favorito. Estava encantado com as histórias, fascinado pelas batalhas. Às vezes, aos domingos à tarde, eu lia muitos capítulos seguidos.

Os profetas eram diferentes. Muitas vezes eles me amedrontavam tanto que eu fechava a Bíblia bruscamente, até me convencer de que esse era um "livro de sonho", e não de verdadeira profecia. O julgamento de Deus era muito fácil de ser previsto: a terra abrindo-se e as pessoas sendo levadas para o fogo eterno; Jesus chegando com seus exércitos de anjos ferozes e resplandecentes, com espadas para destruir toda a criação por causa de sua pecabilidade.

Eu me amedrontava todo, só em pensar em Deus. Às vezes, quando perdia a calma, descobria o que estava fazendo, e então eu me encolhia internamente e os músculos de meu estômago ficavam tensos. E no entanto, não podia parar; ia para a frente, lutando, sentindo-me desagradável o tempo todo. Mais tarde eu pensaria: *Oh, Deus, eu vou ser julgado.* Eu me arrependia, mas intimamente sabia que tornaria a agir do mesmo modo.

O Novo Testamento parecia diferente. Durante duas noites eu estivera lendo o livro de João. Estava confuso com ele. Jesus não se parecia em nada com aquele que me fora descrito. Ou será que eu teria confundido Jesus com o Deus que eu temia? Por toda parte por onde Jesus andava, as pessoas eram mudadas por ele — e sempre para melhor.

Lembrei-me de minha classe da Escola Dominical. Conhecia cada um dos alunos. Eu freqüentava a igreja com todos eles, toda a minha vida. Eles nunca haviam mudado. Nenhum de nós jamais se transformara.

Sempre houvera muita conversa a respeito de transformação. O ministro nos dissera: "Vocês precisam mudar porque Deus vai amaldiçoar a terra e os seus pecadores. Vocês precisam ser santos, assim como Deus é santo. Isso é o que ele exige de vocês. Tendo pouco de sua perfeição, significa ter pouco de sua eternidade."

E essa maldição me amedrontava. Às vezes, aos sábados, Kent ia à minha casa e conversávamos a respeito de histórias de terror e de filmes que havíamos visto. Tentávamos nos amedrontar mutuamente, e ríamos e dávamos risadinhas e escondíamos a cabeça embaixo dos travesseiros. Tínhamos prazer em amedrontar-nos. Mais cedo ou mais tarde, estávamos conversando a respeito do julgamento de Deus, sobre o fogo eterno e o céu sendo enrolado como um rolo. E então ficávamos bem quietos. Sabíamos que não era invenção de um diretor de cinema, ou de um escritor. Era algo verdadeiro. Esse fim viria.

Mamãe estava preparando o jantar lá na cozinha, quando cheguei em casa. Eu estava gelado por causa do vento frio e cortante. Tirei o casaco e o pendurei; depois fui à cozinha, esfregando as mãos. Ela afastou um de seus cachos loiros para trás e olhou para mim.

— Como foi a aula, hoje, Bruce?

— Muito boa — disse eu. — Onde está Dave?

Ela baixou os olhos. — Seu irmão e seu pai tiveram uma discussão. Está lá em cima no quarto.

Repentinamente me senti cansado até aos ossos. Sempre alguém estava discutindo lá em nossa casa. As coisas pareciam muito melhores quando não conversávamos uns com os outros.

Subi as escadas para o meu quarto, notando que cada degrau estava tão limpo e tão brilhante, com um vermelho bem escuro — semelhante a uma cereja madura. Gostei de ver aquilo. Tudo deveria estar em ordem. Tudo deveria ser perfeito e limpo. Por que a nossa família não poderia ser assim? Simplesmente olhando para todos nós, você pensaria que tudo estava bem. Minha mãe era uma mulher sueca muito bonita, perfeita como uma estátua. Nenhum de meus amigos tinha uma mãe semelhante a ela. E o meu pai era elegante, com um queixo forte, cabelos castanhos abundantes, que nunca estavam despenteados. Mas dificilmente nós combinávamos.

Fui para o meu quarto e guardei os livros. Então tirei outros livros e os coloquei em minha cama. Tinha uma Bíblia em inglês, um Novo Testamento em grego, e alguns livros que me ajudavam a compreender grego.

Estiquei o corpo magricela na cama. Meus pés projetavam-se sobre os pés da cama. Meus livros formavam um círculo ao meu redor. Isso era o mais próximo do que se poderia chamar de um lar. Eu me sentia confortável no meio deles.

Li até ao entardecer. Minha mãe me chamou para jantar; desci para o círculo silencioso de minha família, ainda pensando sobre aquilo que acabara de ler.

Meu pai observara que eu não proferira palavra alguma.

— Por que você não contribui com alguma coisa para o bem do resto da família? — perguntou ele. Ele falara com grande precisão.

— Eu estava pensando a respeito de outra coisa, pai — disse eu.

— E sobre o que estava pensando?

Olhei para minha mãe meio desamparado. Não desejava ser obrigado a falar.

— Bruce — disse meu pai — não olhe para a sua mãe —. Sou eu quem está falando com você.

E então eu fui forçado a tentar explicar que estivera lendo o Novo Testamento e que não o compreendera muito bem.

— Naturalmente que você não o entende — disse ele —. Ele foi escrito há dois mil anos. E naturalmente não faz sentido nos dias de hoje.

Um bocado de alimento parou-me na garganta. Estava tão cansado de ouvir o meu pai descartar as coisas com uma simples sentença. Que sabia ele a respeito disso? Olhei para o meu prato. Era tão mais fácil se nós simplesmente não conversássemos.

Logo que pude pedir licença, me retirei e voltei para o meu quarto. Tudo estava errado. Apanhei a Bíblia, mas as palavras dançavam em volta da página. O meu rosto estava queimando.

Retirei os óculos e deitei-me na cama. "Que coisas mais estúpidas", disse eu, olhando para as minhas lentes grossas, que vinha usando desde que posso me lembrar. Eu as odiava. Aqueles óculos haviam sido um empecilho no caminho dos esportes; fizeram com que eu fosse apelidado de quatro-olhos, e de olhos de inseto, durante todo o tempo que eu os usei.

Coloquei a cabeça no travesseiro. Que vantagem havia em ficar zangado com os óculos?

Certamente que *em algum, lugar* haveria alguém que me poderia ajudar. O apóstolo João encontrara-se com Jesus e desde então nunca mais fora a mesma pessoa. Todos os Evangelhos contavam a respeito de pessoas que foram mudadas por Jesus. Eu ansiava por uma mudança, também. Mas julgava que o meu Deus não se preocupava comigo o suficiente para fazer alguma coisa.

"Afinal de contas, quem é o meu Deus? Onde está ele?" disse para mim mesmo.

Talvez se continuar lendo, possa encontrar a resposta, pensei.

Mas, realmente não esperava encontrar algo que me auxiliasse. Afinal de contas, a Bíblia fora escrita antes que os luteranos existissem. E então me deparei com um versículo que me chocou, que fez com que sentisse a eletricidade tilintar dentro de meu corpo.

Sentei-me e o li novamente: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido." Eu sabia a respeito da justiça de Deus de que ele me julgaria sob o ponto de vista das minhas impurezas — mas aqui estava um versículo dizendo que Jesus tinha vindo salvar o perdido. Eu sabia, imediatamente, de quem ele estava falando. Eu. Mas como é que Jesus iria me salvar? E de quê? Porventura iria ele fazer algum milagre?

Um versículo que eu lera em Romanos começou a ter sentido: "Se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo." E salvo era o oposto de perdido.

Isso é tudo? pensei. *Somente crer? Eu não teria que fazer alguma coisa muito grande? não deveria viver uma vida perfeita?* Essa fora a idéia que minha igreja me dera.

Pensei a respeito das coisas de que não gostava em mim mesmo. O meu gênio. Os maus pensamentos que às vezes surgiam em minha mente. Jesus poderia mudar essas coisas?

Talvez. Ele fora capaz de transformar a água em vinho dois mil anos atrás. Mas o que isso poderia provar com Bruce Olson? Pensei acerca daquelas pessoas, nos Evangelhos, que foram transformadas por Jesus. Mas o que é que elas tinham a ver comigo?

As horas passaram. Parece que não havia nenhuma solução para as minhas perguntas. Estava exausto. O relógio, no meu quarto, marcava duas horas da madrugada.

E então senti, repentinamente, e com muita certeza, que aquelas perguntas não eram para eu responder.

Senti-me atraído a falar com Cristo. Naturalmente já orara antes, mas de maneira formal, na igreja, lendo no hinário. Mas agora era diferente. Deitei-me de bruços e conversei com Jesus. Foi uma conversa muito simples, mas a primeira que realmente tive com ele.

"Oh, Jesus", disse eu, "li como as pessoas que estavam em volta de ti foram transformadas. Agora eu desejo ser transformado. Quero paz e satisfação como Paulo, João e Tiago, e os outros discípulos. Quero ser libertado de todos os meus temores e ..."

Naquele instante senti uma Presença em meu quarto, como uma quietude. Eu era, ao mesmo tempo, pequeno e calmo, enorme e suspenso, cobrindo tudo.

"Senhor, estou sendo amedrontado por ti", continuei; "tu sabes que eu até não gosto de mim mesmo. Tudo está tão atrapalhado por aqui. E também está confuso comigo mesmo. Mas, por favor, Deus, quero ser transformado. Eu mesmo não posso fazê-lo. E não compreendo como é que tu podes fazer alguma coisa dentro de mim. Mas, Jesus, se tu pudeste mudar todas aquelas pessoas que a Bíblia cita, acredito que podes mudar-me também. Por favor, Jesus, faze com que eu te conheça. Faze-me nova criatura."

E então eu sabia que estava sendo salvo. Senti-me como um miserável, alquebrado, e saturado de mim mesmo. Mas, ao mesmo tempo, sentia que uma paz me invadia. Não era algo sem vida, passivo. Não era, tampouco, uma espécie de silêncio acabando com a guerra que havia dentro de mim. Era algo bem vivo, e aquilo me estava dando vida. Sentia que ia acabar gostando de mim mesmo. E sentia que não desejava que aquela paz, aquela quietude se afastasse.

Fiquei ali deitado em minha cama, sentindo-me perplexo, estarrecido até mesmo para me mover ou até mesmo para pensar. Continuei a conversar com Jesus, sabendo que ele estava ali. Jesus estava ali no meu quarto. Eu não precisava me afligir a respeito do Deus luterano, ou do Deus cristão ou o Deus de qualquer outra pessoa. Eles não eram o meu problema. Jesus era o meu Deus, o meu Deus *pessoal.* Eu acabara de conversar com ele.

3. CONFLITO

Na manhã seguinte, ainda sentia aquela paz.

Eu preciso compartilhar isso, pensei. *Mudarei a minha família completamente. E os meus amigos lá na igreja. Eles também precisam conhecer a Jesus.*

Aos domingos à tarde a mocidade luterana reunia-se no porão da igreja. Cheguei cedo. Apenas alguns dos jovens estavam ali conversando, espalhados pelos vários cantos da sala.

Aproximei-me de um grupo de três, os quais eu conhecia, e comecei a explicar-lhes o que me sucedera. Eu estava sorrindo com muito gosto, e esperava que eles reagissem da mesma forma. Pelo contrário, nos seus rostos estampava-se uma expressão cuidadosa e de certa reserva.

Alguma coisa estava errada, mas não sabia o que era. Mais alguns rapazes se aproximaram e prestaram atenção, e todos eles, solenemente. Quando terminei, não havia um som sequer.

E então um dos jovens olhou para cima, para o velho forro de madeira e disse: — Então, Bruce, você encontrou uma porta especial para entrar no céu?

— Sim, você se tornou superespiritual repentinamente, Olson.

Eles não compreenderam! Talvez eu não tivesse explicado a coisa muito bem.

— Não, não é isso, de jeito algum — eu disse —. Está ali para qualquer pessoa e não só para mim. Não estou tentando dizer a vocês que sou algo especial.

Olhei de um lado para outro ao redor daquele pequeno círculo de faces frias e reservadas. Esses eram membros de meu grupo! Eu desejava que compreendessem. Porém, eles olhavam para mim como se eu fosse um animal do jardim zoológico.

O Reverendo Peterson aproximou-se e me voltei para ele. Ali estava alguém que compreenderia. Poderia explicar muito melhor do que eu.

— O que é que há meninos? — perguntou ele —. O que está acontecendo aqui? — Ele se voltou para mim: — O que é que está acontecendo, Bruce?

Era um homem alto, com um rosto fino e vermelho. Tinha um enorme pomo-de-adão que subia e descia e que chamava a atenção quando falava.

Expliquei o que havia dito até então. Ele ouviu com todo carinho, sacudindo a cabeça enquanto eu falava. Eu me sentia aliviado.

— Bem, isso é maravilhoso, isso é extraordinário, Bruce. Estou tão contente por ouvir que você teve uma experiência tão satisfatória. Mas não se esqueça que você foi confirmado na igreja luterana, justamente aqui, neste edifício e que na ocasião da confirmação você dedicou a si mesmo a Cristo. No entanto a vida cristã começou para você, mesmo antes disso, quando foi batizado e recebeu o seu nome.

— Porém, quando tomei a santa ceia e fui confirmado, não havia nada de real para mim — eu disse —. Eu ainda era a mesma pessoa —, Lembrei-me de como havia voltado para casa, com minha beca branca de confirmação, esforçando-me por sentir um tanto diferente, mas dizendo a mim mesmo: *Isso é tudo que há? Eu esperava que houvesse mais alguma coisa.*

O rosto do Pastor Peterson, que até se mostrara amigo e cordial, transformou-se na mesma indiferença como o rosto dos jovens.

— Olson — disse ele — eu orei em favor de cada um de vocês, meninos, quando foram confirmados. Você quer dizer que as minhas orações não significaram coisa alguma? Você precisa acreditar nos votos que fez, de que são verdadeiros e significativos —. O seu rosto enrubesceu um pouco mais ainda. Como eu gostaria de nunca ter trazido aquele assunto à baila. Mas precisava continuar.

— Bem, acredito neles agora — disse —. Jesus agora é uma realidade para mim. Eu fui mudado. Agora sinto algo pelas pessoas o que nunca havia sentido —. As palavras jorravam de minha boca. Eu queria pará-las, mas não conseguia. — Jesus é a minha vida agora. Se ele o era antes, eu nunca o soube.

Mais tarde o Pastor Peterson conversou comigo em particular. Estava bem firme. — Olson, você adquiriu algumas idéias pentecostais em algum lugar. Mas não entregue a sua vida ao fanatismo. Retire a máscara. Você não é diferente de qualquer outra pessoa.

Fiquei ali sentado, silenciosamente, cansado de tentar explicar a mim mesmo. Como é que algo tão bom, tão basicamente simples, podia deixar as pessoas tão perturbadas?

Ele se recostou na cadeira. — Bruce, quando você chega no âmago da coisa, cristianismo é uma moral imperativa, que nos

obriga a fazer o que é correto. Amar o nosso próximo. Essa é a essência de tudo.

Depois disso, realmente prestei atenção aos seus sermões. Ele pregava a respeito de reforma e sobre ética cristã, mas em nenhum deles falava a respeito do poder para essas coisas. Falava acerca de transformação e de um exemplo belíssimo do que deveríamos ser, porém não nos dizia como poderíamos começar a igualar-nos àquele modelo.

Eu, tampouco, podia igualar-me ao modelo. Sabia disso. Ainda não, porém, apesar de tudo, a minha vida havia mudado, e estava-se transformando cada vez mais. Eu tinha paz com Deus. Ele era algo real e eu o conhecia. O meu gênio sempre fora um problema terrível. Mas depois que conheci a Jesus, parece que se desfizera. Até mesmo os meus amigos no grupo da mocidade, com todas as suas zombarias, parece que não me perturbavam mais. Eu estava frustrado e ferido, pois a única coisa que desejava é que eles também tivessem um encontro pessoal com Jesus.

A minha atitude em relação à escola também mudara. Comecei a interessar-me pelo que eu estava estudando, porque podia ver como tudo aquilo se relacionava com Jesus. Minha mãe começou a apreciar as reuniões de pais e mestres a fim de ver o melhoramento de minhas notas.

Eu sempre gostara de estudar línguas, e estudava latim, grego e hebraico. Agora eu tinha uma razão para estudá-las. Eu podia ler a Bíblia nas suas línguas originais, grego e hebraico, e podia ler em latim os escritos dos primeiros cristãos.

Mas, à medida que a escola se tornava mais e mais significativa, a igreja se tornava cada vez mais penosa. Eu ficava suando durante os cultos, com um desejo imenso de gritar para o Pastor Peterson de que ele não entendia Jesus. Deixei de participar da comunhão, porque eu fora ensinado que para tomá-la precisava estar em plena comunhão com os outros membros e com Deus — e eu não sentia muita comunhão com o pastor nem com a congregação.

Eu não havia contado a Kent Lange a respeito de minha experiência; realmente, eu não o havia visto muitas vezes, desde que mudara de colégio. Cerca de duas semanas depois de meu encontro com Jesus, no entanto, ele veio à minha casa num

sábado à tarde. Ele havia corrido até à casa e estava praticamente sem fôlego, quase não podendo falar.

— Bruce, a coisa mais incrível aconteceu comigo — finalmente ele pode balbuciar —. Ontem à noite, lá na igreja, eu pedi a Jesus que entrasse em meu coração, como eles nos dizem para fazer o tempo todo, e Bruce, ele veio. Perdi a noção de tudo que estava acontecendo no culto, Bruce. Ele estava lá, na igreja, e no meu coração, e eu o *sabia.*

Fechei os olhos enquanto uma onda de alívio e de alegria passou por mim.

— Oh, Kent, isso é maravilhoso — eu disse. E então lhe contei a respeito de minha própria experiência. Ficamos ali conversando ambos ao mesmo tempo. E então Kent saltou sobre mim, e rolamos pelo quarto, numa luta, empurrando-nos mutuamente, enquanto comparávamos as nossas experiências.

— Kent, eu quase não posso acreditar. Acontecer isso para nós dois ... —.Eu estava de pé, olhando para ele. — Mas, Kent, o que você quer dizer — que lá na igreja lhe dizem para pedir a Jesus que entre em seu coração? Eles não dizem isso na minha igreja. Ninguém jamais ouviu isso.

Kent me contou a respeito de sua igreja. Na realidade, ela era completamente diferente da monótona igreja luterana, que toda a minha vida eu freqüentara. Kent disse que praticamente todas as pessoas reconhecem a Jesus como seu Senhor e Salvador.

O dia seguinte era domingo, e Kent me convidou a ir com ele à sua igreja. Externamente ela era semelhante a qualquer outra igreja. Porém, eu me sentia excitado. Eu nunca havia ido a outra igreja que não fosse luterana.

Para mim, internamente, ela não me assemelhava a uma igreja. Não havia banco algum, não havia decorações elaboradas no altar. Ela mais se parecia ao auditório de uma escola Havia já uma porção de gente lá dentro, mas não estavam sentados em seus lugares. Estavam conversando. Deu-me a impressão de uma colméia repleta de abelhas grandes e zumbindo ao redor. Na igreja luterana todas as pessoas chegavam em silêncio e imediatamente tomavam os seus lugares e começavam a orar.

Nós nos sentamos nas cadeiras, mais para o fundo. Quando o culto começou, o pai de Kent, que era o ministro, foi à frente.

— Estamos aqui reunidos hoje, para louvar a Deus pelo que ele nos fez em nossas vidas através de seu Filho Jesus Cristo

— disse ele —. Unamo-nos todos cantando o hino número 38. Todas as pessoas apanharam o seu hinário e o abriram. Era

um hino que eu nunca ouvira. Kent achou o hino, o piano começou a tocar, o órgão de tubos ecoou e a congregação cantou. Alguém atrás de nós começou a bater palmas. Todos os outros se juntaram a ele. Eu estava abismado. Que é que estava acontecendo? Onde é que estava a reverência, o respeito?

Depois do hino, o Sr. Lange voltou à plataforma, — Bem, estamos batendo palmas em louvor ao Senhor — disse ele —. É um hino muito lindo, e cheio de verdades a respeito do que o Senhor fez. Estamos hoje, aqui, na casa do Senhor, e se vocês crêem que Deus é verdadeiro, digam "Amém". E todo mundo disse, enchendo aquele local com um som enorme e ensurdecedor ...

— Amém!

Mas, o Sr. Lange colocou a mão ao ouvido e disse: — Todo mundo disse Amém aí? Eu não pude ouvi-lo.

E então eles disseram novamente, mais alto do que nunca. Eu me contorci. Achava que todo mundo devia estar olhando para mim, a única pessoa a não dizer Amém. Lembrei-me de uma vez, na igreja luterana, quando deixei cair o hinário no meio do culto, e minha mãe me segurou e disse: "Psiu. Não o pegue agora. Continue de pé." E aqui estavam essas pessoas dizendo "Amém" bem alto.

Naquela tarde havia uma banda, e ela começou a tocar. Logo mais todo mundo ao meu redor estava acompanhando a música com o bater do pé.

O Sr. Lange convidou alguém a dar um "testemunho."

— Deus tem estado conosco toda essa tarde — disse ele.

— Sabemos disso, porque estamos aqui reunidos lendo sua palavra e cantando seus louvores. Mas precisamos de que alguém dê seu testemunho. Quem é que poderá se levantar e contar o que Deus fez para ele?

Eu não esperava que pessoa alguma estivesse disposta a fazer aquilo. Mas, antes que eu percebesse, um homem se levantou e começou a falar a respeito de alguns problemas que sua família estava passando.

— Mas, dou graças a Deus por esses problemas — disse ele —, porque através deles Deus nos ajudou. Fomos capazes de orar por eles como família, e realmente ele nos está ajudando a solucionar as nossas diferenças com amor, dia após dia, e estamos ficando muito mais unidos como família.

E ele fez com que toda a sua família se levantasse. Havia quatro rapazinhos, e alguns deles se aproximavam de minha idade. O homem abraçou a cada um deles. Depois eles o abraçaram e se abraçaram entre si. E eles até abraçaram algumas das pessoas sentadas perto deles. E todo mundo bateu palmas.

Tudo aquilo era muito estranho. Mas, como eu ansiava por tudo aquilo! Eu desejava poder orar com a minha família toda. Eu desejava ser abraçado e aceito por meu pai!

E então veio o sermão. Não tinha ido muito longe, quando o homem sentado ao meu lado, recostou-se e disse: "Amém!" Eu quase caí da cadeira, de surpresa, pois foi tão inesperado e tão perto de mim.

Se bem que tudo aquilo fosse tão estranho, tudo aquilo me atraía. Aqui estava uma igreja onde as pessoas pareciam conhecer a realidade de Cristo.

Voltei à igreja na quarta-feira para o culto da noite. E depois fui ao culto de oração, na quinta-feira à noite, e depois a um culto na sexta-feira à tarde. E o dia todo no domingo. Eu não podia receber o suficiente. E estava aprendendo tanta coisa das Escrituras. Naturalmente que eu estivera lendo a Bíblia, mas as mensagens do Sr. Lange abriram-me os olhos para as coisas que eu nunca pensara ou sonhara.

Imaginava que teria problemas com os meus pais. E não demoraram muito a vir. Eles haviam ficado transtornados quando a princípio eu lhes contara a respeito da realidade de Cristo em minha vida. Meu pai, principalmente, estava apreensivo. Se tudo não pudesse ser explicado em termos luteranos, não era compreensível — ou aceitável. Ele havia sido crismado como luterano, e para ele, ser luterano significa respeitabilidade. Ele

julgava que eu estivesse tentando ser melhor do que ele quando comecei a contar-lhe como achara a Cristo.

Ele tentou convencer-me de não ir mais à igreja interdenominacional. Quando eu voltava para casa, ele levantava os olhos do jornal e dizia: — Bem, aqui está o nosso filho pentecostal de volta do reino de Deus. Qual é a mensagem de Deus, hoje à noite, para nós pobres pecadores?

Ele dizia isso todas as noites — sim, cada noite quando eu voltava da igreja. Foi tão enfadonho que eu não podia suportar mais. Eu passava correndo por ele, ia para meu quarto e enterrava a cabeça sob o travesseiro, tentando abafar o som de sua voz em minha cabeça.

Ele também batia palmas, numa imitação do que acontecia na igreja, (porque inicialmente eu havia tentado descrever aquilo para todos eles) e cantava: "Oh, sim, Jesus! Nós seremos salvos; Oh, sim, Jesus! vem visitar-nos hoje à noite."

A igreja interdenominacional ficava a oito quilômetros distante de minha casa, e eu não tinha outro jeito de chegar lá, senão indo a pé. Eu ia à igreja luterana todos os domingos de manhã para satisfazer minha mãe, e depois então eu começava aminha caminhada para a outra igreja. Era inverno, e o vento suspendia as pernas de minhas calças e as mangas de meu casaco. O frio me penetrava através da sola dos sapatos, subindo das calçadas cobertas de neve, e através de meus pés, subia-me pelas pernas. Havia dias quando cada passo dessa caminhada era uma agonia.

E então eu chegava à igreja. Lá havia calor. Rostos amigos me olhavam e me cumprimentavam. Abríamos as nossas Bíblias e o meu corpo se descontraía e relaxava, como um gato quando se prepara para dormir. Mas a minha mente estava bem alerta. Eu sentia uma alegria imensa quando lia a Palavra de Deus.

Após o término do culto, permanecia por ali tanto quanto era possível. Eu sempre recusava voltar de carro com alguém. Eu era orgulhoso demais — ou muito tímido.

Meu pai fizera tudo que fora possível, menos me proibir de assistir aos cultos. Certa noite eu voltava para casa mais tarde do que o costume. No caminho, eu precisava atravessar uma ponte sobre um lago. O vento soprava ondas de neve em pó sobre a estrada e em meu rosto, sem ter coisa alguma que o impedisse. Eu

podia ouvi-lo, também, zunindo lá embaixo, nas águas geladas. Eu queria descansar, mas tinha medo de parar. Lembrava-me de histórias de andarilhos que haviam morrido congelados porque haviam parado para descansar e não puderam levantar-se nunca mais.

Do outro lado da ponte podia ver as luzes das casas, lares tão lindos, como conchas brancas espalhadas pela neve.

"Ó Jesus", eu sussurrei, "ajuda-me."

Mas continuei e, de um jeito ou outro, consegui subir o declive, passar pelas casas até chegar à minha. Estava escuro. Senti um grande alívio por ter chegado à minha casa. Tentei pegar na maçaneta, e tive certa dificuldade em segurá-la. A minha luva, coberta de gelo, escorregou no cobre gelado. Lentamente, tentei retirar. Foi preciso, finalmente, retirá-la com os dentes, pois os meus dedos simplesmente estavam duros e hirtos. Coloquei a mão na maçaneta novamente e virei-a.

A porta estava fechada a chave.

Tentei novamente para ter plena certeza. Não havia engano algum. Meus pais haviam-se esquecido que eu ainda estava fora.

Eu não sentia prazer algum em acordá-los, mas precisava entrar em casa; então toquei a campainha. Olhei para a janela do quarto deles, tentando ver a luz acender-se. Ela não se acendeu. Toquei a campainha novamente. Não houve resposta.

Minha mãe podia facilmente dormir com todo aquele barulho, mas meu pai tinha um sono muito leve. Eu sabia que ele estava acordado. Chamei-o.

— Pai, sou eu, Bruce. Desça e abra a porta para mim, por favor. Eu estou gelando.

Não houve resposta alguma. Se bem que não o quisesse, desandei a chorar, e as lágrimas gelavam em meu rosto.

— Pai, por favor. Sou eu, Bruce. Deixe-me entrar. Tomei uma respiração profunda e segurei-a. Então me

senti um pouco mais calmo. Ergui os olhos novamente para a janela escura. Parecia que ela estava me observando, como um olho escuro encoberto. Até que enfim me lembrei dos Lange. Eu sabia que eles me receberiam. Mas eu precisava andar mais três

quilômetros até chegar à casa deles, e pelo mesmo caminho que eu já havia andado.

— Por favor, papai —, tornei a chamar e esperei. Não houve resposta alguma. Virei nos calcanhares e comecei a correr. Corri o mais depressa que me foi possível, até não poder mais. Quando parei, já havia atravessado a ponte. O meu hálito estava pesado, e o ar frio me queimava os pulmões a cada respiração.

Finalmente cheguei à casa dos Lange, exausto e tremendo. Eles se levantaram e me deram um lugar aquecido para dormir.

Essa foi a pior ocasião. Mas não foi a última. Eu nunca sabia, ao voltar para casa, se iria encontrar a porta trancada ou não.

Minha mãe estava numa posição um tanto esquerda. Ela tinha receio de meu pai, e havia tão pouco que ela podia fazer para contê-lo. Lembro-me de que uma tarde, ao voltar para casa, encontrei-a na cozinha, debruçada sobre o fogão, com lágrimas manchando o seu rosto impecável, e gotejando sobre os bicos de gás.

Aquilo me assustou.

— Mãe, que é que há? perguntei.

A sua voz ficou embargada. Por duas vezes ela tentou falar, mas não pôde. Finalmente ela disse: — Bruce, que é que poderá manter a nossa família unida?

Eu achava que sabia a resposta. Eu estava tentando dá-la havia muito. Mas agora, quando fui indagado, parecia muito difícil pô-la em palavras.

— Mãe, nós precisamos ser cristãos verdadeiros. Com Jesus em nossas vidas, há esperança para nós — eu disse.

Eu não desejava enraivecê-la. Porém, quando ela olhou para mim, sabia que ela estava zangada e ferida — não era somente comigo, mas com a vida.

— Oh, Bruce — disse ela —. Como é que você pode dizer isso, quando é o seu Jesus a fonte da metade de nossos problemas? Pelo menos, antes dele, podíamos nos tolerar mutuamente. Mas ele atrapalhou tudo.

E era verdade. Mas naquela ocasião eu não sabia que Cristo havia dito que ele traria divisões tanto quanto a união para as pessoas.

Eu estava descobrindo que a cruz de Cristo significava mais do que alegria e paz. Ela significava sofrimento, também. Sofrimento que era necessário para trazer, mais tarde, a esperança.

Mas haveria oportunidades suficientes para eu aprender aquela lição.

4. MISSIONÁRIO?

Quando eu tinha dezesseis anos, a igreja interdenominacional, da qual eu agora participava regularmente, realizou uma conferência missionária. Era algo novo para mim, e eu estava intrigado. Missionários de todas as partes do mundo se reuniram ali para relatar a respeito das regiões nas quais estavam trabalhando. Pela primeira vez ouvi a frase "A Grande Comissão". Havia um quê misterioso nela.

Um dos missionários, o Sr. Rayburn, "servira" na Nova Guiné. Ele era um homem baixo, gordo, com uma expressão de surpresa permanente em seu rosto. Na noite que ele falou, usou uma camisa verde, brilhante, de bolinhas, calças pretas, e sapatos de tênis, sujos. Eu estava tão surpreendido que alguém tão desleixado assim falasse na igreja, mas logo descobri que ele possuía uma mensagem vigorosa.

A igreja estava repleta. Eu lera a respeito de Nova Guiné, e antecipava com prazer um relatório em primeira mão.

O Sr. Rayburn exibiu alguns filmes que ele filmara. Numa das cenas havia um homem comendo um rato. Podia-se ver o rabo de um rato ainda na sua boca — e então — lá se fora ele.

— Aquele homem comendo o rato não é cristão — disse o Sr. Rayburn.

Pobre coitado, pensei, lembrando-me de como eu fora infeliz antes de me tornar cristão.

Havia outras cenas: algumas de extrema pobreza no meio das cidades modernas, outras dos "nativos com suas roupas esquisitas, suas casas e seus hábitos de alimentação. E então o Sr. Rayburn fez o seu apelo.

— Essas pessoas estão famintas, estão morrendo por causa das doenças, vivendo na ignorância, comendo ratos. Mas, acima de tudo, estão famintas pelo conhecimento de Jesus Cristo. Elas estão morrendo *perdidas,* sem conhecer como Jesus Cristo pode salvá-las de seus pecados. Vocês podem ficar aí sentados, confortavelmente, em seus lugares e aceitar tudo isso? Vocês se preocupam por esses homens e mulheres que estão vivendo na esqualidez e imundície? Eles estão morrendo, amaldiçoados pela condenação eterna. E o que é que vocês fazem? Talvez, colocarão alguns centavos na salva, no domingo de manhã. Talvez até ponham uma nota de um dólar para poder auxiliar aquelas pessoas que estão famintas pelo Evangelho.

— Mas Jesus quer muito mais de vocês. Ele deseja alguma coisa mais do que apenas uma adoração de lábios para a grande causa das missões. É responsabilidade de todos aqui levar o Evangelho de Cristo a essas pessoas. De outra forma, o sangue deles será exigido de vocês.

Naquela noite eu tive vários pesadelos. Sonhei que o homem que comera o rato estava puxando o rabo do rato, para fora da boca. Ele se transformara num chicote, e o homem o usava para me bater, enquanto gritava: "O meu sangue é exigido de você."

Acordei banhado em suor.

Isso não está certo, pensei. *Deus não é assim. Ele é um Deus de amor. Ele me ama.*

"Mas você o ama?" surgiu a pergunta em seguida.

"Sim, eu o amo. Naturalmente que eu o amo. Eu poderia deixar de amá-lo?"

"Não quer servir a ele, então?"

"Servi-lo? Eu o estou servindo. Eu estudo a Palavra. Partilhei com todos os meus amigos o que ele significa para mim. Isso não é servi-lo?"

Na tarde seguinte conversei com o Sr. Rayburn. — Você está perdendo o seu tempo aqui — disse ele —. O mundo todo está condenado, e a sua responsabilidade é entregar a eles a verdade.

Durante várias semanas, após a conferência, eu me debati com Deus.

"Afinal de contas, o que é que tu tencionas, fazer de mim um missionário?" perguntei. "Por que é que não posso ser teu servo aqui em Minneapolis?"

O meu alvo era tornar-me professor de línguas, conseguir o meu doutorado em filosofia. Mas alguma coisa dentro de mim me dizia: "Mas isso não é o que Deus quer que você faça."

"Ouve, Deus, esses missionários são ridículos", objetei. "Eles usam sapatos de tênis, lá no púlpito. As suas cartas com pedidos de oração nem são escritas num inglês correto. E a teologia deles? Eles estão sempre falando em inferno e condenação. Onde é que está o amor deles pelas pessoas com quem estão convivendo? Eles são uns fracassos. Eles não conseguem vencer na vida normal, e então se tornam missionários."

"Mas, eu posso vencer aqui, Pai. Todo mundo concorda comigo. Por que é que devo ir trabalhar com pessoas nuas e famintas?"

Deus nunca me disse por que. Porém ele realmente mudou o meu coração. Gradualmente o meu sonho sensato e agradável de me tornar professor de lingüística foi-se desfazendo numa idéia ridícula de ir a outros países e falar com os selvagens a respeito de Deus. Eu tinha certeza de que isso não fazia sentido para os meus pais e também não fazia muito sentido para mim. Mas com o passar dos meses, enquanto eu andava para a escola, sentava na classe e sonhava acordado, enquanto lia a Bíblia, ele me deu algo que eu nunca havia esperado receber compaixão.

Eu não podia lutar contra ela. Deus não fazia nenhuma exigência. Ele não me forçava. Porém eu me achei irresistivelmente interessado em outros países, em outras culturas. À medida que ia lendo, a América do Sul prendia a minha atenção, e comecei a identificar-me com os povos daquele continente. Dentro de pouco tempo eu me encontrava sonhando com aquela terra encantadora e com seu povo. Entreguei os pontos a Deus.

Eu disse a Kent Lange que eu fora "chamado" para ser missionário na América do Sul.

— Você? *Você?* Missionário? — O rosto de Kent se abriu num sorriso. — Bruce, isso é inacreditável. Você não se lembra de quando éramos escoteiros — que grande aventureiro você era?

Sorri juntamente com ele. Meus pais me deixavam em frente da igreja metodista, onde a tropa dos escoteiros se reunia. Eu entrava pela igreja dentro e saía pela porta do fundo, indo à Farmácia do Rei, onde comprava um livro e o lia até à hora de ir para casa. A vida ao ar livre nunca me interessara.

Amigos, só de nome, também me censuraram. Eles me fizeram lembrar das minhas incapacidades físicas. Quando mais novo, eu sofrera de bronquite, e eu ainda não era muito forte.

— E Bruce — eles me disseram —, você tem um futuro brilhante à sua frente, como professor de lingüística. Não jogue fora as suas capacidades.

Era um argumento bem convincente. No entanto, eu estava mudando de idéia a respeito da envergadura dos missionários. Quando examinei os requisitos da junta de missões, descobri, para surpresa minha, que era necessário que se tivesse o preparo de um instituto bíblico (ou o equivalente a ele, de uma faculdade) a fim de poder ser aceito. Então, adiei a minha decisão e no outono de 1959 fui ao Estado de Pensilvânia. Para qualquer das vocações — catedrático de lingüística ou missionário — eu precisaria do preparo de uma faculdade.

Mas eu não podia fugir à minha fascinação pelo povo da América do Sul. Sentia-me obrigado a ler livros sobre a sua história e cultura, e tornei-me profundamente interessado em dois países: Colômbia e Venezuela.

Gostei de minhas aulas lá em Pensilvânia, e fui muito bem nos estudos. Mas eu me sentia solitário. Havia feito poucos amigos. Mas no íntimo de minha mente, apoquentando-me, estava a idéia de que eu deveria estar planejando ir, num futuro próximo, à Colômbia ou Venezuela.

No ano seguinte eu me transferi para a Universidade de Minesota. Tinha a esperança de que estando em casa novamente, a situação da família melhoraria. Mas não melhorou em nada. Eu

orara pedindo a Deus que mudasse a atitude de meus pais a meu respeito e a minha atitude para com eles. Eu sabia que não os ajudava em nada. Porém, meu pai, particularmente, permanecia rigoroso e era uma tensão demasiadamente pesada para mim. Estávamos sempre numa alternativa, ignorando-nos friamente, ou nos debatendo abertamente. De qualquer jeito, eu não era aos olhos deles considerado como uma pessoa adulta.

Com tudo isso, a minha compaixão pelas pessoas da América do Sul continuava a crescer. O que inicialmente fora um compromisso um tanto morno, tornara-se agora numa ânsia impulsionadora. Finalmente, uma tarde, decidi que não esperaria até terminar a faculdade. Eu iria visitar a América do Sul agora. Talvez eu achasse paz para o meu coração assim que chegasse lá.

Iniciei o processo de candidatar-me a uma junta de missões muito bem conhecida, lá na Venezuela. Era um processo cacete, lento, e eu sentia que a escola me irritava. Uma vez que eu tomara a decisão de deixar os Estados Unidos, não via razão para continuar a freqüentar a escola. E a idéia de ir à Venezuela estava-se tornando cada vez mais e mais excitante.

Também sentia uma paz íntima a esse respeito. Sabia, que apesar de parecer absurdo, eu estava fazendo a coisa certa. Estava obedecendo a Deus.

E então, um dia, recebi a resposta da junta de missões, tão ansiosamente esperada. Numa grande excitação abri o envelope. Encontrei apenas uma folha de papel.

"Prezado Sr. Olson: Lamentamos muito informá-lo que não podemos aceitá-lo, no momento, para os serviços missionários. O senhor compreende, eu espero que ..."

Nem sequer terminei de ler a carta. Não podia. Parecia que as palavras haviam perdido todo o seu sentido — como se tivessem sido escritas em hieróglifos. Eu olhava espantado para elas. Minha mãe entrou no quarto naquele momento e percebeu que havia algo errado.

— O que é que há, Bruce? — perguntou, pondo sua mão na minha testa, examinando para ver se eu estava com febre.

Fechei os olhos e respirei profundamente. — Não é nada, mamãe — eu disse —. Simplesmente algumas notícias más.

Ela olhou para mim interrogativamente, mas eu não podia explicar. Especialmente naquele momento. Virei-me e saí do quarto.

Mais tarde, ultrapassado o choque, eu me senti melhor. *Bem, pelo menos isto já está terminado e não tenho mais nada com o assunto,* pensei. *Não preciso mais me preocupar a respeito de Deus querendo que eu vá, pelo menos por certo tempo, à América do Sul.*

Por alguns dias eu me senti aliviado. Matriculei-me em novas classes na Universidade de Minesota e realmente antecipava os meus estudos. Meu sonho de ser professor de línguas havia retornado. Eu podia reiniciar onde havia deixado, e esquecer tudo a respeito da América do Sul, como se esquece um pesadelo depois de acordar.

Porém, muitas vezes enquanto estudava na biblioteca, sentia Deus me acotovelando. "Bruce, eu quero você na América do Sul."

"Mas, Senhor, eu já tentei isso. Tu não te lembras? Fui recusado."

"Foi recusado por quem?"

"Ora, pela junta de missões, naturalmente."

Era como se Deus estivesse sorrindo para mim, divertindo-se e tolerando. "Bruce, eu não o recusei. Quero você na América do Sul. Siga-me."

"Deus, isso é ridículo. Como é que posso ir até lá sem uma junta de missões? Queres que eu vá para lá sem ter ninguém para cuidar de mim? Quero dizer — sem nenhum protocolo e tudo mais?"

"Bruce, eu também estou na América do Sul."

E então, lentamente, com má vontade, comecei a ver o que Deus estava tentando me ensinar. Ele não me havia chamado para ser missionário como o Sr. Rayburn. Ele me havia chamado para si mesmo, para ser como o seu Filho Jesus Cristo. Ele queria que eu o seguisse até à América do Sul. Agora.

Eu sabia que os meus pais nunca aceitariam isso. Até mesmo a idéia de ir, sob os cuidados de uma junta de missões já em função, os havia perturbado. E ir por mim mesmo, só ... eles julgariam aquilo impossível.

Então fui a Chicago de trem, a fim de providenciar o meu passaporte e o visto de entrada, sem dizer-lhes coisa alguma. Eu tinha dinheiro apenas para a passagem de trem de ida e volta: nada para as refeições ou para um lugar onde dormir. Durante a viagem fui orando, pedindo a Deus que tomasse conta de tudo que eu fosse precisar.

Estava faminto quando cheguei a Chicago. Eu tinha perto de trinta centavos no bolso. Consegui abrir caminho através daquela estação enorme, alvoroçada, e cheia de barulho, indo para a rua. Parei uns instantes a fim de orientar-me. Estava quente e o vento soprava. Olhei para baixo e pelo canto dos olhos vi algo verde. Parecia ser dinheiro.

Peguei-o e o desdobrei. Era uma nota de dez dólares!

"Oba! Obrigado, Deus", sussurrei. Olhei em volta, esperando que alguém viesse reclamar. Não havia ninguém ali por perto. Não havia jeito algum de descobrir quem o havia deixado cair. Eu podia ficar com aquele dinheiro.

Mais tarde um amigo me deu o nome e o endereço de um missionário na Venezuela. Escrevi a ele e lhe perguntei se estava disposto a me esperar no aeroporto. Contei-lhe que era estudante e estava interessado em missões. Ele me respondeu entusiasticamente, dizendo que faria todo o possível para estar lá no aeroporto e que me mostraria Caracas e me ajudaria a achar um lugar onde eu pudesse ficar. Aquilo ajudou a acalmar os temores de minha mãe.

Mostrei aos meus pais fotografias de Caracas e contei-lhes a respeito de seu alto padrão de vida e de sua cultura bem desenvolvida nos moldes da civilização do Ocidente. Nada, porém, os convencia. Eles tinham a certeza de que qualquer outro lugar, além dos Estados Unidos ou Europa, era bárbaro, e que eu estava desperdiçando a minha vida.

Mas deixaram-me ir. Deram-me dinheiro suficiente para a minha viagem de avião até Caracas, e mais setenta dólares para as despesas. Eu esperava que isso fosse suficiente.

Quase perdi o avião. Eu perdera a passagem lá na igreja, numa grande festa de despedida, e alguém a achara e a entregara na hora certa. Quando a recebi, havia apenas alguns minutos para uma despedida muito rápida com os meus pais e os Lange. E então

subi a rampa e entrei no avião. A comissária de bordo mostrou-me o lugar, e eu me sentei e tentei relaxar.

Por uns momentos o pânico me invadiu. O que estava eu fazendo? Eu tinha dezenove anos. Possuía setenta dólares, não sabia uma palavra de espanhol e não tinha nenhum plano concreto. Apenas um impulso interno vindo de Deus, que quase todo mundo julgava ser uma coisa louca.

Pelo menos, o Sr. Saunders, o missionário a quem eu havia escrito, estaria no aeroporto à minha espera.

Recostei-me no meu assento e observei enquanto o avião deixava o solo para trás. Os campos quadriculados e as árvores gradualmente eram como se fossem pequenas manchas verdes e logo depois os perdi de vista, assim que o avião foi envolto pelas nuvens.

5. PRIMEIRO ENCONTRO COM OS ÍNDIOS

No avião um garoto sentou-se ao meu lado. Olhou-me com certa curiosidade.

— Alô, eu disse.

Ele abriu a boca e dela saiu uma profusão de palavras em espanhol. Eu ri estendendo as mãos — *"No comprendo."* Ele parou de falar e olhou surpreendido.

— *"Americano",* eu disse, apontando para mim mesmo. Apanhei o jornal impresso em espanhol que a comissária de bordo me havia dado, e tentei ler uma sentença em voz alta. O menino não deu sinal algum de que tivesse compreendido, mas isso não me fez parar. De repente ele disse, *"Bien, bien",* e eu sabia que havia pronunciado alguma coisa corretamente. Mas eu não sabia o que ela significava.

Precisei rir sozinho. E eu que havia estudado grego, hebreu, e sânscrito, no entanto nunca havia estudado espanhol. *Às vezes,* eu pensava, *Deus não é muito prático.*

À medida que as horas passavam eu ia ficando cada vez mais nervoso. Finalmente avistamos a Venezuela.

Encostei-me à janela, para ver o avião aterrissar. Enquanto baixávamos podia ver as montanhas erguendo-se ao longo da costa. Depois de circular sobre o oceano, o avião aterrissou num moderno aeroporto junto à costa.

Quando saí do avião, o calor venezuelano me envolveu todo. Era alguma coisa indescritível. E pelo tempo que levei para chegar ao aeroporto, estava suando profusamente.

Enquanto estava na fila, aguardando para passar pela alfândega, olhei ao redor ansiosamente, buscando o Sr. Saunders. A separação de vidro dava-me uma visão completa dos membros das famílias que aguardavam as pessoas e eu dei um suspiro de alívio quando vi uma pessoa conhecida. Porém, após duas horas de espera, descobri que eu estava enganado.

Ninguém estava à espera de um rapaz de dezenove anos, vindo dos Estados Unidos.

Apanhei a minha bagagem e sentei-me sobre ela, com a esperança de que o Sr. Saunders fosse surgir a qualquer minuto. Todas as vezes que eu ouvia passos, olhava para cima, pronto para saudá-lo, depois eu me afundava novamente quando via que era um zelador ou um venezuelano, homem de negócios.

Eu não podia acreditar que o Sr. Saunders se tivesse esquecido de mim. Alguma coisa o havia feito retardar.

Mas não chegou ninguém. Estava só, exceto o zelador que estava limpando o chão. Eu não sabia o que fazer. Tinha receio de que se eu saísse, o Sr. Saunders poderia chegar e nos desencontraríamos. Sentia-me como um tolo, sentado numa sala vazia, esperando por ele. Desejei estar em casa.

Finalmente apanhei a minha bagagem e levei-a até ao guichê de passagens, e perguntei se porventura alguém havia procurado um tal Sr. Olson. O funcionário ouviu atentamente e depois repetiu, provavelmente, as únicas frases que sabia em inglês: — Sinto muito. Eu não falo inglês —. E voltou ao seu trabalho.

Olhei em volta da sala. — Alguém aqui fala inglês? — perguntei em voz alta. Ninguém se virou.

Nisso um padre entrou, um senhor já mais idoso, com seu hábito preto. Corri e o agarrei pela manga até que ele fosse comigo

ao guichê das passagens. E ali falei com ele em latim e ele compreendeu! Que coisa maravilhosa poder ser compreendido!

Porém, o padre estava com pressa. Ele traduziu as minhas perguntas ao funcionário lá no guichê — que nada sabia a respeito de Bruce Olson ou de Sr. Saunders. Antes que eu pudesse fazer outras perguntas, o padre já havia ido embora.

Que é que eu devia fazer? Que é que eu poderia fazer, senão esperar? Ele *precisava* vir.

Porém ele não veio. À uma hora da manhã, quando eu era a única pessoa ainda no aeroporto, um funcionário dirigiu-se a mim, dizendo em inglês que eu precisava retirar-me. Não haveria mais vôos até à manhã seguinte, eu não podia passar a noite ali no aeroporto.

Acabei indo para um hotel muito luxuoso nas proximidades do aeroporto, e a única coisa em que conseguia pensar era quanto aquilo me iria custar. Os meus setenta dólares se acabariam numa semana!

No dia seguinte eu me levantei cedo e andei pelo pátio do hotel, tentando resolver o que deveria fazer. O sol estava brilhando e já estava quente. Fiquei sem café e sem almoço a fim de poupar dinheiro. Mas às cinco horas eu estava com muita fome para poder resistir.

Não havia jeito algum de poder entrar em contato com o Sr. Saunders a não ser por correspondência, e quando uma carta pudesse chegar até onde ele estava, eu estaria completamente sem dinheiro. Eu não podia pedir conselho algum, porque não sabia espanhol.

E então algo muito estranho aconteceu. No dia seguinte, um jovem me deteve e perguntou se eu era norte-americano. Era um rapaz muito alegre e risonho, com olhos pretos muito vivos. Falando um inglês muito pobre, ele se apresentou como Júlio, e me disse que era estudante da Universidade de Caracas.

— O que você está fazendo aqui na Venezuela? — perguntou Júlio.

— Quero trabalhar com os índios — respondi —. Esperava ser recebido por um dos missionários que trabalham em Orinoco, mas alguma coisa saiu errado. Ele nunca apareceu.

Júlio fez uma careta. — Você não está hospedado ali, está? — e apontou para o hotel.

Encolhi os ombros. — Onde poderia estar? Eu não conheço Caracas.

— Bem, você nunca conhecerá Caracas se ficar aí nesse lugar. Pois ele é somente para ... para ...

Eu ri. — Para os norte-americanos, é isso que você iria dizer? Pois bem, eu sou norte-americano.

— Está bem — disse ele, você é norte-americano —. Ele sorriu. — Isso é mau para você. De qualquer jeito, você não deveria ficar ali. Por que você não vem comigo para a minha casa? Nós o receberemos. A minha família terá muito prazer em recebê-lo.

Meu coração deu um pulo. Num instante estávamos levando as minhas malas num ônibus, que nos conduziu pelas montanhas acima até Caracas — a qual, Júlio explicou, era a cidade mais moderna da América do Sul. Mas eu estava abismado ao ver milhares de cabanas de invasores ao lado das montanhas, feitas de caixas de papelão, ou de madeira.

Quando chegamos à casa de Júlio, ele me apresentou à sua mãe, uma senhora gorda e simpática. Ela não falava inglês, porém, pelos seus gestos, deu-me a entender que era bem-vindo. Um punhado de irmãos e irmãs de Júlio surgiram por trás dela.

Deram-me um quartinho na parte superior, com uma janela que estava permanentemente fechada, pois fora pregada, e com apenas uma lâmpada. Mas eu me sentia feliz por ter um lugar para ficar, e logo todos eles me colocaram no centro de todas as atenções. Eu perguntava a Júlio e aos seus irmãos e irmãs os nomes em espanhol das diferentes coisas, e comecei a aprender a língua. Também fui conhecendo a comida colombiana e gostei imensamente dela.

Mas dentro de poucos dias comecei a ficar inquieto. Tinha dificuldade em me comunicar com os outros, quando Júlio não estava e não tinha coisa alguma para encher o meu tempo. Eu desejava ajudar aquela família de um jeito ou outro, mas não podia imaginar como é que poderia fazê-lo. Muitas vezes eu andava sem rumo pelas ruas de Caracas, desejando poder conversar com as pessoas. Sentia certo mal-estar em compartilhar a casa e a comida

da família de Júlio: Evidentemente eles não estavam preparados financeiramente para ter mais um membro na família. Também eu sentia que estava atrapalhando.

Um dia, quando Júlio voltou para casa, perguntou: — Você está falando sério quando diz que deseja viver entre os índios? — Nós já havíamos conversado antes a esse respeito. Para ele, os índios eram apenas curiosidades de quem se podia adquirir artefatos para uma decoração rústica.

— Sim, estou — disse eu.

— Bem, então há uma pessoa que você deve conhecer. É um médico que mora perto do Rio Orinoco. Ele é funcionário do governo, da Comissão dos índios. Além disso, ele é norte-americano. A sua esposa é amiga de uma amiga de nossa família.

Eu o acompanhei pela rua abaixo até chegarmos a um café muito pequeno. Ali, Júlio me apresentou ao Dr. Christian. Um homem magro, alto, de uns quarenta anos, que estava sentado numa cadeira de vime, com suas pernas longas esticadas, segurando um copo de bebida, e fumando um cigarro.

— Então você está interessado nos índios? — disse ele. — Para quê?

Hesitei um instante, tentando formular a minha resposta da melhor maneira. — Simplesmente desejo ter a oportunidade de vê-los e ver a maneira como vivem. Talvez mais tarde eu possa ser-lhes útil.

Ele sorriu, curvando-se um pouco para a frente. — "O que o faz pensar que poderá ajudá-los? Você possui alguma habilidade que eles estão precisando?"

Não respondi imediatamente; ele ergueu o copo e ficou mirando-o. — Você nem sequer gostaria dos índios — disse ele —. Eles são sujos e ignorantes. Não há nada de nobre a respeito deles, exceto que cuidam de seu próprio povo, mesmo que tenham de pedir aos outros que o façam.

— Por que, então, o senhor está trabalhando com eles? — repliquei.

Ele riu. — Essa é uma boa pergunta —. Ele encolheu os ombros. — É um emprego. Preciso fazer alguma coisa com a minha

medicina. Isso é tão interessante como qualquer outra coisa — e além de tudo, implica viajar.

Houve certo silêncio entre nós. Júlio nos deixou.

— Com que índios o senhor trabalha? — perguntei.

— Oh, com diversas tribos no rio Orinoco —. E ele começou a contar a respeito deles; à medida que ia falando, a sua atitude se modificava. Pequenas rugas sorridentes surgiram ao redor dos cantos de sua boca. Ele realmente amava os índios e era fascinante ouvi-lo falar sobre eles.

E então parou de falar e me observou. — Pois bem — disse ele —, se você realmente é sincero em seu desejo, poderá ir comigo. Eu parto na próxima semana e estarei fora um mês e meio.

Exteriormente apresentei certa calma, mas o meu coração começou a dar pulos. Apertamo-nos as mãos e conversamos sobre os arranjos de viagem. E então saí. Assim que houve distância de um quarteirão entre mim e o café, soltei um grande grito, e desandei a correr pela rua abaixo, num zigue-zague, tentando não esbarrar nas pessoas que estavam nas calçadas.

Uma semana mais tarde estávamos em Puerto Ayacucho, carregando gêneros de primeira necessidade, provisões e drogas, num caminhão que levaria tudo isso e a nós também, para as canoas no Alto Orinoco — numa viagem de sessenta quilômetros, a única estrada para fora da cidade. As pessoas estavam-se amontoando no caminhão, gritando de um lado para outro. Naquela manhã, um DC-3 enorme, madeireiro, nos levara àquela cidadezinha.

Quando terminamos de atar a carga, as pessoas se dependuravam por todos os lados do caminhão. Subimos no alto do caminhão, juntamente com eles. Uma grande botija de vinho passou por nós; eu a passei para o homem que estava próximo a mim. Todo mundo estava conversando. O caminhão deu partida e moveu-se lenta e pesadamente em direção a uma faixa de estrada de terra bem estreita. Adentramos pelas árvores e imediatamente a cidadezinha estava longe de nosso alcance. À nossa frente estava a savana, entremeada com agrupamentos de selvas.

Quando chegamos a Samariapo, estávamos todos doloridos e cansados. O contínuo sacolejar do caminhão nos havia deixado

exaustos. Ali terminava a estrada. De Samariapo teríamos que viajar de barco pelo Alto Orinoco.

Descarregamos a nossa carga, e a levamos junto ao rio Orinoco, amarelo e barrento, onde o Dr. Christian tinha duas enormes canoas atadas uma à outra. Nós as enchemos com as nossas mercadorias para os próximos dois meses, e depois então com dois guias para podermos navegar dia e noite, começamos a subir o rio.

Levou mais de uma semana para atingirmos o primeiro posto de colonização dos índios. Quilômetros e quilômetros do rio ficaram para trás de nós. Logo perdi a conta das inúmeras curvas — e das pontas de madeira seca, que surgiam por toda parte por cima das águas.

A vegetação rica, em ambas as margens, era imutável. De vez em quando atingíamos uma pequena clareira onde um colonizador tinha a sua choupana. Quase sempre ele — ou alguém de sua família — levantava os olhos de seu trabalho ou corria até à margem do rio para nos observar. Mas na maior parte da viagem, não víamos sinal algum de homens que já tivessem antes subido o rio.

— A maior parte dos colonizadores está mais acima no Orinoco, nos pequenos canais, onde há menos probabilidade de enchentes — explicou o Dr. Christian. Eu estava excitado, e fazia perguntas intermináveis a respeito dos índios e do trabalho missionário realizado ali. Esperava encontrar alguns dos missionários, inclusive o Sr. Saunders, pois essa era a região onde ele trabalhava. Tinha a certeza de que ele seria bastante amável e que se desculparia por ter-se esquecido de me esperar no aeroporto.

De repente, o Dr. Christian me examinou cuidadosamente. — Você nunca se adaptaria a esses missionários — disse ele —. Eles são uns atrapalhados.

— O que o senhor quer dizer com isso? Ele sacudiu a mão. — Você vai ver.

Finalmente atingimos a primeira vila dos índios lá no alto Orinoco. Das margens do rio podíamos ver um pequeno aglomerado de cabanas redondas. Não havia nenhum índio à vista.

Senti-me um tanto apreensivo, mas o Dr. Christian, automaticamente amarrou as canoas a uma árvore e nós saltamos.

Ao redor de nós havia o cheiro intolerável de excremento humano, e enquanto caminhávamos para a vila, podíamos ver moscas zunindo em volta de montes de sujeiras, simplesmente a poucos passos das cabanas.

O Dr. Christian parecia não estar perturbado com tudo isso. Alguns dos nativos nos cumprimentaram, e o médico conversou com eles, pois aprendera um pouco de seu vocabulário numa visita anterior. A maior parte dos índios, todavia, amedrontara-se quando ouvira o barulho das canoas e se escondera nas selvas.

De um em um, foram surgindo de seus esconderijos, e o Dr. Christian examinou aqueles que estavam enfermos, aplicando-lhes injeções ou dando-lhes comprimidos, e fazendo sugestões a respeito de saneamento. Seus olhos brilhavam quando ele lhes falava na sua língua, e o Dr. Christian evidentemente sentia prazer em estar em sua companhia. Ele tratava cada um pacientemente, tentando explicar cada coisa tão bem quanto possível.

Ficamos ali somente aquele dia, e depois continuamos subindo o Orinoco até ao ponto onde o rio Mavaca deságua no Orinoco.

— Você precisa viver com os índios antes de poder compreender como é a vida deles — disse o Dr. Christian.

Enquanto pensava sobre isso, senti um arrepio por todo o corpo, mas resolvi que poderia ser deixado ali em Mavaca, durante três semanas, enquanto o Dr. Christian continuava rio acima e navegava em outros tributários. Ele podia apanhar-me novamente quando voltasse. Eu estava sumamente interessado em ficar ali porque o Sr. Saunders trabalhava naquelas proximidades. No entanto, o meu encontro com ele foi um grande desapontamento.

— O que o faz pensar que pode vir à América do Sul sem estar ligado a uma junta de missões? — perguntou ele em seguida, após a nossa apresentação —. Você simplesmente deseja vir e tirar vantagens de nós. Você pensa que temos a obrigação de cuidar de você. Mas está completamente errado. Você vai depender de si mesmo, Buster —. Ele virou as costas e se foi.

Fiquei no acampamento missionário apenas uns instantes. Os diversos missionários estavam totalmente prevenidos contra mim. No entanto afirmaram que estavam tendo "um certo êxito em alcançar os índios com o Evangelho de Jesus Cristo", mas agora havia "uma grande perseguição aos índios cristãos, por parte dos outros índios". Eles haviam sido excluídos do resto da tribo.

Desde que a missão não me oferecera nenhuma espécie de acomodação, o Dr. Christian me deixou na parte norte do rio Mavaca com um grupo de índios, que, segundo os missionários, não eram cristãos. Eles falavam um espanhol irregular. Naquela ocasião, eu já havia aprendido a falar um pouco e assim mantínhamos uma comunicação um tanto truncada — mas muito melhor do que o meu primeiro encontro no aeroporto internacional de Caracas.

Eu não podia crer que esses fossem os índios que os missionários haviam descrito. Esses índios eram perseguidores de alguém? Impossível. Eles eram tão inocentes. Permitiam que eu os acompanhasse quando iam caçar, e quando eu não podia acompanhar a sua trajetória, sempre deixavam alguém para trás comigo. Quando tropeçava nos ramos das trepadeiras e nas raízes, eles me ajudavam. Eles compartilhavam tudo o que possuíam. Eu comia a sua comida, dormia nas suas redes. Como é que esses índios podiam ser "perseguidores"?

Quando chegou o domingo sugeri a um deles que todos nós fôssemos à igreja, a qual não ficava muito distante do acampamento, e ouvíssemos as histórias a respeito de Deus. Ele olhou para mim, franziu o cenho. — Não, nós não fazemos isso.

— Por que não?

— Aqueles cristãos são esquisitos.

Ele não disse mais nada, porém me levou ao chefe da aldeia, um homem grande, forte, que riu quando lhe disseram o que eu desejava saber.

— Ouça. — disse ele —, aqueles cristãos não se preocupam mais conosco, por que então nós devemos nos preocupar com eles?

— Como é que você sabe que eles não se preocupam com vocês? Eles são da sua tribo.

— Ora, eles rejeitaram tudo a nosso respeito — disse ele —. Eles não cantam mais as nossas canções. Cantam aqueles cânticos estranhos, lamentosos, fora do tom e que não fazem sentido algum. Aquela construção, à qual eles chamam de igreja! Por acaso você viu a igreja deles? Ela é quadrada! Como é que Deus pode estar numa igreja quadrada? A redonda é que é a perfeição —. Ele apontou para a parede da palhoça, na qual estávamos sentados. — Ela não tem fim, como Deus. Mas os cristãos, o Deus deles tem pontas por todos os lados, que nos espetam. E a maneira como aqueles cristãos se vestem! Roupas tão gozadas.

Lembrei-me dos índios cristãos, que eu vira no acampamento missionário. Eles foram ensinados a usar roupas com botões, a usar sapatos, e a cantar hinos de outra civilização.

Foi isso o que Jesus ensinou? perguntei a mim mesmo. *É* isso o *que* o Cristianismo *significa? Que é que* as *boas-novas de Jesus Cristo têm a ver com a cultura norte-americana?* No tempo da Bíblia não havia cultura norte-americana. Porventura os missionários estavam cometendo um erro na maneira como estavam pregando? Naturalmente, isso os fazia muito felizes ao verem que os índios se vestiam como norte-americanos, e cantavam "Rocha Eterna". Mas seria esse o único jeito pelo qual Jesus poderia ser adorado? E haveria certa dose de prazer em ter os índios cristãos perseguidos pelo resto da sua tribo? Comecei a pensar nisso.

Resolvi tentar contar aos índios o que o Evangelho realmente era, mas foi dificílimo. O meu espanhol não somente era muito pobre, mas eu precisava vencer as suas suspeitas e a falta de confiança nos "missionários estrangeiros". Os índios delicadamente ouviam as minhas explicações, e depois apontavam na direção geral dos índios cristãos e sacudiam a cabeça.

— Nós não queremos nos tornar como eles — diziam com toda ênfase —. O nosso jeito é que está certo.

6. AUXÍLIO DE ÚLTIMA HORA

Após três semanas, o Dr. Christian retornou e voltamos para Puerto Ayachucho onde tínhamos reservado um apartamento no hotel. Ele me convidou a ficar ali, enquanto foi a Caracas.

Mais uma vez eu estava só. Não tinha mais dinheiro. O apartamento, repleto de vasos e de estatuetas de louça que a Sra. Christian gostava de colecionar, parecia pequeno. Também eu me sentia deslocado tendo que ficar na residência particular de alguém, e desejava estar de volta às selvas do Orinoco.

No entanto, Puerto Ayachucho era uma cidade fronteiriça, agradável, e assim todas as manhãs eu saía para andar. As ruas, sombreadas pelas amendoeiras plantadas nos dois lados, nunca estavam repletas e assim eu estava livre para poder orar e pensar.

A junta de missões com a qual o Sr. Saunders estava afiliado possuía uma enorme casa na cidade. Um dia eu me encontrei com Bob, filho de um dos missionários. Ele tinha dezoito anos, cabelos ruivos, com um sorriso aberto e infantil. Por ser apenas um ano mais jovem do que eu, logo estávamos nos divertindo. Era um prazer poder conversar em inglês depois do esforço imenso em falar em espanhol durante vários meses. Comparávamos as nossas histórias e trocávamos as nossas piadas. Mais tarde, naquele dia, outro filho de missionários, chamado Tom, juntou-se a nós. Ele era um pouco mais velho, mas possuía um bom senso de humor, e nos fazia rir o tempo todo.

Quando começou a entardecer, Tom disse: — Bob e eu precisamos voltar por estar na hora do jantar —. Ele podia ver que eu sentia vê-los ir embora. — Olhe — acrescentou — eu gostaria que você pudesse ir jantar conosco, mas o meu pai, bem... ele não deixaria.

— Oh — eu disse. Era a mesma coisa que os outros missionários me haviam dito. Se eles me oferecessem hospedagem, pensariam que estavam assumindo a responsabilidade de tomar conta de mim.

Voltei para o apartamento vazio e escuro, sentei-me no sofá e pus as mãos atrás da cabeça. Ao fazer isso, derrubei um vaso de cerâmica da prateleira. Ele se espatifou com a queda. Tremendo, varri os cacos e os joguei fora.

Como eu ansiava por poder sair daquele apartamento, e estar com amigos. Mas para onde eu poderia ir?

Deitei-me. "Oh, Senhor", orei. "Eu não tenho coisa alguma. Não tenho dinheiro... não tenho amigos. Os cristãos aqui não me querem aceitar. Não sou missionário ligado a uma junta de missões, portanto não tenho nenhum apoio nem de lá nem daqui. Por favor, ajuda-me. Por favor, conserva o meu juízo."

No dia seguinte na rua não havia nenhum sinal de Tom e tampouco de Bob. Resolvi ir vê-los na casa da missão. Quando bati à porta, ela se abriu somente um pouquinho.

— O que você deseja? — perguntou alguém.

— Eu gostaria de ver Tom, se for possível — respondi. Tom veio à porta, mas bastante constrangido. — Eu sinto muito. Mas não tenho permissão de ver você mais — disse ele.

— Por que não?

Meu pai diz que você foi expulso da comunidade. Isso quer dizer que nenhum dos missionários tem permissão de saudá-lo.

— Estou fora da comunidade? Por quê? — Eu sabia que a minha voz estava se alterando, mas eu não podia parar.

Tom sacudiu os ombros. — Você não lhes obedece. Eles lhe disseram para voltar para os Estados Unidos, ligar-se a uma missão, e então voltar aqui e trabalhar.

— De que maneira eu poderia voltar? Por acaso eles pagarão a minha passagem? E desde quando eu devo obedecer às ordens deles? — Minha respiração estava ofegante.

Tom se encolheu, hesitou. — Acho que não devo conversar mais com você a respeito disso — respondeu. "Até-logo". E fechou a porta.

Caminhei até à praça, sentindo-me mais solitário do que nunca. Eu queria correr. Mas, para onde?

Sentei-me num banco lá na praça, desejando ficar para sempre ali ao sol.

Depois de uma hora ou mais, um padre se aproximou e iniciou uma conversa. Ele disse que era italiano, e estava ensinando inglês aos alunos do ginásio, mas que sonhava em ir

trabalhar com os índios. Ele nunca tivera a oportunidade de ir rio acima para ver as colônias. Quando lhe contei a respeito de minha experiência com o Dr. Christian, ele ficou fascinado. Apesar de meu preconceito contra os católicos — especialmente contra o clero — eu logo estava entabulando uma conversa agradável, e me esquecera de meus problemas. Quando ele se levantou e foi dar a sua aula, continuei sentado ao sol, sentindo-me um pouco mais animado.

Logo mais um grupo de meninos se aproximou, andando pelo passeio, sorrindo meio constrangidos. Cercaram-me e cada um por sua vez apertou-me a mão e disse "Hello", mas com uma acentuação tão exagerada que soava como *"Heyloe"*. Depois dessa cerimônia, um deles deu um passo à frente, olhou para o céu e recitou: — Nós desejamos convidar você para ir à nossa classe para falar de inglês.

Tentando não rir (por causa do inglês que falavam), eu lhe agradeci solenemente e depois os acompanhei até à escola, onde, sem muita surpresa, o padre era o professor. Passei ali, pelo menos uma hora, falando a respeito dos Estados Unidos.

Depois da aula os meninos ficaram em volta de mim. Um deles foi chamar o irmão mais velho, um estudante da universidade, que estava em casa, por causa das férias de Natal. Fui apresentado a ele. Era baixo, musculoso, com sobrancelhas escuras e bastas, de pele bronzeada. Tinha um olhar feroz, mas as suas maneiras eram gentis. Seu nome era Rafael. Ele me convidou a ficar com sua família, e aceitei. Descobri, mais tarde, que era inadmissível, entre as famílias latinas responsáveis, deixar um jovem como eu ficar só. Descobri, também, que acreditavam que se fizessem o bem aos outros, fariam o mesmo por seus filhos, quando estes estivessem fora do lar. Mas naquela ocasião eu não estava me preocupando com as diferentes razões. Eu simplesmente estava feliz porque finalmente estava sendo aceito.

A casa de Rafael, no distrito mais pobre da cidade, consistia em uma só sala. Era de chão batido, paredes escuras e telhado de sapé. As baratas circulavam por toda parte. Eu dormia na rede, assim como todos os outros membros da família. Mas pouco me importava.

Na manhã seguinte, Rafael me acordou quando ainda estava escuro. — Apresse-se — disse ele — é o primeiro dia da celebração

do Natal —. Juntamo-nos a uma multidão de pessoas nas ruas. Era divertido. Corremos para cima e para baixo, soltando fogos e bombas vermelhas, durante a manhã, ainda fria, acotovelando-nos contra as outras pessoas também alegres, conversando e gritando. Parecia o dia Quatro de Julho, lá em Minesota.

Às cinco horas, todas as pessoas começaram a dirigir-se à igreja.

— Venha, vamos à missa — disse Rafael.

Eu sacudi a cabeça negativamente. — Não posso. Sou protestante.

Ele me puxou pelo braço. — Não tem importância. Venha conosco.

Olhei para ele. Ele agora era o meu amigo. Como é que eu poderia recusar-me ir à missa com meu amigo? Esse era um acontecimento muito importante para ele e sua família. Então os acompanhei.

Aqueles foram dias de travessuras. Todas as manhãs nos levantávamos cedo, soltávamos fogos, e depois íamos à missa, e realmente eu me divertia imensamente.

Porém, quando os missionários souberam que eu estava assistindo a missa, eles me isolaram completamente. Desde que eles haviam dito que eu estava fora da comunidade, não podia ver como isso faria muita diferença, apesar de que as suas palavras de condenação me feriram.

Não havia nada que os satisfizesse, concluí, *exceto a minha partida — e eu não estou pronto a fazer isso — especialmente agora.*

Finalmente, pude entender um pouco do que Deus estava tentando ensinar-me. Que importava que os missionários me houvessem rejeitado! As pessoas com as quais eu mais contava não agiam da maneira que eu julgava que fossem agir; contudo, Jesus não me havia rejeitado. Ele me havia encaminhado aos venezuelanos. Eu estava seguindo o seu plano e ele iria usar cada experiência para o meu bem.

Após o Natal, Rafael precisou fazer uma viagem e depois iria para a universidade em Caracas. Eu não desejava ficar em sua casa enquanto ele estivesse ausente e assim fiz planos para sair quando ele partisse.

— Mas, para onde é que você irá? — perguntou.

Eu disse a ele que iria para Caracas também; o Dr. Christian me havia explicado a respeito de um programa de permuta norte-americano-venezuelano, e talvez eu pudesse me envolver nele.

— Mas onde é que você irá ficar? — perguntou Rafael. — Você não pode simplesmente ir a Caracas, e andar circulando. Há tumultos por todos os lados, e há uma demonstração anti-norte-americana muito forte.

Ele me deu o endereço de uma pensão particular, na qual ele ficava, e uma carta de apresentação para os proprietários.

— Esse é o melhor lugar em toda Caracas — disse ele. — É barato, limpo e fica na parte antiga de Caracas. Todos nós ficamos lá.

O que eu não disse a Rafael é que não tinha meio algum de chegar a Caracas. No entanto eu sabia que, de qualquer jeito, isso seria resolvido. Então reservei meu lugar no avião.

No dia em que eu devia partir, fiquei ao lado de minhas malas na casa de Rafael, imaginando o que eu deveria fazer. Eu já dissera adeus a todos os meus novos amigos. Mas Caracas estava muito longe para um jovem norte-americano sem dinheiro.

Então, o irmãozinho de Rafael chegou com uma carta para mim, a primeira carta que eu recebia desde que deixara Caracas com o Dr. Christian.

Era dos Lange, apenas uma notinha. Porém com ela havia um cheque de cem dólares — o auxílio prometido pela igreja. Ele chegara exatamente quando eu necessitava, nem um dia antes, e nem um dia depois.

Paguei a passagem lá no aeroporto e voei para Caracas, sem ter noção de que eu quase seria morto no meu primeiro dia ali.

7. COMUNISTAS

No dia antes ao de minha chegada a Caracas, havia sido decretado estado de emergência por causa de demonstrações

contra o governo. Tive dificuldade em conseguir um táxi, e notei que havia muitas tropas patrulhando as ruas.

A pensão para onde os meus amigos me enviaram ficava num velho edifício, perto da Praça Simon Bolívar. As paredes tinham a espessura de vários centímetros, para fins de isolamento, muito embora a temperatura apenas atingisse o máximo de vinte e seis graus. Deram-me um quarto pequeno com uma janela para a rua.

A casa estava repleta, especialmente de estudantes, e não demorou muito para que eu me sentisse em casa. Os corredores estreitos, iluminados por telhas de vidro, estavam pintados de cores brilhantes. A "sala de jantar" ficava numa parte ampla, num desses corredores onde havia sido colocada uma longa fila de mesas. Aquela noite, na hora do jantar, quando as mesas estavam repletas de alimento, e as velhas cadeiras de madeira, de costas retas, cheias de estudantes que conversavam animadamente, fez-me pensar no carnaval.

No dia seguinte havia barulho nas ruas — e a maior parte, justamente quase às portas da pensão. Enquanto eu me vestia, ouvi pipocar muito ao longe. Nunca me passara pela cabeça que fossem tiros de arma de fogo. Assim que pus os pés na rua, no entanto, ouvi o barulho que as paredes espessas haviam abafado: o cântico compassado da multidão e o tiroteio. Fiquei gelado junto à porta. E então os soldados surgiram na esquina, empurrando algumas pessoas na frente. Eles pararam abruptamente. Ouvi o barulho de suas metralhadoras, e vi a poeira erguendo-se quando as balas atingiram o pó que se acumulava nas ruas pavimentadas.

Enquanto aquilo se passava diante de meus olhos, alguma coisa dentro de mim me dizia: "Mexa-se, pelo amor de Deus, mexa-se." Mas eu fiquei ali plantado, como se minhas pernas fossem raízes. Um dos jovens que estavam correndo, de repente caiu — como um balão desamarrado — e caiu de bruços na rua. As metralhadoras voltaram a atirar e eu vi mais duas pessoas caírem, e o sangue espirrando de seus corpos.

A maior parte da multidão já havia desaparecido, mas algumas pessoas ainda hesitavam pelas esquinas. Um deles, um jovem de rosto escuro, com um lenço vermelho atado ao redor do pescoço, voltou-se, apanhou uma pedra e correu em direção às tropas. Ele fazia pontaria para atirá-la, mas enquanto o fazia, as metralhadoras que até então estiveram silenciosas, voltaram a

funcionar, e o rapaz pareceu explodir: um braço voou sob uma chuva vermelha e foi rolar na sujeira.

Então eu me mexi, sem pensar, como se minha mente dissesse ao corpo: "mexa-se", um minuto depois que meu corpo já estava em movimento. Fechei a porta dupla, trancando-a a chave e pondo a tranca, e depois corri para o meu quarto. Fechei a janela, para abafar qualquer som. Atirei-me na cama. Eu sentia frio. Fiquei ali deitado o dia, todo, ouvindo o ruído das armas de fogo.

No dia seguinte eu estava com febre e fiquei de cama. Quando os meus amigos voltaram à escola, eu estava verdadeiramente doente, com febre de quase quarenta graus. Trouxeram um médico, que receitou alguns remédios; não perguntei de onde vieram, pois não podia pagar por eles, de jeito algum. Soube, depois, que um jovem chamado Lúcio Mondragon, um estudante, é que havia pago pelos remédios. Todos os dias ele passava pelo meu quarto para me ver, contava uma ou duas piadas e depois saía.

Os remédios ajudaram, e eu já podia andar um pouco, embora ainda levasse algum tempo para que realmente eu ficasse bom.

Enquanto me convalescia, travei amizade com um vagabundo da cidade, e eu me encontrava com ele todos os dias durante uma hora, para conversarmos em espanhol. A noite, eu estudava espanhol num livro antigo.

Um outro estudante partilhava comigo, do mesmo quarto da pensão, mas ele mudou-se após o segundo mês de minha estada ali. Com isso eu precisava pagar o aluguel sozinho, sendo agora duas vezes mais caro.

Lúcio, provavelmente, suspeitando que eu não possuía muito, se porventura tivesse algum dinheiro, convidou-me a mudar para o seu quarto, que ficava no outro pavimento. E ele até me ajudou. Era um sujeito elegante, magro, com cabelos pretos, que caíam sobre a testa, e tinha movimentos rápidos e nervosos. Ele abriu a porta de seu quarto, e a minha primeira impressão foi de que tudo ali era vermelho. Então descobri que o vermelho estava no formato de foices e martelos — existentes numa parede toda forrada deles.

Lúcio entrou e colocou no chão uma caixa com as minhas coisas.

— Essa é a sua cama — disse ele, apontando. — Tudo o mais está à sua disposição. Você tem toda liberdade para usar o rádio —. Foi até onde ele estava e o ligou. Estava sintonizado na Rádio Havana, de Cuba. Lúcio olhou-me com uma leve sombra de sorriso no rosto. — Será melhor não tentar mudar para outras estações. Ele é muito temperamental. Será difícil depois conseguir a estação certa.

Não demorou muito para eu descobrir que Lúcio era um dos líderes dos estudantes do partido socialista no *campus* da universidade. Havia um espírito anti-norte-americano muito forte ali, e Lúcio constantemente tentava me provocar, às vezes numa forma de brincadeira, e outras num rancor um tanto encoberto.

Aquele vagabundo com quem eu conversava regularmente era um tipo original, e ele não me estava ensinando o melhor espanhol. Os meus amigos estudantes riam-se de algumas das coisas que eu dizia. — O seu estilo não é muito bom, Olson. Por que você não vai à Universidade, onde realmente poderá aprender? — perguntou-me um deles.

Se bem que poder freqüentar a Universidade fosse além dos meus sonhos, resolvi experimentar. Não havia muitos outros estudantes estrangeiros ali, de modo que um norte-americano alto, loiro como eu, chamava a atenção imediatamente. Dentro de pouco tempo eu era conhecido pela maior parte dos estudantes.

No entanto, era Lúcio, justamente com os seus amigos extremistas, que eram os mais atenciosos comigo. Eu podia perceber que as suas idéias eram de grande importância para o grupo e que eles realmente desejavam auxiliar os pobres de seu país; eu compartilhava de sua compaixão — mas muitas vezes tínhamos discussões bem fortes.

Por exemplo, Lúcio sempre me responsabilizava por qualquer coisa que o governo norte-americano tivesse feito.

— Você, porco capitalista — disse ele um dia, enquanto nós sentávamos num café com um grupo de outros estudantes. — Nós esperamos desenvolver o nosso país, tornando-o tão bom para os pobres como para os ricos, e no entanto, o que é que vocês norte-americanos, fazem? Vocês vêm aqui e nos exploram, levando todos os nossos recursos e nos deixando sem coisa alguma. Vocês dominam o nosso governo, pagando e despedindo as pessoas.

— Espere um instante — eu disse. — Eu não faço nada disso.

— Oh, então você não apóia o seu governo? Você é um revolucionário?

— Não, eu não disse isso.

— Então, por que é que você está aqui se não for por motivos capitalistas? Você é um espião, tentando descobrir como é que nós trabalhamos para depois usá-lo contra nós, assim como o seu governo o usou no Vietnam e em Cuba. Não é isso mesmo?

— Não — eu disse. — Eu estou aqui porque desejo auxiliar os índios, se eu puder.

Os estudantes que se haviam reunido ao grupo para ouvir, começaram a rir. Para eles, os índios não tinham valor para serem arrolados na sua rebelião política.

Olhei para eles com um certo desdém. — E quem são vocês, seus comunistas elegantes, que podem estabelecer as igualdades derrubando as estruturas já existentes e depois colocando outras que não dão atenção aos índios, os verdadeiros venezuelanos, e que realmente necessitam de auxílio? Eles não são o seu povo? Ou vocês são tão seletivos quanto os ricos que estão governando agora — para usar as suas próprias palavras?

Lúcio sempre tomava posições impossíveis, e me atacava com elas. Isso tornava a vida muito tensa; eu nunca sabia se ele estava brincando ou se estava falando sério. Éramos amigos, no entanto havia ódio em sua vida, e uma parte dele estava sempre voltada para mim.

Um dia fomos nadar em Caria dei Mar, uma das lindas praias nas costas da Venezuela. Havíamos discutido e ele me chamara de vários nomes depreciativos. Quando chegamos às águas mais profundas, brincamos e nos empurramos e nos derrubamos, simplesmente por brincadeira. Mas havia certa crueldade na nossa maneira de brincar que ambos percebíamos.

De repente, Lúcio disse: — Eu vou *matar* você, seu cachorro capitalista —. Ele me agarrou e me segurou por baixo da água. A princípio não lutei. Eu tinha a certeza de que logo ele me largaria. Mas, não. Ele me segurava com mão forte. Logo o meu coração começou a bater com muita força, e eu sentia uma necessidade urgente de respirar. E mesmo assim, ele continuava me segurando

debaixo d'água. Eu ia morrer. Eu o sabia. Lutei contra ele com forças que eu não sabia possuir, e finalmente comecei a sentir certa frouxidão na maneira como ele me segurava. Dando um arranco com todas as minhas forças, consegui escapar. Lúcio havia mergulhado, longe do alcance de meus olhos. Eu me sentia muitíssimo fraco e terrivelmente triste. Nadei até à praia e deitei-me na areia.

Lúcio ficou mais vinte minutos ali na água, e depois veio para o meu lado. Não olhei para cima.

— Venha — disse ele. — Saiamos daqui —. Caminhamos para casa em silêncio.

O meu senhorio nunca havia feito menção do aluguel e de quanto eu lhe devia, e tampouco os meus amigos nunca pediram que eu lhes pagasse a minha parte da conta, quando íamos tomar café. Mas, era uma situação muito estranha ter de depender dos outros para tudo.

Perguntei a Deus a respeito disso, mas não recebi resposta alguma. Não havia recebido mais dinheiro dos Estados Unidos, e eu não tinha razão alguma de crer que ele começaria a vir, depois de todo esse tempo. Como turista na Venezuela, era impossível trabalhar, recebendo dinheiro.

Uma noite, numa festa, eu me encontrei com Miguel Nieto, que trabalhava em Caracas, com o ministro da saúde.

— O que está você fazendo na Venezuela? — perguntou, e depois me explicou que estava procurando alguém para lecionar inglês a alguns estudantes que estavam se preparando para ir estudar na Escola de Medicina Tropical, em Harvard. — Você estaria disposto a fazer isso? — perguntou.

Eu estaria disposto? — Mas senhor Nieto, já me informaram que é ilegal eu trabalhar na Venezuela — eu disse.

Ele sorriu. — Isso está muito bem. Nós lhe pagaremos adiantado. Se surgir alguma coisa, não há nenhum contrato entre nós. E nós simplesmente tomaremos isso como um negócio concluído —. Ele colocou uma nota em minhas mãos. — Aí está o seu salário do primeiro mês. Venha falar comigo amanhã, no Ministério da Saúde.

Fui para casa tão contente que poderia ter dançado pela rua. Eu tinha um trabalho. Logo eu teria dinheiro suficiente para poder pagar as minhas contas.

Em 1961, o Presidente Kennedy e os presidentes da América do Sul se encontram em Punta Del Este, no Uruguai, para definir os planos de ação entre os Estados Unidos e a América Latina. Foi um período de grande tensão política na Universidade. Cartazes enormes, de cores brilhantes, foram colocados na maior parte dos edifícios da Universidade e se opunham à cooperação com os Estados Unidos. Um dos cartazes demonstrava Tio Sam como um Tocador de Gaita Empastelado, atirando dólares aos presidentes da América do Sul, que o seguiam avidamente.

As eleições na Universidade estavam-se aproximando, e Lúcio era um dos candidatos na chapa dos socialistas radicais.» Ele trabalhava muitas horas, tentando formar uma coligação de diferentes socialistas. Muitas vezes, ele chegava em casa de madrugada e depois saía novamente antes do nascer do sol.

Por esta ocasião eu nutria certa simpatia pelos ideais dos estudantes comunistas. Havia visto os turistas, grosseiros, andando de ônibus e desfilando pelas ruas. Vira a maneira desleal do comportamento do pessoal da embaixada norte-americana, e não sentia orgulho algum deles. Os estudantes comunistas tinham, pelo menos, uma preocupação muito séria pelo seu país, que os ex-patriotas nunca pareciam demonstrar.

A coligação de Lúcio venceu as eleições na Universidade.

— Agora você verá alguma coisa, Olson, você realmente verá o que vai acontecer — disse ele.

Ele logo descobriu que o pior inimigo de um reformador político é vencer uma eleição. Dentro de poucos meses a coligação começou a se dividir. Eram poucos os estudantes dedicados ao partido, quanto Lúcio; havia discussões, lutas pelo poder, ameaças constantes de retirada da coligação. Finalmente Lúcio foi forçado admitir que fracassara. Uma noite ele se atirou na cama, praguejando.

— Olson, qual é a vantagem de tudo isso? Não obstante as minhas idéias serem boas, há sempre alguém que as estraga.

Essa fora a primeira vez que ele pedira a minha opinião a respeito de alguma coisa. Eu dificilmente sabia como lhe dar uma resposta.

— Sei como isso é, Lúcio — disse lentamente. — Todo mundo deseja que você se adapte ao que eles querem que você faça.

Ele ergueu a cabeça do travesseiro e olhou para mim.__

Como é que você sabe como isso é? perguntou. — Você já foi um organizador político?

— Não — eu disse. — Porém, quando comecei a seguir a Jesus Cristo a mesma espécie de coisa aconteceu. Meu pai, particularmente — ele é um banqueiro rico, você já sabe — queria que eu fosse em busca de sucesso, um bom emprego, e todas as outras coisas que ele julgava serem importantes. E a minha igreja desejava que eu explicasse tudo na maneira tradicional.

— Mas, Lúcio — eu disse — foi Jesus que me deu a capacidade de ver muito além de tudo isso. Essa é a razão por que me encontro aqui, planejando poder ajudar os índios. Você acha que o meu pai e os meus amigos viam muito sentido nisso? Eles achavam que eu estava ficando louco! Tentaram fazer com que eu desistisse. Mas Jesus me deu uma visão completamente diferente. E ele lhe pode dar uma também. Ele lhe pode dar a perspectiva correta da vida.

— Não, não, não — disse ele. — Nós já experimentamos o Cristianismo aqui. Não funciona. A igreja faz parte do situacionismo. Eles possuem mais terra, mais negócios do que qualquer outra pessoa na Venezuela — ou em toda a América do Sul.

Conversamos até tarde da noite. Ele conhecia todos os argumentos. Mas também sabia que deveria haver algo mais na vida — alguma coisa que não podia ser tocada, alguma coisa que poderia trazer a paz. Ele percebia isso em minha vida — aquela paz que não era simplesmente uma apatia, aquela paz que proporcionava um propósito divino; e até mesmo um poder inexplicável.

Três dias mais tarde ele entrou correndo no quarto. — Olson — ele disse. — Realmente isso funciona? Você está me dizendo a verdade?

— Sobre o quê?

— A respeito de Jesus. Você está mentindo para mim, está?

— Não, Lúcio. Não estou mentindo para você. Ele se sentou em silêncio e cruzou as suas mãos.

— Está bem — disse, olhando para o chão. — Está muito bem, eu o farei.

— Fazer o quê, Lúcio?

Ele olhou para mim, com uma determinação no rosto. — Eu aceitarei a Jesus. Quero que ele dirija a minha vida.

8. QUASE ASSASSINADO

A solidão me atacava. Quase sempre eu andava pelas ruas durante horas, simplesmente olhando para o rosto das pessoas, e tentando escutar as suas conversas.

Você está bancando o tolo, eu disse a mim mesmo. *Você ê simplesmente um estúpido e saudoso minesoteano.* Mas eu não desejava voltar para os Estados Unidos; a América do Sul me havia cativado.

O que eu precisava era realmente de um amigo verdadeiro — alguém que me conhecesse completamente; um irmão. Eu não podia traduzir esse anseio em palavras, mas o desejo estava ali. E de qualquer jeito, eu sabia que Lúcio nunca poderia ser isso para mim.

Eu também estava preocupado com a minha matrícula na Universidade. Eu estava na América do Sul para ajudar os índios. Havia dito isso para todos. Mas a Universidade era um lugar muito esquisito para se procurar índios.

Miguel Nieto, o meu superior no Ministério da Saúde, sabia de meu interesse pelos índios, e um dia me chamou a seu escritório para conversamos sobre eles.

— Você já ouviu falar da tribo dos motilones? — perguntou. A nossa conversa resultou em algo monumental. Através dela eu descobri por que Deus me havia dirigido à América do Sul.

Nieto me informou que o primeiro contato entre os motilones e a civilização fora através das flechas. Ninguém ainda havia aprendido a língua dos motilones, e tampouco havia estado tão próximo deles a fim de descrever a sua cultura física. Ele me informara que os motilones vivem numa área das selvas indômitas, nas fronteiras entre a Colômbia e a Venezuela.

Somente as grandes companhias petrolíferas norte-americanas é que pareciam estar interessadas naquela área. Todas as vezes que os seus funcionários ali penetravam eram atingidos pelas flechas. Um grande número deles já havia sido ferido pelas flechas e muito deles já haviam sido mortos.

Parece que a melhor coisa a fazer seria esquecer os motilones. Porém eu não podia. Uma curiosidade atormentadora e agitada se apossava de mim. E ela não me deixava apesar de todos os bons argumentos que eu usava para me opor a ela.

O que poderei eu fazer para um punhado de índios selvagens, primitivos? perguntava a mim mesmo.

Não tinha importância o que eu pensava e o que poderia fazer. Interiormente, eu *sabia* que, de um jeito ou de outro, Deus desejava que eu fosse ter com eles. Mas, eu tinha medo, e tentei todo o possível para evitar que me entregasse a essa idéia. Esquecera-me de como Deus pode tornar as coisas tão difíceis para alguém que não faz aquilo que é exigido dele. Eu perdera a capacidade de me concentrar, de fazer qualquer coisa, a não ser pensar nos motilones.

E mesmo assim, eu não iria!

Um dia, eu estava no Ministério da Saúde, à espera de poder falar com um funcionário público, quando alguém atirou um jornal na cadeira junto à minha. Dei-lhe uma olhada.

A palavra "motilone" prendeu-me os olhos. Olhei com mais cuidado ainda. Havia um artigo comentando uma epidemia de sarampo que estava atingindo um grande número de motilones. Um dos funcionários de uma companhia petrolífera havia descoberto mais de vinte corpos mortos — e abandonados — numa das suas casas comunitárias. A descrição feita por ele, com todos os detalhes daqueles corpos em decomposição, era deprimente.

Um ponto qualquer, dentro de mim, se partiu com um estalo. Contra o que é que eu estava lutando?

Por que tanta resistência? Lá, nas selvas, havia gente que necessitava de auxílio. Eu havia estudado medicina tropical; eu poderia ajudá-los.

Dentro de uma semana eu estava num ônibus, a caminho de Machiques, uma cidadezinha ao pé dos Andes. Não fora fácil conseguir sair. os problemas para conseguir um visto haviam me levado até ao presidente do país. E fora bastante penoso ter que deixar meus amigos estudantes. Eles tinham a certeza de que eu enlouquecera.

No entanto, eu me sentia jubiloso. O ônibus estava repleto, não somente de passageiros, mas com criação. Acabei carregando um porco enorme no meu colo, durante a maior parte de nossa viagem de três dias. No entanto, eu me sentia muito mais à vontade agora, do que quando deixara Caracas para subir o Orinoco. Agora eu falava bem o espanhol e sentia prazer em conversar com os outros passageiros. A esposa de um rancheiro, gorda, com um rosto avermelhado, minha companheira de banco, já ouvira falar nos motilones, e então eu a interroguei de todo jeito, em busca de informação. Ela me contou várias histórias bem interessantes a respeito de pessoas que haviam sido feridas pelas flechas longas e pesadas dos motilones.

— Não se aproxime deles — disse ela, sacudindo o seu dedo enorme. — Eles o matarão.

Ouvi o mesmo conselho de diversas pessoas em Machiques. Mas eu estava confiante — e muito entusiasmado por iniciar uma nova*aventura. Também eu me lembrava vividamente de minha viagem quando subira o Orinoco. Aqueles índios haviam-se mostrado tão amigos, tão maravilhosos para se conviver com eles. Na minha mente, índios eram índios. E poder viver nas selvas não seria tão difícil também. Afinal de contas, eu vivera lá no Orinoco.

Eu economizara dinheiro suficiente para comprar algumas mercadorias, e decidi iniciar essa aventura com uma visita muito curta, talvez de uma semana. O único meio de transporte de Machiques, através dos Andes, é a pé, e então comprei uma mula, "uma de pé bem firme", segundo o homem que a vendera. Nós dois

saímos uma manhã bem cedinho e seguimos a trilha que me fora indicada.

O caminho era fácil de seguir e gradualmente ele ia subindo pelos Andes. A todo momento eu esperava encontrar-me com um motilone cordial e que me levasse ao seu acampamento.

Andei um tanto lepidamente o dia todo, parando apenas para mastigar um pedaço de pão. A medida que o sol ia baixando, e o verde tão lindo da folhagem se tornava cada vez mais escuro, comecei a me sentir exausto. Desapontado por não ter encontrado índio algum, e por precisar passar a noite ao ar livre, eu fazia a mula avançar, com a esperança de encontrar uma das aldeias dos índios.

De repente parei. Eu havia perdido a pista. À minha frente havia apenas as trepadeiras e plantas rasteiras. Voltei até encontrar a pista novamente. Mas não prossegui muito longe nela. A uns cem metros ela desaparecera novamente.

Tornei a voltar. Parecia esquisito eu tomar caminho errado duas vezes seguidas. Talvez fosse simplesmente a diferença de luz.

O caminho agora não estava tão bem marcado. Ele se tornara um caminho repleto de ervas daninhas, estreito como um fio, indo através das árvores. Quando o encontrei de novo, eu o segui cuidadosamente. Mas, havia andado apenas uns poucos passos, quando percebi que não havia caminho algum.

Ziguezagueei aquela área, puxando atrás de mim a mula cansada e teimosa, através de arbustos e trepadeiras. Não havia sinal algum de trilha. Ela havia desaparecido.

Parei e olhei ao redor; meu coração batia aceleradamente. Não havia coisa alguma em todos os lados, senão silêncio, árvores escuras, e as trepadeiras. Tudo aquilo era tão igual.

Tentei lembrar-me de meu treinamento como escoteiro. Como é que um escoteiro descobria em que lugar se encontrava? Eu não podia me lembrar.

Sabia o que poderia fazer. Poderia esperar até o sol surgir no dia seguinte e então encontrar o meu caminho com o auxílio dele.

Aquele pensamento me aliviou. Era muito simples. Era simplesmente esperar até o amanhecer.

Mas, em que direção eu havia viajado até então? Do lugar onde me encontrava, onde é que ficava Machiques? Eu achava que caminhara em direção ao leste, mas não tinha certeza.

Agora tudo estava completamente escuro. Eu apenas podia enxergar as silhuetas das árvores. Não tinha coisa alguma onde pudesse dormir. Teria que me deitar no chão. Pelo menos não estava frio.

Amarrei a mula, escolhi um lugar, e deitei-me. No virar de um lado para outro, a fim de acomodar-me e encontrar uma posição mais cômoda, acabei espetando um espinho em minhas costas. Sentei-me rapidamente.

Sentia-me tão infeliz, cansado, e deprimido. Realmente eu sabia o que estava fazendo? As selvas, que durante o dia pareciam tão agradáveis, começaram a parecer perigosas. Eu ouvia barulhos e pancadas no meio das moitas. Gritos estranhos e lamentosos ecoavam através do ar. Eu não podia dormir.

Fiquei à espera de que o sol nascesse. A noite parecia muitas horas mais longa do que usualmente. Certa hora, quando eu estava a ponto de pegar no sono, alguma coisa pousou em meu rosto, e imediatamente saltou para o meio da moita. A adrenalina jorrou através de minhas veias. E eu estava totalmente acordado.

Observei a escuridão transformando-se num cinza, que gradualmente ia ficando cada vez mais claro. Quando, finalmente, podia distinguir as cores, eu me levantei. Eu estava duro, e tinha na boca um sabor horrível.

Eu tinha uma lata de sardinhas, que sobrara de meu almoço, e uma vela para poder aquecê-las. Só em pensar em alimento, eu me sentia vorazmente faminto, porque me havia esquecido de comer na noite anterior. Revirei apressadamente a mochila até encontrar a lata de sardinhas.

Mas eu havia-me esquecido de colocar um abridor de latas.

Apanhei o canivete e comecei a abrir a lata. O canivete se quebrou. Daquela pequena abertura que eu fizera, chupei avidamente o azeite de oliva. Eu precisava comer! Não podia prosseguir sem comer! Poderia morrer de inanição.

Tentei abrir a lata, batendo-a numa rocha, mas não adiantou coisa alguma. Finalmente eu a atirei no meio da moita.

Eu havia perdido uma hora. E ainda não sabia onde me encontrava. E tampouco tinha idéia alguma de como encontrar o caminho por onde eu andara. Mas eu não queria voltar.

O sol estava surgindo ao longe, lá no alto de uma montanha. Resolvi, então, caminhar naquela direção. Comecei a andar, puxando a mula que se opunha. Agora que não havia caminho algum marcado, prosseguíamos vagarosamente. A mula constantemente se emaranhava nas trepadeiras e na vegetação rasteira. Algumas das moitas tinham espinhos agudos e longos, e muitos deles se espetaram nas minhas mãos e pernas. Assim que eu os retirava, os cortes inchavam horrivelmente. Comecei a sentir-me febril.

À medida que eu subia, cada vez mais alto, pelas montanhas, a folhagem ia rareando, e borboletas lindas, iridescentes, voavam por toda parte. Papagaios vermelhos como fogo grasnavam para mim. O ar tornara-se mais ameno. A minha sede desaparecera, mas eu me sentia fraco. Os insetos continuavam a picar-me, como o fizeram desde o momento em que eu iniciara a viagem. Cada pedacinho de meu corpo, que se achava exposto, estava coberto de vergões vermelhos.

Naquela noite realmente dormi, apesar de os pesadelos me acordarem várias vezes. Estava frio, e eu não tinha roupas quentes para me cobrir. Quando me levantei na manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi esforçar-me para vomitar. Olhei para as mãos, e dificilmente podia reconhecê-las. Estavam vermelhas, inchadas, e picadas; assemelhavam-se a pedaços de carne crua.

"Por quê, Senhor?" perguntei. "Que é que eu estou fazendo aqui?" Contudo, desamarrei a mula e prossegui. As colinas eram muito íngremes para que eu pudesse montá-la, e então eu a puxava pelas rédeas, tropeçando, e praticamente sem nenhum domínio sobre mim mesmo.

Então, olhando através de um vale bastante profundo, vi, no outro lado do cume, um aglomerado de cabanas. Era uma vila dos índios. Pisquei os olhos.

Graças a Deus, eu havia encontrado os motilones.

Vagarosamente fui descendo até ao vale, e depois, lenta e cansativamente, fui subindo pelo outro lado. Isso levou várias horas. Eu conservava os olhos voltados para a frente, na esperança

de encontrar alguns índios. E então, porque não olhava onde punha os pés, eu tropeçava e caía.

Finalmente atingi aquele aglomerado de cabanas. Senti um alívio enorme enquanto um grupo de pessoas se encaminhava em minha direção. — Eu estou aqui — gritei, não dando a mínima importância se eles iriam ou não me entender.

Uns vinte ou mais índios me cercaram, mirando-me e tagarelando em sua própria língua. Tentei conversar em espanhol com eles. Não houve resposta alguma. Tentei as poucas frases que conhecia e que aprendera durante o tempo que ficara com os índios em Orinoco. Ainda assim, *mo* houve resposta alguma.

Todas as pessoas pareciam velhas e enrugadas. Elas me olhavam, me cutucavam e davam gargalhadas. A maior parte delas estava sem dentes. Quando abriam a boca, mostravam as gengivas vermelhas e desdentadas.

Caminhamos para a vila. Ali, mulheres e crianças saíram de suas cabanas para me verem. Ninguém entendia uma palavra sequer do que eu dizia. E eles nem mesmo tentavam escutar.

Eu tinha a certeza de que ali haveria um chefe. Talvez ele e os mais jovens estivessem fora caçando. Eu estava sempre na expectativa de vê-los voltar. Mas eles não voltaram, e me cansei de ficar de pé, ali no meio daquele círculo de rostos sorridentes, de velhos decrépitos, mulheres e crianças. Eu ainda me sentia doente e aturdido.

Que é que eu poderia fazer para me comunicar com eles? Então me lembrei de minha flauta pequena de madeira, que eu trouxera para me divertir. Talvez essas pessoas se interessassem em ouvir-me tocá-la.

Retirei-a de minha mochila, sentei-me no chão e comecei a tocar. À medida que tocava, quase todos acompanhavam com movimentos de cabeça, o compasso da música. Quando parei, um dos velhos colocou as mãos em frente de sua boca, fazendo menção de tocar, como se estivesse indicando que eu deveria continuar tocando. E então comecei a tocar uma melodia que aprendera com índios lá no rio Orinoco. De repente, surgiu um homem com uma flauta e reproduziu as primeiras notas que eu tocara. Toquei mais algumas notas, e ele as reproduziu também. Logo estávamos tocando juntos aquela melodia.

Então ele tocou uma melodia que eu nunca ouvira. Eu a reproduzi, nota por nota. Nessas alturas, a aldeia toda havia parado para ouvir.

Prosseguimos tocando por muito tempo. Eu já estava-me cansando, mas ninguém se levantava para sair. Finalmente, às três e meia da manhã, paramos.

Choveu torrencialmente naquela noite. Fiquei deitado, acordado, na choça para a qual me haviam levado, ouvindo a respiração pesada dos homens que estavam ali comigo. Pelo menos eu estava num lugar seguro, com pessoas que pareciam ser amigas.

Na manhã seguinte ainda não havia sinal algum do chefe. Deram-me algo para beber, com um sabor horrível, e umas raízes fervidas e ásperas. Eu as engoli à força; estava tão faminto que podia comer qualquer coisa.

Ninguém dava mostras de estar interessado em continuar o concerto de flauta, e deixaram-me, para cuidar de seus próprios interesses. Ás crianças estavam brincando. Um velho sentou-se ao sol, reclinando de encontro a uma das choças. Quando olhei para ele, ele sorriu para mim.

Encaminhei-me em sua direção. — Como vai o senhor? — perguntei-lhe em inglês.

Ele começou a falar na sua própria língua, que era exatamente o que eu desejava. Imitei o que ele dizia.

Ele riu, disse mais algumas palavras, e tentei repeti-las. Ele riu novamente. Parece que a brincadeira o divertia, e continuamos assim por perto de duas horas. Era a minha primeira experiência em tentar compreender uma língua, sem ter dela nenhuma noção. Encantado com aquilo, logo eu me esquecera de tudo mais. Eu começara a sentir que podia separar alguns dos sons, e era apenas uma questão de tempo, pensei, antes que começasse a descobrir o significado de algumas das palavras.

Repentinamente, sem nenhum aviso, fui atingido nas costas por uma pancada, que me atirou com o rosto em terra. Fiquei ali aturdido. Um homem estava de pé sobre mim, gritando e berrando, num tom esganiçado, batendo-me com chicotes que ele tinha nas mãos. Uma espuma branca jorrava de seus lábios. Tentei rolar, fugindo de suas pancadas, mas diversos jovens surgiram e com

flechas longas e aguçadas, que seguravam em suas mãos, me empurraram na direção dele.

Depois, então, por ordem daquele homem, dois dos guerreiros me levantaram e me atiraram na choça onde eu passara a noite. Ninguém me veio ver. Fiquei deitado ali no chão, arquejando, quase aterrorizado. Vergões me surgiam nos braços e nas pernas, onde os chicotes haviam atingido.

Uma flecha passou através da parede de palha e foi atingir a outra parede, do outro lado da choça. Logo em seguida, outras setas cortaram a choça, de lado a lado. Os homens haviam cercado a choça e estavam tentando me atingir. As setas não tinham o impulso suficiente para me ferirem, depois de passarem pelas paredes, mas eram pesadas e deixavam marcas roxas, feias e sangrentas, onde me atingiam. Depois de quinze minutos desse sofrimento, caí ao chão, com as mãos sobre os olhos.

O homem que usara o chicote chegou à porta e gritou comigo. Acabei concluindo que ele era o chefe. Ele agora segurava um arco com uma flecha bem longa, e a sua aparência era de uma pessoa fora de si. Eu abracei o chão, e implorei em inglês: — Por favor, não atire. Por favor. Não atire.

Ele se afastou da soleira da porta. Seguiu-se uma longa pausa e a esperança voltou a surgir dentro de mim. Então ouvi o zumbido, e uma flecha me atingiu, cegando-me de dor.

À medida que as setas continuavam a cair, aquela cena parecia irreal. Tinha a semelhança de algo que somente aparece nos filmes.

No instante de maior terror, ocorreu-me que o que eu precisava fazer era orar.

"Deus", eu disse, "quanto tempo isso vai durar?" Preciso passar por isso tudo?" Eu podia prever um futuro cheio de torturas, incapacidade de me comunicar, e até a morte.

Então, algo estranho aconteceu. Era como se eu tivesse sido derrubado. Podia ver Jesus na cruz. Comecei a chorar.

"Ó Jesus", eu disse, assustado e temeroso. "Foi isso o que *tu* enfrentaste. Nós parecíamos vis para ti, assim como esses índios se parecem para mim. "Oh, deve ter sido absurdo o nosso ódio."

Fiquei ali em silêncio. "Deus, eu te darei tudo o que puder. Eu te dou as minhas forças, a minha vida. Agüentarei qualquer coisa, qualquer dificuldade e até mesmo estarei pronto a morrer, se tu me deixares falar a respeito de teu Filho aos motilones."

Talvez eu já tivesse feito aquela mesma oração antes. Mas desta vez, no entanto, eu era sincero nas minhas palavras. Julgando que a morte estivesse tão perto, eu precisava ser sincero.

Mais algumas flechas me atingiram, mas eu não estava mais amedrontado com elas. Depois de certo tempo, o chefe foi impedido de continuar atirando as flechas por alguns dos homens mais velhos. Mais tarde eu soube que ele estava bêbado — uma das condições em que se encontravam usualmente, ele e os demais índios da tribo.

Apanhei a flauta e comecei a tocar. Eu a deixara ali na choça na noite anterior. Os seus sons melodiosos eram confortadores, e pareciam diminuir a dor de meus braços e de minhas pernas. Logo alguém, lá fora, começou a tocar juntamente comigo.

Porém o chefe demonstrou claramente que eu não era bem-vindo ali na aldeia. Não havia razão por que eu não poderia deixar a aldeia. Arrumei aquilo que me pertencia, montei na minha mula e comecei a voltar para Machiques.

Justamente quando ia penetrar nas selvas, logo abaixo da aldeia, um velho me chamou. Fez sinal para que eu esperasse, e desapareceu numa das choças. Saiu dela carregando uma criança.

Voltei para ver a criança. Era um menino, talvez de quatro anos de idade, que estava bastante doente. Alguns dos outros moradores, vendo-me olhar para aquela criança, trouxeram outras crianças, que aparentemente tinham a mesma doença. Um círculo de rostos preocupados e tristes formou-se ao meu redor.

Eu tinha na minha mochila um pequeno frasco de antibiótico, mas hesitava em usá-lo. Já haviam decorrido seis meses, desde a data marcada para o seu uso. No entanto, essas crianças poderiam morrer se não recebessem qualquer cuidado médico. Então procurei o frasco de remédio na minha mochila e comecei a distribuí-lo. Não havia o suficiente para todas as crianças, por isso dei a cada um apenas meia dose. Não tinha muita confiança de que isso iria ajudá-las, mas isso era tudo o que eu poderia fazer.

Retirei a carga de minha mula e esperei para ver os resultados. Pedi a Deus que curasse as crianças onde o remédio não poderia. Transcorreu um dia, e não houve nenhuma mudança no estado daquelas crianças. Mas, no dia seguinte, uma das crianças começou a demonstrar certa melhora. Algumas horas depois, todas elas estavam demonstrando sinais encorajadores. Dentro de uma semana, todas estavam brincando alegremente.

O chefe mudou a sua atitude para comigo. Ele podia ver que eu estava interessado em ajudar a sua tribo. Mais tarde descobri que no dia em que ele me encontrara na sua aldeia, dois de seus jovens haviam sido mortos a tiro por colonizadores brancos. Portanto, ele tinha razão de me ver com maus olhos.

A minha visita foi-se prolongando. Comecei a aprender a língua. Logo cheguei à conclusão de que esses não eram os índios motilones. Nenhuma das descrições dos motilones se entrosava com essa cultura.

Esses índios chamavam a si mesmos de iucos. Levaria ainda mais um ano para eu entrar em contato com os motilones. A recepção seria ainda mais amedrontadora.

9. SUBORNO

Terminei de carregar a mula, e andei ao seu redor, para ter a certeza de que todas as correias estavam bem apertadas. Um pequeno punhado de iucos me observava. Eu os olhava com alguma incerteza. Deveria eu fazer alguma coisa mais do que simplesmente dizer-lhe adeus? Deveria eu apertar-lhe as mãos, ou abraçar cada um deles? Os iucos me olhavam impassivelmente, sem nenhum sinal de emoção em suas faces.

Levantei a mão. — Adeus — eu disse. — Sinto deixá-los.

Mentiroso, eu disse a mim mesmo.

Montei na mula e parti, olhando para trás uma vez, para acenar-lhes adeus.

Conduzi a mula sobre a trilha rochosa e íngreme que saía da aldeia. Haviam-me informado que ela levaria à civilização.

Bem, eu havia feito mais do que a minha parte. Devia estar satisfeito com o que fizera. Apesar de tudo, o que deveria ter sido uma longa visita de uma semana, terminara sendo de quatro meses.

Gente, como seria bom voltar à civilização e poder falar com alguém que entendesse inglês. E a comida. A minha boca encheu-se de água, só em pensar numa coca-cola e num hambúrguer. A comida dos iucos era terrível. Dia após dia, era sempre a mesma coisa. Milho e chicha. A chicha era uma bebida alcoólica feita de milho mastigado e cuspido numa grande cabaça, e deixado ali para fermentar. O seu sabor era tão bom quanto a sua descrição.

Era um dia frio e nevoento. Os picos ao redor da aldeia estavam encobertos pelas nuvens. Eu sonhava em desejar voltar às selvas mais quentes e úmidas das elevações mais baixas. Mas quatro meses de constante temor me haviam abalado.

Ê uma tolice sentir-se culpado por partir, pensei comigo mesmo. Eu estava doente. Havia dois meses já que vinha evacuando sangue. Eu precisava de cuidados médicos.

A mula continuou a caminhar pesadamente, levando-me cada vez mais longe dos iucos.

O tédio tornara-se o meu maior inimigo. Eu podia aceitar as flechas atiradas em mim. Pelo menos aquilo terminava logo. Mas levantar todas as manhãs, para ver o mesmo alimento, sentir o mesmo cheiro horrível, estar com as mesmas pessoas com as quais eu não tinha nenhuma afinidade: tudo aquilo me aborrecia. Então era tempo de partir. Eu havia feito a minha parte. E daí? pois ninguém havia chegado a conhecer a Cristo. Eu aprendera o suficiente de sua língua para contar-lhes a respeito dele. Fiz o que pude.

A mula, lentamente, me foi levando por um declive abaixo e depois para cima, na fralda mais alta. O homem que a vendera, não mentira. Era um animal firme de pés, e muito bom. Se essa picada realmente saía das selvas, como os índios haviam dito, logo poderíamos sair dali.

De repente a mula empinou. Tentei segurar-me mas não consegui. Fui atirado ao ar. Minhas mãos se estenderam a fim de agarrar alguma coisa, mas a mula não estava sob o meu corpo. Caí

pesadamente sobre o ombro direito, enquanto ouvia a mula galopando através das moitas.

Levantei-me lentamente. Com a queda, havia deslocado o ombro. Minha mochila se abrira e todas as minhas coisas estavam espalhadas ao longo da picada. Fazia apenas uma hora que eu deixara a aldeia, mas eu não sentia desejo algum de voltar lá. Eu podia prosseguir à pé, na esperança de poder chegar, mas realmente eu precisava daquela mula, e ela estava a caminho da aldeia. Eu precisava ir lá também.

Para voltar a pé, era uma longa distância, e o meu ombro doía terrivelmente. A pior coisa, no entanto, era a dificuldade emocional de voltar a um lugar que eu abandonara fazia pouco. De jeito nenhum eu desejava ir àqueles índios novamente.

Meus piores temores se concretizaram quando me aproximei da aldeia. As pessoas já haviam visto a mula, muito antes que eu lá chegasse, portanto já sabiam o que acontecera. Vieram ao meu encontro, às gargalhadas! O grande homem branco havia sido derrubado por uma mula. Ninguém me auxiliou a levar a mochila.

Eu estava cansado pela caminhada e o meu ombro estava rijo, mas eu não iria ficar e ser motivo de riso. Selei a mula, carreguei-a, e parti novamente.

Desta vez as coisas caminharam muito melhor. Fora esquisito que a mula houvesse pinoteado e me atirado. Não se espera que as mulas procedam dessa forma. E essa era, particularmente, de bom temperamento.

Prossegui durante três horas, e já estava-me sentindo muito melhor. Logo eu estaria no meio da civilização.

De repente a mula empacou, e abaixou a cabeça. Apertei as rédeas, como me haviam dito que fizesse. Mas a mula começou a dar coices e me atirou por cima de sua cabeça. Fui cair numa poça imunda e fria. Contudo, a mula não havia corrido, e eu me levantei e tentei pegá-la. Ela pinoteou e me deu um coice e o seu casco atingiu-me o braço e depois o rosto. O sangue jorrou de minha boca, descendo pelo pescoço e me encharcando a roupa. A dor era de cegar. Eu desejava morrer, mas a dor foi simplesmente aumentando e aumentando como uma espécie de parede que vibrava como uma concha envolvendo-me.

Quando a dor havia diminuído o suficiente para eu poder ver, a mula já havia desaparecido. Fiz pressão na minha boca, para estancar o sangue.

Eu não podia voltar à aldeia; precisava deixar essas selvas. Eu andaria até sair. Mas não agora. Já era tarde. Podia passar a noite ali, e continuar no dia seguinte.

Naquela noite senti calafrios e tremi; dormi apenas intermitentemente. Todo o lado direito de meu maxilar estava inchado e deformado.

Na manhã seguinte eu me sentia terrivelmente doente e sabia que deveria voltar à aldeia. Comecei a pensar o que é que Deus estava querendo me dizer com tudo isso.

Os iucos não gostavam de mim. Eles ficaram tão contentes quanto eu, quando eu partira. Portanto, por duas vezes, por que eu não pudera partir? Por que Deus permitira que a mula me atirasse duas vezes ao chão?

Então me lembrei da junta de missões e da lição que eu aprendera dela. A junta de missões me recusara, mas Deus não. Agora tudo estava acontecendo novamente. Os iucos não queriam, particularmente, que eu ficasse ali, mas Deus queria. E eu precisava seguir a Deus.

O sol estava brilhante naquele dia, e eu me sentia febril e tonto. Não demorou muito para eu pensar que estava sendo assado pelo sol. Minhas roupas estavam duras pelo barro e o sangue seco. A cabeça parecia vazia.

Caminhei aos tropeções. Quando cheguei lá embaixo, num dos vales, vi um riacho que antes eu vira apenas de passagem. Abaixei-me e deitei-me na água fresca, deixando que ela me amaciasse a pele. Fiquei ali deitado, sem mexer, pelo menos uma hora.

Quando me levantei, já era bem tarde. Eu sabia que precisava atingir a aldeia antes do anoitecer. Eu me sentia muito fraco, bastante fraco até para ficar de pé. Caí vezes seguidas, e ficava imóvel por uns minutos, antes de poder reunir forças suficientes para me levantar novamente.

À medida que me aproximara da aldeia, comecei a gritar: "Ajudem-me, por favor, ajudem-me." Desta vez, eu não me importaria se eles rissem de mim.

De repente alguns iucos apareceram. O chefe estava com eles. Eles não deram risadas.

O próprio chefe me carregou para a aldeia e ajudou a tomar conta de mim. Levou uma semana para que eu me sentisse com forças para me levantar. Quando me levantei, então não desejava mais partir. Os índios haviam-se tornado gente para mim. Eles haviam cuidado de mim quando eu necessitara de auxílio. Agora eu iria ficar e ver como é que poderia auxiliá-los.

Não queria dizer que isso se tornara mais fácil. A vida ainda era enfadonha ali, eu ainda estava com disenteria amebiana, e ainda estava expelindo sangue todas as manhãs. Mas eu progredia no conhecimento da língua e logo pude falar razoavelmente bem. Isso ajudou grandemente. Quanto mais eu falava, mais começava a compreender essas pessoas, e quanto mais eu as compreendia, desejava muito mais ajudá-las. Aquilo que me parecera ignorância e estupidez, não se assemelhava a isso agora.

Era algo de que eu precisaria me lembrar muitas vezes: Antes mesmo de realmente compreender um povo, não o julgue.

Mas eu ainda sentia o desejo de ir ter com os motilones. Naturalmente, era tarde demais para ir ajudá-los com a epidemia de sarampo. Mas isso não queria dizer que eu não deveria ir até lá. Gradualmente aquele desejo, que anteriormente fora tão forte, antes que eu me encontrasse com os iucos, reacendera.

Perguntei aos iucos a respeito das tribos daquela área. Uma das tribos se destacava em suas mentes, a tribo com a qual haviam combatido. Os iucos os conheciam como "o povo do petróleo". Aquilo fazia sentido; a região dos motilones era tão rica em petróleo que havia percolações naturais em várias partes dela. Dessa informação e de outras descrições que me deram, logo eu estava convencido que o "povo do petróleo" eram os motilones.

Perguntei aos iucos se eles me levariam aos motilones. Os seus olhos se esbugalharam de temor.

— Oh, não, nós não chegamos perto deles. Ele nos matariam — disse um deles.

Eu insisti.

— Bem — disse ele — há uma tribo de iucos ao sul. Talvez eles possam levá-lo. Você poderá tentar lá.

Desta vez a partida não foi tão difícil. Deus realmente desejava que eu voltasse, embora não tivesse conseguido realizar alguma coisa muito grande. Nenhum dos iucos chegara a conhecer a Cristo. Eu não conseguira me sentir à vontade na cultura deles. Havia ali um negócio inacabado, mas eu sentia a urgência de estar com os motilones — uma insistência que somente poderia vir de Deus.

Então me despedi e fui habitar com aquela tribo mais ao sul. Não esperava ficar ali muito tempo, mas no momento que tentei conversar com um deles, descobri que iria ter certa dose de problemas. Esses iucos falavam um dialeto diferente. Eu não podia entendê-los.

Todavia eles se demonstraram amigos. Aceitaram-me e deixaram que eu comesse e dormisse com eles. Após um mês, eu já aprendera o suficiente de sua língua para poder perguntar-lhes a respeito da possibilidade de me levarem aos motilones.

Ficaram petrificados. — Oh, não, nós não chegamos perto deles. Quem sabe a tribo que fica a leste daqui poderá levá-lo até eles.

Então comecei a ir de tribo em tribo, tentando conseguir alguém que me levasse. Às vezes eu tinha a intenção de pôr-me a caminho, sozinho, mas eu aprendera o suficiente a respeito das selvas para não experimentar isso novamente.

Em cada tribo havia sempre "talvez alguém" que me poderia levar. Certa vez consegui um grupo que fosse comigo, mas após o primeiro dia de andar pela picada, fiquei terrivelmente doente e precisei voltar. A princípio eu julgava que talvez estivesse indo contra a vontade de Deus, como eu o fizera quando ele usara a mula para me fazer voltar. Num segundo pensamento, sabia que desta vez eu estava certo. Eu não ia aos motilones simplesmente para o meu próprio conforto. Ia porque sentira que o chamado era de Deus. Portanto eu insistia.

Tinha os olhos voltados para um jovem iuco. Ele era forte, e um sujeito pronto a rir e a divertir-se. Ele tinha a reputação de

estar pronto a fazer qualquer coisa, desde que houvesse a possibilidade de tirar algum proveito.

Eu tinha um trunfo em minhas mãos. Os iucos adoram coisas brilhantes, e na primeira tribo que eu estivera, eles ficaram fascinados pelos meus zíperes. As minhas roupas, à moda do oeste, havia muito que se gastaram, e eu usava o tradicional poncho dos iucos. Mas eu conservara os zíperes de minhas calças, e os guardava no fundo de minha mochila.

Após esperar dois meses, retirei um deles e o amarrei a um pedaço de cordão. Depois levei aquele jovem à parte. Secretamente eu o fui levando até à selva, e então retirei o zíper da mochila. Deixei-o balançar na ponta do cordão, de modo que o sol, batendo nele, o fizesse brilhar.

Ele tentou agarrá-lo, mas eu o retirei. — Eu lhe darei isso se você me levar até aos motilones — eu disse.

Eu podia ver o conflito em que se achava. Cada vez que ele pensava em se aproximar dos motilones, ele franzia a testa e se afastava. Mas cada vez que olhava para o zíper, ele o desejava ainda mais.

Finalmente, sacudindo os ombros, disse: — Está certo. Por que não?

Eu o segurei pelos ombros. — Maravilhoso. Partiremos amanhã?

Ele sacudiu a cabeça taciturnamente.

10. Uma recepção aterradora

Na manhã seguinte, logo cedo, sete de nós partimos, num caminhar bem rápido. O sol estava apenas surgindo sobre as montanhas quando deixamos a aldeia, e o ar estava fresco e agradável.

Quase não falávamos. Caminhamos apressadamente o dia todo, seguindo algumas picadas quase que invisíveis, sobre as bordas das montanhas, tomando o caminho, nas encruzilhadas, sem consulta alguma. Nem sequer paramos para comer. Quando o

sol se pôs, caminhamos até não poder mais ver a picada. Na manhã seguinte já estávamos a caminho antes de o sol despontar.

Caminhamos naquela marcha penosa durante seis dias. Gradualmente ia-se dando uma mudança na paisagem e no clima. As árvores esparsas dos altos Andes tornaram-se em árvores altas e abundantes da selva tropical. Cipós pendiam das árvores, alguns tão grossos como cordas. Até mesmo os sons eram diferentes. Os papagaios gritavam quando passávamos. Às vezes um macaco guinchava e saltava de uma para outra árvore, a fim de se esquivar de nós.

No final de cada dia eu caía ao chão quando, finalmente, parávamos. Cada dia era mais difícil para me levantar na manhã escura. Os iucos, no entanto, não demonstravam sinal algum de cansaço. O calor os incomodava e o suor lhes corria pelo rosto enquanto andavam, contudo eles não diminuíam a marcha.

Eles estavam-se dirigindo a uma cordilheira no território dos motilones. Disseram-me que, de onde se pudesse avistar uma casa dos motilones, ali me deixariam, para me defender sozinho. À medida que nos aproximávamos da casa, os iucos foram-se tornando cada vez mais silenciosos. Certa vez comecei a comentar a respeito de um papagaio que eu vira de cores brilhantes e imediatamente senti a mão tapar-me a boca. Era um dos iucos. Não havia sorriso algum no seu rosto. Somente quando teve a certeza de que eu não proferiria palavra alguma, é que ele retirou a mão de sobre a minha boca.

Agora não precisávamos mais escalar os Andes elevados. Aqui havia apenas pequenos penhascos e cumes. As árvores eram tão grossas que raramente víamos o céu. Os rios eram o problema. Quase sempre o solo era pantanoso junto às margens, de modo que muitas vezes eram necessárias horas para conseguirmos um lugar seguro para atravessar. No sétimo dia de nossa viagem, acordamos e começamos a caminhar sem proferir uma palavra sequer. Eu sabia que nos estávamos aproximando da cordilheira dos motilones, e apesar de estar excessivamente cansado, mesmo assim sentia certa elasticidade nos meus passos.

Era para isso que eu viera às selvas. Logo eu veria o meu primeiro motilone.

De repente todos os iucos pararam e ergueram as cabeças, como a farejar o ar. Ficaram parados como estátuas. Eu não ouvira som algum, mas permaneci parado, também, ouvindo o meu fôlego que era pesado e alto — alto demais, pensei. Não ouvia nada mais.

Então, como num só movimento, os iucos desandaram a correr, voltando pelo mesmo caminho que vieram. Fiquei ali parado, abismado, por uns instantes, e depois, desajeitadamente, corri atrás deles, imaginando de que é que eu estava correndo. Corri diretamente em direção a uns cipós, tropecei e cai em cheio sobre o rosto, arrastei-me e emaranhei-me novamente nos cipós. E depois, então, uma dor cruciante atingiu a minha coxa, e todo o meu corpo enfraqueceu. E eu caí.

Tudo parecia mover-se lentamente, até mesmo a minha respiração ofegante. Olhei para a minha coxa. Uma longa haste estava pendurada nela, com um pequeno orifício, redondinho e bem feito, onde a flecha penetrara. O orifício era de um vermelho bem forte, por causa do sangue, o *meu* sangue, que vertia e me corria pela perna.

Eu não podia retirar os olhos da haste. Parecia algo irreal. Talvez ela estivesse espetada na perna de mais alguém, e não na minha. Mas não estava.

Depois olhei para o alto e o meu coração quase parou de bater. Eu estava rodeado por homens nus, de pele escura, com enormes arcos destendidos. Nove cabeças de flechas, pequenas, estavam apontadas diretamente para mim. Esqueci-me completamente de minha perna. — Não atirem, não! — eu disse em iuco, implorando também com os olhos. Os olhos deles, semelhantes a pequenos pedaços pretos de carvão, não demonstraram reação alguma. Os seus braços não se relaxaram nos arcos.

— Por favor — eu disse em espanhol. — Eu venho como um amigo.

— Amigo — eu disse em latim.

Sem contudo afastar os olhos de mim, removeram as flechas de seus arcos. Um dos homens veio em minha direção. Eu me acovardei. Ele se abaixou até à minha perna e agarrou a flecha pela haste. Colocando o seu pé na minha coxa, arrancou a flecha.

Vi estrelas dançando, pequenas e vermelhas. Eu não podia respirar. Olhei para a minha perna e vi um pedaço de meu músculo saindo no sangue de onde a flecha fora retirada. Cada segundo a dor parecia ser muito mais forte do que eu poderia suportar, e depois, então, inacreditável, ela se tornou pior ainda.

O homem retirou a flecha e me cutucou nas costas. Tentei ignorá-lo. Eu simplesmente queria ficar ali deitado e morrer. Ele insistiu. Queria que eu me levantasse. Eu o fiz. Depois ele me espetou pelas costas e fui à frente aos tropeções. Os outros homens formaram uma fila e começamos a caminhar em direção ao território dos motilones.

A marcha durou três horas. Minha perna doía além do que posso descrever, mas toda vez que eu começava a diminuir o passo, sentia a flecha espetar-me as costas.

Subimos uma colina íngreme e longa, e eu sabia que não poderia ir muito além antes de desmaiar. Um ponto escuro no canto de meus olhos ameaçava cobrir todo o meu campo de visão. Parecia que a minha perna fora cortada pela metade.

Finalmente chegamos ao topo da colina, à luz do sol, e vi um enorme outeiro marrom no centro de uma clareira rústica. Parecia uma colméia, colocada de maneira fora do normal, no chão. Ficava a uns doze metros de altura e havia buracos escuros e retangulares ao rés do chão.

Dirigimo-nos diretamente para ele e nos abaixamos para entrar numa daquelas aberturas escuras. A princípio estava escuro demais para se poder ver. Ouvi pequenos gritos proferidos por mulheres, arrastar de pés, e choro de crianças. Aos poucos os meus olhos foram-se acostumando àquela semi-escuridão. Fui atirado sobre uma pequena esteira.

As mulheres e as crianças saíram. Apenas os homens ficaram ao meu redor e, ali na sombra, pareciam amedrontadores e perigosos. Num relance, as estatísticas das mortes dos empregados da companhia de petróleo tornaram-se verdadeiras. Porventura haviam me trazido até ali para depois me matar?

Os homens conversaram e depois se retiraram e me deixaram só. Olhei em torno do edifício. Não era redondo como inicialmente eu pensara, mas sim oblongo. Havia nele seis portas. Haviam curvado e atado os troncos das palmeiras desde o chão, de modo a

formar a estrutura de um arco simples e bonito e depois fora coberto de folhas marrons, de palmeira. Meus olhos percorriam de alto a baixo esses arcos. Davam a impressão de que se iam tornando cada vez mais leves, e que se moviam graciosamente, como se uma brisa os estivesse balançando. Senti certo descontraimento. Eu não podia sentir a dor em minhas pernas. Uns instantes antes de eu desmaiar, compreendi o que estava acontecendo, e ri.

— Estou delirando — disse eu em voz alta. — Que tal tudo isso? — E ri novamente.

Creio que acordei no dia seguinte. Não havia jeito de descobrir quanto tempo eu ficara inconsciente. As mulheres e as crianças não me davam a mínima atenção. Senti que estava quente e febril. Minha coxa estava inchada, e um pus amarelado e feio circundava o local onde a fecha havia penetrado.

Tentei erguer-me, apoiado no cotovelo, mas comecei a sentir tonturas, e tive que me deitar novamente, e fiquei olhando para o teto. Os arcos tão altos se assemelhavam quase aos arcos de uma catedral. O murmúrio em surdina das mulheres que trabalhavam, soava como se fossem orações.

Eu estava com diarréia. A primeira vez que senti a necessidade de defecar, tentei levantar-me para ir lá fora. Imediatamente fui atirado de volta à minha esteira. Finalmente conseguimos estabelecer certos sinais convencionais de modo que uma das mulheres pudesse me acompanhar lá fora, junto à porta, onde os índios defecavam. Fiz o mesmo, mas com as faces ruborizadas, porque era uma mulher quem me vigiava cuidadosamente. As minhas viagens, por motivo dessa necessidade, tornaram-se cada vez mais freqüentes.

Eu ficava deitado na minha esteira o dia todo, numa semiconsciência. As glândulas debaixo de meus braços começaram a inchar. Não me ofereciam alimento algum. Fui acordado, de certo torpor, por uma série de gritos, que mais pareciam gritos de guerra. Sentei-me, esperando pelo pior. Os homens entraram correndo, gritando e segurando macacos e papagaios que haviam caçado. Uma conversa excitante encheu a atmosfera. Eles seguraram as aves e animais sobre o fogo, a fim de queimar as penas ou o pelo. A casa estava cheia de uma fumaça sufocante e picante. As mulheres cozinharam os animais.

Estava extremamente faminto, apesar de a minha febre fazer-me ficar com o estômago enjoado. Porém, não me ofereceram alimento algum. Aquela noite, quando todos os motilones haviam dependurado as suas redes e estavam dormindo, fiquei ali deitado, acordado e suando, com a sensação de que a casa estava oscilando e ameaçando cair sobre minha cabeça. Minha coxa doía até à medula do osso. Obviamente ela estava infeccionada, e eu nem sequer podia lavá-la. Comecei a chorar, por causa da fraqueza em que me encontrava. De certo modo, as lágrimas foram confortadoras.

Então comecei a orar, e orei como nunca orara havia muito tempo. Silenciosamente conversei com Deus, com os olhos abertos e observando o leve vai-e-vem das redes dos motilones presas bem alto, longe do chão. Deus me confortou. Ele me fez saber que eu estava fazendo o que ele queria.

No dia seguinte um garoto se aproximou de mim com uma folha de palmeira dobrada em sua mão. Ele sorriu e estendeu a folha. Havia nela uma porção de lagartas mexendo-se. Cada uma delas tinha o tamanho e o formato de uma salsicha.

Eu não sabia o que fazer com aquilo. Encolhi os ombros e o meu rosto demonstrava uma expressão de perplexidade.

Uma das lagartas contorceu-se e caiu ao chão. Rapidamente o menino estendeu a mão, pegou-a, mordeu-a, tirando-lhe a cabeça, e depois mastigou e engoliu o resto daquela larva.

Ele estendeu a folha novamente. Eu devia comer aquelas larvas. Uma onda de náusea me encheu todo. Mas eu estava com fome, e se eu recusasse comer isso, quem é que saberia quando ofereceriam outro alimento, outra vez?

Estendi a mão e peguei uma das larvas menores. Ela se mexeu na minha mão. Fechei os olhos, pus a sua cabeça entre os meus dentes, arranquei-a depressa e a cuspi fora. Todo o conteúdo de seu corpo começou a sair. Eu sabia que se eu olhasse para aquilo, eu não seria capaz de comer, e então enfiei a larva toda na boca e mastiguei. Aquilo parecia borracha. O sabor não era ruim: haviam uma pequena semelhança com toucinho defumado. Apanhei mais uma e a comi, e depois mais outra.

Meu estômago se revoltou. Minha pele ficou fria. Eu podia sentir aquelas larvas virando-se lá no meu estômago. De repente elas voltaram do jeito que haviam descido.

Quando, finalmente, olhei para cima, o menino havia saído. Mais tarde ele me trouxe alguns peixes defumados, e fui capaz de comê-los e de conservá-los no estômago. Daí em diante, deram-me comida suficiente, e não me deram mais larvas.

Fiquei muito mais doente. Parecia que os dias flutuavam. Ainda não me era permitido deixar a esteira, e eu duvidava se porventura seria capaz de ficar de pé para poder sair. As glândulas debaixo de um de meus braços estavam tão inchadas que eu não podia abaixar de todo. Minha coxa não estava cicatrizando.

Quando eu podia ficar acordado, olhava as mulheres trabalhando, os homens fazendo arcos. A maior parte dos homens parecia ser bem cruel. Eles me cutucavam e riam quando eu pulava. Contudo, um deles parece que decidira que iria me proteger. Todas as vezes que ele se aproximava de mim, os outros se afastavam. Ele tinha uma risada bem alta e característica — e a sua aparência, também, era engraçada. Ele andava de pés voltados para dentro, e havia uma pequena cicatriz num dos lados de sua boca. Todos os dias quando voltava da caça, ele sorria para mim e me dizia alguma coisa. Usualmente era ele quem me trazia a comida.

Eu estava lá havia um mês, vivendo uma espécie de meia vida. A minha diarréia ficara pior ainda. Eu estava tão doente que era com dificuldade que me sentava. Eu precisava de auxílio para poder ir lá fora. Eu precisava deixar aquele lugar. Deus queria que eu fosse, eu tinha certeza.

Mas isso significava que iria perder o meu contato com os motilones. Como é que eu poderia perder tudo aquilo depois de tudo que eu havia passado para poder entrar lá? Por outro lado, de que me valeria se eu estivesse morto?

Naquela noite a lua estava brilhando. Eu podia vê-la brilhar lá fora da casa. Silenciosamente eu me levantei, oscilando um pouco, por causa da tontura. Ninguém se mexeu para me impedir. Todos estavam dormindo. Caminhei nas pontas dos pés, em direção à porta. Ainda assim, ninguém se moveu. Saí ao ar livre, para o ar fresco da noite e o meu coração batia apressado por

causa do medo. Por uns instantes eu até me esqueci que estava doente.

Havia um caminho que saía da porta pela colina abaixo. Eu queria encontrar água, a fim de despistar as minhas pegadas. Minha perna doía, onde a flecha a atingira, e ela estava dura, por isso eu tinha que arrastá-la. O caminho era áspero, e as pedras me feriam os pés.

Quando cheguei ao pé da montanha, parei. Havia ali um riacho. Banhei a minha perna. A água ferroava, fazendo com que lágrimas brotassem em meus olhos. Prestei atenção aos sons, para ouvir se estava sendo seguido. Não havia barulho algum.

Eu precisava acompanhar o rio, para baixo ou para cima, caso contrário, eu me perderia. Rio acima, eu sabia, chegaria às montanhas. E no outro lado delas haveria povoações. Rio abaixo, eu não sabia o que iria encontrar. Portanto segui rio acima.

Caminhei durante quatro dias sem nenhum alimento. Não via coisa alguma pelas margens de que eu tivesse certeza, fosse comestível, e eu tinha medo das inúmeras plantas venenosas que havia nas selvas. A febre me queimava. Alternadamente eu me sentia, ora quente, ora frio. Era com um esforço tremendo que levantava os pés. Às vezes eu até vadeava. Outras vezes andava pelas margens rochosas.

O rio serpenteava o seu curso através das montanhas. Tive que cruzá-lo muitas vezes para achar o caminho sobre as rochas. Às vezes as correntes frias me apanhavam, me levantavam e me atiravam de encontro às rochas e penedos, antes que eu pudesse me safar delas. Teria sido muito mais fácil deixar que o rio me levasse embora.

Meus pés estavam inchados de pisar em rochas pontiagudas. Muitas vezes fui impedido de prosseguir pelas quedas d'água, com rochedos de ambos os lados e tive que escalar aquelas pedras lisas, cobertas de musgo, arquejando, em busca de algo que pudesse me segurar, a fim de não cair.

Na tarde do quinto dia, caí esgotado sobre uma pedra entre dois enormes penedos. Recostei-me, descansando o corpo contra a pedra fria e úmida.

Olhei para as minhas unhas; estavam azuis por causa da água fria; e as mãos e dedos estavam de um branco pálido. Todo o meu corpo. Todo o meu corpo gemia de dor; meu estômago doía por causa da fome. Comecei a tremer; e não podia parar. Olhei para a água, e meu olhar estava fora de foco.

Poderia prosseguir? Eu não via possibilidade. Necessitava de comida, de descanso.

Alguma coisa, de um amarelo vivo, parecia mexer-se, para cima e para baixo na superfície da água. Eu não podia concentrar os olhos naquilo. Achava que estava delirando. Esfreguei os olhos. Consegui focalizar a água. Era um cacho de bananas que se balançava ao longo da corrente de água. Agarrei-as quando boiavam ali perto. Eu não podia acreditar. E as bananas também estavam maduras; bananas verdes são terrivelmente amargas.

Passei por uns maus pedaços, tentando segurá-las no estômago, mas à medida que comecei a digeri-las, sentia que me estavam dando forças e uma nova esperança.

Levantei-me e comecei a andar rio acima. Em poucas horas o rio atingiu uma enorme bacia, de onde aos poucos se foi dividindo em diversos riachos. Subi pelo paredão da bacia e finalmente alcancei o topo das montanhas.

Eu podia ver além os declives arborizados daquela área lá embaixo. Em parte alguma havia sinal de vida. Em parte alguma havia uma brecha entre as árvores — somente quilômetros e quilômetros da mesma selva que eu havia atravessado.

Desabei num tronco caído. Qual o motivo para eu continuar? Mesmo que houvesse uma colônia por ali, eu nunca a poderia achar.

Todos os dias, desde a minha fuga, eu pensava, *se eu ao menos pudesse atingir o topo das montanhas, estaria salvo.* Agora eu via que não estava em situação muito melhor do que anteriormente. Não havia segurança em parte alguma.

Então, lembrei-me das bananas. Porventura Deus as havia enviado para caçoar de mim, para me fazer pensar que havia esperança, e depois tirá-la?

Lembrei-me das palavras: "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários." Deus me havia dado, no meio das

selvas, uma mesa, uma mesa de bananas maduras. Iria ele se esquecer de mim, agora?

Algures lá ao longe, pensei, olhando aqueles quilômetros de árvores intocáveis, *deve haver pessoas que poderão me ajudar. Deus me mostrou o cacho de bananas quando eu precisava. Ele poderá levar-me àquelas pessoas.*

Não posso afirmar que eu tinha plena confiança de que ele faria isso. Contudo, ergui o corpo dolorido daquele tronco e comecei a andar novamente.

Encontrei o leito de um riacho no vale, lá embaixo e o segui. Eu estava num estado de torpor. Parecia que estava passando por um sonho muito ruim, do qual não podia acordar.

Andei pelo leito do rio o dia todo. Às vezes, eu preferiria me deitar e deixar que a água me levasse embora. Mas continuava caminhando.

A princípio não reconheci o barulho. Era alto e agudo — semelhante ao barulho do pica-pau, apenas mais alto e mais lento. Escutei com todo cuidado, pensando que fosse um barulho bastante estranho de se ouvir no meio da selva. Algo dentro de mim me alertou de que aquilo era importante. Alguma coisa despertou em minha memória, mas eu não podia lembrar-me do que era. Tratava-se de um barulho que eu já ouvira antes.

Resolvi investigar. À medida que me aproximava, pude me lembrar. Era o som de um machado batendo na árvore. Um ser humano!

Porventura Deus havia feito isso? Ele me havia levado até à civilização?

Apressei-me em direção ao som, tropeçando, e as minhas pernas se movimentando num gingado descontrolado, tentando correr. Então vi dois homens cortando a base de uma enorme árvore. Quando gritei para eles, perdi o equilíbrio e caí no chão.

10. DENTRO E FORA DA CIVILIZAÇÃO

— Quem vem lá? — gritou um dos homens, provavelmente pensando que eu fosse um índio. Eu havia caído atrás de uma moita, por isso eles não me podiam ver.

— Socorro — gritei. — Por favor, ajudem-me. Eles pararam o trabalho e vieram ver-me.

— O que há com você? — perguntou um deles.

— Médico — foi tudo o que pude falar ofegante.

Eles se olharam com expressão de surpresa, depois me ergueram e me recostaram numa árvore. Deram-me um bolinho de milho e um pouco de açúcar. Abri a boca para lhes agradecer, mas vi que não podia falar. Levou um tempo enorme para eu poder comer o bolinho. Eu estava demasiadamente fraco para poder mastigar muito bem.

Os homens pegaram a mula, puseram-me sobre ela e me levaram à casa mais próxima. A esposa de um deles trouxe-me um bocado de feijão vermelho, muito gostoso, duas broinhas de milho e uma xícara de café, doce e delicioso. Comecei a sentir-me mais forte. Enquanto eu socava a comida em minha boca, perguntei a eles a que distância eu estava de Machiques.

— Machiques? Nunca ouvimos falar nisso.

Fiquei surpreso. Machiques era uma cidade bem conhecida.

— Qual é a cidade mais próxima daqui? — perguntei.

— Talamaque.

— A que distância fica? Nunca ouvi falar sobre ela.

— Dois dias de viagem ... andando.

— E qual é a maior cidade mais próxima?

— Rincon Honda.

— O quê? Colômbia? Estou na Colômbia?

Não parei para pensar nisso. Poucos minutos mais tarde eu estava dormindo. Acordei numa cama, a primeira cama que via depois de mais de um ano. O sol brilhava através da janela, no

mesmo ângulo que brilhava quando eu adormecera. *Dormi apenas alguns minutos,* pensei. E depois, então, compreendi que devia ser o dia seguinte.

Levantei-me, lavei-me e me vesti. Sentia-me melhor, se bem que ainda me sentisse bastante fraco. Olhei no espelho. Eu era igualzinho a um espantalho! As minhas roupas — que eu recebera dos iucos, estavam em farrapos. Não era para se admirar que os homens ficassem amedrontados.

Naquele dia repousei sem gastar muita energia. Meu corpo não estava acostumado à alimentação, de modo que comi apenas pequenas porções. Pois, caso contrário, eu ficaria doente. Apanhei um mapa e tentei calcular onde é que eu estivera durante o ano passado.

No dia seguinte os colonos me levaram a Talamaque. Eu tinha algum dinheiro venezuelano, que conseguira conservar durante todo o tempo que estivera nas selvas. Troquei-o por pesos colombianos, fui a uma loja e comprei um bom par de sapatos, um par de calças de brim, e uma camisa. Deixando, no quarto de vestir da loja, as minhas roupas sujas e rasgadas, dirigi-me para a rua, sentindo-me como um novo homem.

Eu desejava transpor a fronteira e ir a Bogotá, a capital da Colômbia. Ali eu poderia decidir o rumo a tomar. Eu não possuía dinheiro suficiente para chegar até lá, então comprei uma passagem de trem para parte do caminho. Com isso, fiquei totalmente sem dinheiro. Mas não me preocupei como é que eu faria o resto da viagem. De um jeito ou de outro, isso seria resolvido.

Que coisa maravilhosa estar sentado num trem e deixar que ele me levasse, sem esforço algum, sem nenhuma preocupação. Jamais antes eu achara tão gostoso andar de trem. A sua velocidade parecia inacreditável. Eu estendi as pernas no banco da frente e me descontraí.

No meio da viagem o trem parou, e alguns soldados entraram. Começaram a andar pelo vagão onde eu me encontrava, olhando os documentos de todos os passageiros.

— Psiu, que é que eles estão fazendo? — perguntei a um homem que estava no outro lado do corredor.

Ele encolheu os ombros. — Eles estão procurando os guerrilheiros comunistas. Às vezes eles os prendem nos trens.

Um soldado baixinho, atarracado, com um bigode basto e grande, aproximou-se de mim. — Por favor, posso ver os seus documentos?

Eu sacudi a cabeça. — Sinto muito, mas não tenho nenhum.

— Você não tem nenhum? Por quê?

— Eu simplesmente estou vindo das selvas.

Muitas cabeças se voltaram em minha direção para me olharem. O soldado tinha uma aparência inflexível. — Será melhor você me acompanhar — disse.

Ele me levou ao seu comandante, que, por sua vez, também não acreditou na minha história. Fui retirado do trem. O comandante telegrafou para Bogotá, informando que havia capturado um expatriado, suspeito, que aparentemente estivera foragido nas selvas.

Levaram-me para um posto militar, onde me serviram um bom almoço, bastante farto. E então o comandante me informou que precisaria enviar-me para Bogotá para um inquérito.

Tudo o que o fiz foi encolher os ombros. Intimamente eu estava rindo. Eu não tinha mais dinheiro e somente a passagem que me levaria a meio caminho de meu destino. Agora, a milícia militar estava me alimentando e enviando para onde eu desejava ir! Eu tinha um Amigo excelente lá nos lugares altos.

Contei a minha história, lá em Bogotá a um bom número de oficiais de alta patente. Eles não acreditaram em tudo, mas eu os convenci de que realmente estivera nas selvas. Telegrafaram para a embaixada norte-americana, que naturalmente nunca ouvira falar de mim, visto que eu não estava registrado na Colômbia. Não pude convencer os oficiais de que deveriam investigar na Venezuela. Eles tinham a certeza de que aquela parte de minha história era falsa.

— Ninguém — disseram eles — entra no território dos motilones e sai vivo.

Tentando fazer-me cair em contradições, eles me enviaram ao Dr. Gregorio Hernandez de Alba, chefe da comissão dos índios da Colômbia. O Dr. Hernandez havia lido um artigo sobre os índios

iucos, escrito por um antropólogo e então ele me inquiriu a respeito da cultura deles. O que eu lhe disse concordava, naturalmente.

— Pois bem — ele disse —, eu creio em você. Você esteve com os iucos.

— Mas e a respeito dos motilones! — perguntei. — O senhor não crê que eu estive com eles?

Ele encolheu os ombros e sorriu. — Jamais alguém esteve em contato com os motilones, portanto não há jeito algum de comprovar a sua história.

Ele estendeu a mão. — Não tem importância, mesmo assim eu creio em você.

Ele se responsabilizou por mim, legalmente, de modo que eu poderia conseguir os documentos oficiais para permanecer na Colômbia. Também me deu algum dinheiro e me ajudou a achar uma pensão onde eu poderia ficar.

Alguns dias mais tarde encontrei-me numa igreja Batista, em Bogotá, com um casal de norte-americanos, os Martin. Eles me convidaram a ficar com eles, deram-me dinheiro para comprar roupas e outras coisas necessárias, e me apresentaram a muitos de seus amigos.

Eu passava a maior parte de meu tempo andando por Bogotá. Cada dia que passava, ia-me sentindo bem melhor. Era uma coisa extraordinária poder comunicar-me livremente. Sentia-me em casa, e quanto mais pensava nisso, menos vontade eu tinha de voltar aos motilones. A vida era dura nas selvas. Eu havia passado quase dois anos no seu seio, e na maior parte do tempo estive doente, comendo um alimento horrível, quando comia algum, e incapaz de me comunicar muito bem: Portanto, por que deveria eu voltar? Que é que havia lá que me atraía?

Bem, pensei, *eu deveria estar falando aos índios a respeito de Jesus. Foi para isso que Deus me enviou aqui.*

Como é que eu iria fazer isso? Eu não devia voltar às selvas e transformá-los em norte-americanos, como alguns dos missionários parece que estavam fazendo. E com todos aqueles mitos e histórias indígenas, lendas e ritos estranhos, onde e como é que Jesus Cristo poderia apelar para eles?

Mas um homem não abandona a sua esposa simplesmente porque é penoso alimentá-la. Apesar do quanto desejava estar longe das selvas, eu sabia que iria voltar lá. Eu *precisava* voltar. Era lá que Deus desejava que eu estivesse. Ele afirmara isso tantas vezes que eu não podia ter dúvida alguma. E, o mais importante, ele despertara em mim um amor pelos motilones, apesar de tudo o que eu passara, enquanto estivera com eles, que parecia inacreditável. Eu sabia que isso não fazia sentido, mas quando me perguntavam acerca das minhas aventuras, descobria que mais e mais eu falava a respeito dos motilones, da maneira que viviam, e gastava menos tempo, todas as vezes, em falar no que me acontecera. Eu amava aquele povo. Sentia orgulho dele.

No entanto, Bogotá tinha uma atração. Eu sentia prazer em estar ali. Desejava ficar ali tanto tempo quanto me fosse possível.

"Pois bem, Senhor, voltarei", eu disse. "Mas não tenho meio algum para poder ir lá. Quando quiseres que eu volte, tu darás um jeito para que eu possa ir."

O casal com quem eu morava, os Martin, trabalhava para a companhia de Petróleo Texaco. Eles estavam interessados na minha história, e o Sr. Martin desejava que eu a contasse ao superintendente da Companhia Petrolífera Colombiana, que está associada à Texaco e Mobil. Concordei em fazer isso, devido à bondade do Sr. Martin para comigo.

Frank Lerory, o superintendente, ouviu a minha história com toda atenção. Quando terminei, ele se recostou na cadeira e franziu a testa, como se fosse me dar más noticias.

— Sr. Olson, nós contratamos dois excelentes antropólogos para entrarem em contato com a tribo conhecida como dos motilones. Como sem dúvida o senhor já ouviu, parece que são os motilones que atacam os nossos funcionários.

— Os antropólogos, contudo, em ambas as ocasiões, se comunicaram com os índios iucos, e afirmaram que eles eram conhecidos como os motilones —. Ele encolheu os ombros e ergueu as mãos para o alto. — Por que, então, devemos aceitar o que o senhor está falando?

Mencionei algumas das diferenças na maneira de viver entre os motilones e os iucos.

— Oh, pois bem — disse ele. — Creio que o senhor sobrevoou aquela área. E qualquer pessoa pode fazer isso.

Isso me enraiveceu. — Não estou interessado em que o senhor creia ou não em mim — eu disse. — Eu simplesmente vim aqui porque o Sr. Martin me pediu para fazê-lo.

Ele demonstrou certo aborrecimento. — Então, que é que o senhor espera receber de nós?

— Não desejo coisa alguma do senhor — eu disse. "Eu simplesmente vim a pedido de um amigo."

Ele abanou a mão. — Pois bem, o senhor veio. Muito obrigado.

Levantei-me e virei-me para sair, sem sequer dar-lhe um aperto de mão.

— Espere um minuto — disse ele. — O senhor deseja voltar ao território dos motilones?

Eu me virei. Imediatamente me lembrei do que havia orado alguns dias atrás.

— Sim — eu disse simplesmente.

— Temos um DC-3 que partirá depois de amanhã para o rio de Ouro — ele disse — ; creio que poderei arranjar para que o senhor vá junto, se quiser ir. Ali é o ponto mais próximo que poderá chegar até o território deles.

Lentamente sacudi a cabeça. — Muito obrigado. Sei que é. Eu gostaria imensamente de poder ir.

12. UMA ESPERA IMPACIENTE

Após um mês em Bogotá, as selvas pareciam estranhamente quietas e serenas. Montei o meu acampamento junto à margem de um riacho, e esperei que os motilones me achassem. O acampamento estava na junção de três trilhas diferentes usadas por eles, e eu sabia que não estava muito distante da habitação dos motilones. Mas teria sido perigoso simplesmente ir até eles. Em vez disso, deixei vários presentes nas picadas, para que os motilones os achassem.

Meus equipamentos pareciam luxuosos comparados ao que eu possuíra anteriormente. Eu possuía um encerado plástico para me proteger das chuvas que caíam à noite, e suficiente alimentação para uma semana ou mais. Eu tinha, inclusive, três livros: uma Bíblia, *Dr. Jivago* e *Selva Verde em Pano Vermelho,* uma aventura antropológica com os índios iucos. Eu estava muito satisfeito comigo mesmo. Logo eu estaria de volta, no meio dos motilones, pensei. Durante a expectativa, eu podia ir gozando a selva, fazer as minhas leituras e descansar.

A civilização estava a muitos quilômetros longe de mim. Do rio de Ouro, onde terminava o território da companhia petrolífera, um fazendeiro me havia levado rio acima até ao ponto onde tivera coragem de chegar. E então eu entrara novamente nas selvas, perdendo várias vezes o caminho, indo e voltando, e tentando compreender, pelo instinto, essas picadas indígenas tão emaranhadas. Finalmente eu encontrara um local para acampar.

Todos os dias eu ia observar os presentes que colocara nas picadas. Eu amarrara um pedaço grande de fazenda vermelha nos galhos de uma das picadas, amarrara às árvores pequenos saquinhos contendo açúcar e sal, e deixara três machadinhas "deitadas" no solo de uma outra picada. Elas estavam deitadas porque os motilones haviam declarado guerra, segundo me informara um dos empregados da companhia petrolífera, espetando nas picadas as suas flechas de ponta para baixo. Eu não desejava confusão alguma: eu vinha numa atitude de paz.

Todos os dias eu gastava uma boa parte do dia observando os presentes, pois eu precisava enfrentar e lutar contra os cipós e galhos que cobriam as diferentes picadas. Depois de investigar, eu voltava para o meu acampamento. Ele estava situado num outeiro, à sombra de uma árvore de mogno, cujas raízes se projetavam para fora, semelhantes aos botaréus de uma catedral. Era um lugar confortável, com exceção dos insetos. Usualmente eu costumava pescar à tarde, cozinhava algum alimento no fogo que eu mantinha sempre aceso, e depois lia.

Passou-se uma semana, depois duas. Não havia sinal algum de que os presentes tivessem sido tocados. As semanas se transformaram num mês. O meu alimento terminara. A selva já começava a me parecer apreensiva. Os gritos dos animais, muitas vezes, não me deixavam dormir a noite toda. Eu sabia que havia

tigres que sorrateiramente buscavam suas presas durante a noite. As vezes, quando ouvia o grito de um animal, eu chegava a tremer. Durante o dia, as grandes árvores estavam sempre gotejando e pareciam escuras e sombrias. Eu desejava poder ver o sol através da vegetação da selva. Havia um sentido amedrontador na quietude, como se a minha presença tivesse feito calar a selva toda; como se qualquer palavra proferida ecoasse incessantemente na quietude. As vezes, para aliviar aquele silêncio, eu ficava ali de pé, e gritava várias frases em todas as línguas que eu podia me lembrar.

Comecei a pensar se realmente os meus presentes trariam algum resultado. Todos os dias, quando fazia a ronda e ao contornar uma picada, eu esperava ver alguma mudança. Todos os dias eles estavam exatamente como eu os deixara. Comecei a ficar impaciente. Depois de lutar durante várias horas para chegar aonde estavam os presentes, eu dava uma olhadela com todo desprezo e saía. Eu já lera os meus livros várias vezes e já me cansara deles. Eu desejava que acontecesse algo.

A minha impaciência parecia ridícula. Ali estava eu, que entregara toda a minha vida aos motilones, e não podia'ficar nas selvas, algumas semanas, esperando confortavelmente. Por que toda aquela pressa?

Todas essas considerações racionais foram postas de lado no entanto, quando fiquei sumamente feliz, porque após dois meses de espera, descobri que os meus presentes haviam desaparecido. Eu quase não podia acreditar. Examinei com cuidado para ver se era exatamente o mesmo lugar. Não havia dúvida alguma; eu conhecia a localização tão bem quanto a palma da minha mão. Podia descrever cada ramo da árvore. Os presentes haviam sido levados.

Coloquei mais alguns presentes. No dia seguinte também aqueles foram levados. Novamente coloquei outros presentes. Naquele dia eles foram substituídos por um arco e uma flecha. Aquilo era um grande passo: eles estavam prontos a trocar os presentes.

Desta vez resolvi colocar os presentes e ficar ali por perto, para ver se eles os aceitariam de mim pessoalmente. Eu tinha certeza de que na selva havia olhos que me espreitavam. Eu os queria ver.

Então me sentei na picada e esperei. Passaram-se várias horas. Não vi e tampouco ouvi coisa alguma. Eu tinha o meu equipamento de pescar e ali perto havia um riacho; então resolvi pescar. Provavelmente eu os ouviria se viessem buscar os presentes.

Quando voltei, depois de pescar, os presentes já não estavam mais ali. No lugar deles havia quatro flechas enterradas no solo, de ponta para baixo.

Era um aviso dos motilones. Eu devia fugir para salvar a vida. Mas se fugisse agora, provavelmente nunca mais os veria. Eu teria perdido todos aqueles meses e anos. Minha consagração teria sido uma fase vazia de minha vida.

Ajoelhei-me e orei. Parecia ser a única coisa lógica que eu poderia fazer. Quando me levantei, tive uma idéia. Arranquei as flechas e as coloquei estendidas, uma por uma, ali no chão. Depois apanhei mais alguns presentes e os coloquei sobre as flechas. Talvez aquilo os convenceria de que eu vinha com sentimentos de paz.

Comecei a dirigir-me de volta para o meu acampamento, seguindo a picada. À medida que avançava, encontrava outros sinais. Havia uma camisa branca, toda cortada e feita em trapos. Mais além, junto à picada, encontrei uma raiz de mandioca aberta ao meio, onde haviam esfregado terra dentro dela.

Que é que esses sinais indicavam? Porventura os motilones iriam cortar o meu corpo ao meio e esfregar terra dentro dele? Iriam retalhar o meu corpo?

Nisso ouvi um farfalhar na moita. Parei à escuta. O farfalhar parou também.

Era a minha imaginação, pensei. Comecei a caminhar novamente. Porém havia sons bem definidos junto à picada. Eu estava sendo seguido.

Procurei ver através daquela vegetação verde e espessa. Mas não vi coisa alguma. Continuei a caminhar, olhando ao meu redor constantemente, esperando sentir uma flecha chiando em minhas costas.

Lembrei-me de uma frase em motilone que eu aprendera com eles quando estivera lá anteriormente. Tinha plena certeza de que significava "venha cá". Eu a gritei para os índios.

"Guaycaba dobucubi! Guaycaba dobucubi!"

Depois de proferi-la várias vezes, novamente ouvi aquele farfalhar, desta vez como se alguém se estivesse afastando de mim, e voltando para as selvas. Então houve completo silêncio.

Mais tarde descobri que "dobucubi" queria dizer: "Vocês aí, preguiçosos, que não valem nada", portanto eu estava gritando: "Venham seus preguiçosos, vocês que não valem nada." Mas naquela ocasião eu não sabia. Não sabia o que fizera, então. Dois meses de espera haviam-se transformado em nada por um erro estúpido que eu nem sequer podia identificar. Senti-me completamente frustrado. Minhas esperanças, que haviam sido tão grandes naquela manhã, desapareceram. Comecei a correr pela picada em direção ao meu acampamento, debatendo-me contra os espinhos e os cipós. Tudo o que eu desejava era poder sair daquele lugar. Eu já suportara dos índios tudo o que fora possível. Eles eram estúpidos e irracionais.

Então corri, arfando furiosamente, e tampouco sentindo o cansaço. Senti, então, toda aquela solidão dos dois meses passados ali. Eu sentia que as moitas me estavam estraçalhando as mãos e o rosto, mas aquilo até me parecia bom. Eu queria partir, esquecer os índios.

Penetrei abruptamente na clareira onde estava o meu acampamento, e fiquei ali por uns instantes, arfando. Depois, então, apanhei o machado e corri até à água, e comecei a derrubar uma árvore de madeira própria para se construir uma balsa. Eu construiria uma jangada, e flutuaria para fora dali.

Trabalhei num frenesi. Logo a árvore se balançou, caindo com um choque no rio. Imediatamente parti para uma segunda, aprofundando o corte do machado. Essa também caiu. Fui a uma terceira.

Então olhei para cima. Ali estavam os motilones — seis deles, com as cordas de seus arcos esticadas. Sem pensar, atirei o machado ao chão e me escondi atrás de uma árvore. Eu os espiei. Aparentemente não davam indicação alguma de que desejavam me

matar. Eles, simplesmente estavam esperando, segurando os seus arcos de prontidão.

Saí de trás da árvore. Estendi as mãos, mostrando que elas estavam vazias. Minha raiva havia desaparecido. Olhei para os seus rostos em busca de algum sinal; minhas mãos tremiam levemente.

Lentamente eles relaxaram a posição dos arcos. Um deles avançou em minha direção. Ele era aquele de pés voltados para dentro. Olhei mais cuidadosamente para o seu rosto. Havia uma pequena cicatriz num dos lados da boca.

Sorri para ele, com a esperança de que ele me reconhecesse. Ele retribuiu o sorriso. Sorri mais abertamente. Ele fez o mesmo. Ele me conhecera. Falou uma palavra com os outros homens. Eles abrandaram. Então ele deu aquela risada grande e longa, pela qual eu o conhecera no outro lado das montanhas. Lá ele fora a única pessoa amiga, e agora eu vinha encontrá-lo aqui a centenas de quilômetros.

Os homens começaram a falar entre si. Eu podia ver que não estavam zangados; até nem pareciam me vigiar tão de perto. Depois, então, o homem da risada fez sinal para que eu os seguisse, e nós partimos. Desta vez não havia nenhuma lança em minhas costas.

Quando chegamos à casa comunitária, causei uma grande comoção. Os motilones me cercaram, cutucaram, esfregaram. Eles estavam tão interessados nos cabelos de meus braços e pernas. Eu notara anteriormente que os motilones não os têm. Um jovem tocou-me o braço, depois segurou um pouco de cabelos loiros e puxou-os.

— Ui! eu disse. A dor fora excruciante. Porém ele apenas riu e todos os outros riram com ele. Eles puxaram a minha camisa, os meus *shorts,* como se não tivessem certeza de que aquilo não fazia parte de meu corpo. Eles me deram socos e me apertaram os músculos.

Arrancaram mais uns punhados de meus cabelos. Doeu, mas, é claro, eles estavam-se divertindo. Logo eu mesmo precisei rir. Eu estava sorridente. Eles não iriam me ferir. Eu fizera novo contato com eles. Mais uma vez tinha a oportunidade de alcançar os motilones.

Naquela noite me deram alimento e uma rede na qual eu poderia dormir. A rede estava pendurada tão alta nos caibros, que foram necessárias várias tentativas para alcançá-la. Na primeira vez que tentei, caí, e todos riram. Mas finalmente consegui, e sentindo-me um tanto inseguro, tentei relaxar. A rede balançava suavemente.

Olhando para o teto, estudei aqueles caibros curvos, tão meus conhecidos. E então vi algo que se parecia com um ratinho que descia por uma das cordas e caminhava em minha direção. Tinha um formato chato e bastante esquisito para ser aquele animal. Quando estava a uma distância de um braço, vi que era uma enorme barata, talvez de doze centímetros de comprimento. Dei um pequeno grito e atirei-a ao chão. Aparentemente ninguém notara. Voltei a deitar-me na rede e ri nervosamente.

A casa estava em silêncio. Eu ouvia, de vez em quando, apenas alguns fragmentos da linguagem modulada e explosiva dos motilones.

Logo, pensei, *compreenderei isso.*

13. DESÂNIMO

No dia seguinte permutamos os nossos nomes. Apontei para mim mesmo.

— Bruce Olson — pronunciei claramente.

A maior parte das pessoas ao meu redor tinha um olhar confuso. Um dos homens tentou dizê-lo. "Bruchalonga." Ele tornou a experimentar. "Bruchko."

— Bruce Olson — eu disse.

Ele sorriu e abanou a cabeça. — Bruchko — ele disse. Virando-se, disse alegremente a um homem perto dele:

— Bruchko — ; tentativamente aquele índio repetiu-o

— Bruchko —. Logo o grupo todo havia espalhado o meu nome por toda parte. "Bruchko" eles repetiam, apontando para mim.

Então fiquei sendo Bruchko.

E também eu era uma celebridade. Eles imitavam o meu modo de falar, apertavam-me os braços, ou passavam a mão no meu estômago. Às vezes, quando eu estava deitado na minha rede, duas ou três crianças subiam na rede e ficavam ali comigo, falando e trepando por cima de mim, como se eu fosse uma grande peça de estatuária.

Eu comia uma boa quantidade de peixe defumado e mandioca fervida. Tudo era delicioso. O primeiro homem a me reconhecer, cujo nome era Arabadoyca, usualmente era aquele que me trazia o alimento, numa grande folha de bananeira. Eu descia de minha rede e comia, enquanto ele ficava ali de pé, sorrindo, juntamente com o grupo usual de curiosos. Tudo o que eu fazia, parecia interessá-los. E eles estavam sempre rindo, cantando ou conversando.

Logo cedo de manhã, os homens saíam à caça, e as mulheres começavam o seu trabalho diário. As crianças brincavam de pega-pega, ou faziam pequenas flechas e as atiravam a um alvo. Horas mais tarde, os homens voltavam trazendo o que haviam caçado e então haveria uma refeição, e todo mundo desfrutava o aroma da carne assada, gritando de um lado para outro, no centro da casa comunitária. Cada família cozinhava a sua própria comida, e a comia com prazer todo especial. Quando estavam satisfeitos, os seus estômagos ficavam salientes, e eles caminhavam em volta, acariciando o estômago uns dos outros, como mães orgulhosas quando estão comparando seus bebês.

Parece que todos ali estavam gostando de mim, e eu me sentia animado. Eu já estava me aplicando intensamente para aprender a língua dos motilones, mas via que seria um processo muito longo e lento.

Lá em Minesota eu trabalhara com clubes de meninos, e conseguira fazer uma "mágica", de retirar o meu olho e limpá-lo. Diversos meninos estavam na minha rede quando me lembrei dessa mágica. Peguei cada um deles, sentei-os no chão, e me preparei para apresentar o meu papel. Outras crianças se aproximaram para ver o que estava acontecendo.

Coloquei meus dedos num dos olhos, e os mexi de um lado para outro, fazendo um certo barulho com os dentes. Depois,

fechando o olho, fiz de conta que o estava tirando da órbita, soprei sobre ele, limpei-o com a camisa. Coloquei-o novamente na órbita, dei uma viradinha para ajustá-lo, e depois o abri. Ah! Agora era bem melhor. Eu via com muito mais clareza.

As crianças ficaram encantadas. Pediram que eu fizesse o mesmo com o outro olho. Então eu o fiz. Depois, fiz de conta que estavam cruzados. Aquilo foi uma grande sensação. A maior parte das crianças correu para fora a chamar outras crianças ou os seus pais, a fim de que pudessem ver aquele maravilhoso espetáculo.

Eu estava tão satisfeito de ser tão bem recebido. Mas à medida que as pessoas se iam reunindo ali, deduzi que aquela cena deveria ter um significado prático na aprendizagem da língua. Então apanhei um caderno e lápis que estavam numa prateleira, que rodeava o interior da casa, e enquanto eu apresentava a minha mágica, prestava atenção ao que o povo dizia, e ia anotando tão bem quanto me era possível, o que estava ouvindo.

Quando tirei os meus dois olhos, as crianças disseram alguma coisa parecida com isto: "Agora ele colocará os seus olhos-cruzados", e então eu aprendi o verbo no futuro.

Quando coloquei um olho em minha boca, e o engoli, houve uma expressão de surpresa. "Ele o engoliu!" um dos garotos disse num sopro. Isso me deu o verbo no passado.

Quando arrotei o olho, ouvi um verbo no passado, mas com um significado de algo que continua no presente.

Apresentei a minha mágica a cada um dos motilones na casa comunitária, umas dúzias de vezes, até que tive a impressão de que os meus olhos se tornariam pretos e azuis. Mas, ao mesmo tempo, o meu caderninho estava-se enchendo de palavras da língua dos motilones.

Também, os outros jogos dos quais eu me lembrava foram úteis. Eu fingia cortar o braço, com a minha mão acima da manga da camisa, e depois puxava o braço para fora da manga, como se estivesse quebrado. Os motilones riam a valer, depois cortavam os seus próprios braços e puxavam. Mas nada acontecia. Eles olhavam com certo espanto, e eu dizia: — Por que vocês não deixam que eu faça isso no seu braço? — Eles riam e diziam: — Não, faça no seu próprio braço —, e saiam correndo, fugindo de mim.

Eu deixava o braço tenso, e o virava em círculos, como se estivesse quebrado no cotovelo e pendurado. Naturalmente, os motilones estavam abismados, pois não conheciam a farsa.

Eles tinham uma capacidade inacreditável para ver essas apresentações vezes seguidas. Mas, com o tempo, todo mundo se cansou disso. E depois de algumas semanas a maior parte dos motilones havia perdido interesse nelas, e eu também.

Tentei interessar-me mais na vida dos adultos ali na casa comunitária. Um dia eu observava Arabadoyca fazendo as suas flechas e até tentei fazer uma para mim mesmo. Naturalmente, ela estava errada por completo, mas Arabadoyca era um professor muito paciente. Era interessante, mas também era necessário certa dose de prática. Após alguns dias, procurei outra coisa para fazer.

Comecei a observar as mulheres quando teciam. Geralmente elas nunca deixavam um homem sentar-se ali e observar, mas desde que eu era pessoa de fora, elas me permitiram, apesar de que cochichavam e enrubesciam enquanto eu estava ali. A tecelagem fora um dos meus passatempos favoritos, e eu me interessei intensamente em observar as mulheres tecerem o fio, com aquele algodão rústico que haviam colhido, e depois tecerem aquela fazenda áspera para as suas saias. Era a hora de camaradagem social para elas, e ao mesmo tempo eu podia ouvir muita conversa entre elas. Naturalmente, eu não entendia coisa alguma, mas ia-me acostumando aos sons da língua, que eu julgava me ajudariam mais tarde. Comecei a pensar que gostaria de ter o meu próprio tear onde eu pudesse trabalhar. Mas eu sabia que não era uma idéia muito boa. Se eu passasse as horas tecendo, logo os homens me expulsariam, pois aquele era o trabalho das mulheres. Era interessante, durante um dia, dois ou talvez três, observar a fabricação de flechas, as mulheres tecendo, mas depois desse tempo, não se agüenta mais.

Comecei a almejar que o dia tivesse apenas três horas, e que o resto do tempo fosse separado para dormir. Eu ficava em minha rede horas seguidas durante o dia, olhando para o alto teto, desejando poder dormir. Comecei a ir para a minha rede muito cedo, logo depois do jantar. Mas então eu acordava às duas da manhã, por isso me forcei a ficar acordado à noite. Eu ficava olhando para alguma coisa, ou então me esforçava a escutar as

conversas sem sentido, para mim, até que fosse bastante tarde para eu ir dormir.

Um nevoeiro de depressão começou a encher os meus dias. Parecia que o sol não se movia de jeito algum, e cada dia durava muito mais tempo, e que todos os dias eram semelhantes.

Eu não me deveria sentir infeliz. Os motilones eram alegres, gentis, um povo amigo. Um dia observei uma das mães tecendo, segurando a filha ao colo. A criança pôs as mãos na fazenda e misturou todos os fios até que todos eles ficassem emaranhados. Mas a mãe não a repreendeu. Ela simplesmente a colocou de lado, e com paciência reparou o dano feito; depois lhe mostrou como é que ela poderia ajudar a cortar o fio.

Certa vez, vi dois irmãos brigando. A mãe, perturbada, apanhou uma cabeça de galinha, e gentilmente bicou a perna de um dos meninos. Ela o havia tocado somente de leve, mas o menino desandou a chorar porque ele havia entristecido a mãe. Essa foi a maneira de punição mais forte que eu vi aplicada, ou que fosse necessária.

Mas havia outras coisas, as quais não me atraíam muito. O lar comunitário, abrigando perto de oitenta motilones, deveria ser um excelente lugar para um viver comunitário. Porém cada família vivia à sua moda. Se uma família, porventura, tivesse alimento sobrando, num determinado dia, ela o jogava fora, mesmo que a família ao seu lado estivesse faminta. Não havia laço de ligação entre as famílias. Uma família podia morar próxima da outra por certo tempo, sem contudo se chamarem pelo nome.

E a população da casa estava constantemente em mudança. Uma família simplesmente decidia partir, ia-se embora, sem nenhum aviso antecipado. Outras vezes, diferentes famílias surgiam ali, acomodavam-se conosco, sem que qualquer pessoa tomasse conhecimento delas, ou mesmo dando demonstração de que haviam chegado. Às vezes as semanas passavam, antes que alguém soubesse quem eram eles.

Nunca havia derramamento de lágrimas, e nenhum sinal de dor ou de tristeza fora jamais mostrado. Os motilones pareciam não ter tais sentimentos. Os sorrisos e as constantes gargalhadas pareciam sem sentido.

Quando se chega ao âmago da questão, acredita-se que esses índios sejam incivilizados, sem nenhuma espécie de sentimento que se possa observar, pensei.

Li e reli a Bíblia várias vezes, ate que ela me parecia velha. Eu sabia qual era o versículo que se seguia ao que eu estava lendo. Lembrava-me dos pensamentos que tivera a respeito dessas passagens, e as orações que eu fizera. Na verdade, havia uma evidência muito clara de que Deus ouvira aquelas orações. Afinal de contas, eu estava ali, vivendo pacificamente com índios motilones, de tanta má fama.

Mas todo entusiasmo já havia terminado. Eu viera para falar a respeito de Jesus Cristo aos índios motilones. Porventura estava eu cumprindo isso? Eu não conhecia a língua, a não ser umas frases muito rudimentares.

Pensava a respeito de alguns grandes missionários cujas biografias eu lera. Não havia nada nas suas vidas que aparentemente me poderia ajudar na situação em que eu me encontrava. Podia enfrentar os grandes obstáculos, mas que faria eu com aquele tédio horrível e enervante? Comecei a pensar a respeito dos missionários semelhantes àqueles que eu vira em Minneapolis, e os missionários que trabalhavam no Orinoco, os quais tanto me criticaram. Após quatro anos de trabalho, eles voltavam para seu país, a fim de contar a respeito de seus convertidos.

Realmente o que me deixou acabrunhado foi pensar a respeito disso. Eu já estava na América do Sul havia três anos. Onde é que estavam os meus convertidos? Lá na universidade estavam os meus amigos, com toda certeza, porém eu não os poderia contar como convertidos. Eram simplesmente meus amigos, com os quais eu tivera a oportunidade de compartilhar.

E após três anos, eu não tinha dinheiro algum, e nenhuma junta de missões para pagar a minha passagem de volta ao meu lar. E, na verdade, o único lugar no mundo onde eu tinha a certeza de conseguir algo para comer, era nas selvas, ao lado dos motilones.

Então me senti desanimado. Cada manhã eu tinha pavor de pensar em comer. O alimento tornara-se tão insípido, ou mais ainda, do que o alimento dos iucos. Sem sal ou açúcar, havia certo limite quanto ao seu paladar. E muitas vezes, quando havia

apenas carne de macaco ou larvas, após ingeri-los eu os vomitava. Minhas pulgas estavam cada vez piores, e eu tinha uma erupção na pele, por estar constantemente sujo.

E por que a língua era tão difícil? Nos primeiros dias eu julgava que estava progredindo, mas agora ela me parecia muito mais difícil de aprender do que a língua dos iucos. Eu não queria passar três meses inteiramente sem me comunicar, como fizera com os iucos. Eu estava sempre à espera de oportunidades, mas não surgiam.

Certa manhã, completamente desanimado pelas horas intermináveis que tinha diante de mim, desci da rede e fui lá fora. Quando me abaixei para sair pela porta, escorreguei e quase caí. Eu pisara numa porção de excremento humano. Limpei o sapato, tão bem quanto me foi possível, e depois fui sentar-me num tronco de árvore. Eram mais ou menos onze horas. O sol estava a pino, fazendo com que o dia estivesse muito quente e cheio de vapor. Não havia árvore alguma junto à casa para dar-lhe sombra e conforto. As moscas zuniam ao sol sobre outros montes de excremento.

Por que eles precisavam defecar justamente ali, junto à porta? Eles não poderiam ir a outro lugar para as suas necessidades, onde não importunariam pessoa alguma?

Justamente naquele instante, uma das mulheres saiu à porta e atirou um punhado de lixo: cascas de banana e de abacaxi, e tudo mais que restara dos peixes e dos macacos que comêramos.

Pelo padrão dos índios, naturalmente, ela fora higiênica. Uma outra mulher não jogou fora o lixo durante uma semana. Ele ficara lá no chão até que cogumelos cresceram.

Que lugar imundo! Senti um aperto no peito. Fechei os olhos para afastar tudo aquilo.

Uma velha saiu da casa e caminhou em minha direção, dando um largo sorriso com sua boca desdentada. Ela se esfregou em mim, de maneira amistosa, tagarelando. Ela cheirava mal. Olhei para os seus cabelos pretos, grossos e emaranhados. Os piolhos andavam por toda parte. Seus seios flácidos estavam caídos.

Levantei-me e me afastei dela, sentindo-me mal. Ela me seguiu, colocando suas mãos na minha cintura e me abraçando. Depois ela riu — um riso estúpido, lunático. Olhei para as suas mãos; elas estavam encardidas. Delicadamente retirei-as de mim, e caminhei um pouco em direção à selva. Ela me seguiu a certa distância, com as suas risadinhas.

Eu nem sequer podia dizer a ela que se afastasse. Uma coisa tão simples e no entanto eu não podia proferi-la. Não havia ali uma alma que pudesse me compreender.

Quanto tempo levaria? Três meses? Quatro? Será que eu poderia comunicar-me de maneira compreensível dentro de um ano?

Há um antigo hino evangélico que diz: "Se você não puder suportar a cruz, então não poderá usar a coroa." Cheguei à conclusão de que eu não queria a cruz; queria a coroa, com todas as suas pedras preciosas, sem contudo carregar a cruz.

Olhando novamente para aquela velha, tampouco tinha a certeza de que desejava a coroa.

14. IRMÃO POR PACTO

Fiquei ali deitado na minha rede, olhando as baratas caminhando pelo teto. Que iria eu fazer hoje? Por acaso poderia dar a minha contribuição a alguma coisa... fazer algo que pelo menos pudesse ajudar esse povo?

Um garoto me trouxe um pouco de alimento. Desci da rede. Não sentia vontade alguma de comer.

O menino olhou para mim com um largo sorriso — um sorriso amistoso e eu me lembrei de que já o vira antes. Na verdade era ele que várias vezes fora a pessoa indicada para me levar o alimento.

Pus-me de cócoras para comer, e ele ficou por ali. Fiz sinal para que se sentasse, e ele se sentou. Era escuro, musculoso e tinha a aparência de um menino de treze anos, pois ele ainda não

tinha o fio-G, que era o sinal entre os motilones de que já era homem feito.

Ofereci-lhe um pouco de minha comida, porém ele recusou.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Cobaydra — ele disse.

O meu vocabulário só ia até aí. Eu já estava com os motilones fazia quase um ano. Ficamos ali sentados, olhando um para o outro, enquanto eu comia. O tempo todo ele mantinha aquele sorriso em seus lábios. Quase tive o ímpeto de colocar os meus braços ao redor dele e abraçá-lo.

Era o dia da expedição de pesca para os motilones. Eu nunca fora numa delas, mas desta vez, enquanto os homens e as mulheres se preparavam para deixar a casa comunitária, Cobaydra veio e me pegou pelo braço e disse: — Venha.

O rio ficava a uma distância de uns seis quilômetros. Quando cheguei lá, estava exausto. O rio era largo e raso, dividido ao meio por um banco de areia. Era um dia quente e um mergulho seria tão bom. Além disso, eu estava sujo! Mas ninguém parou. Os homens foram rio acima e as mulheres rio abaixo. Hesitei, mas depois segui os homens. Eles já estavam longe de meu alcance. Abri caminho através dos ramos das amoreiras silvestres a fim de chegar até um ponto onde pudesse ouvi-los gritar. Quando os vi novamente, eles já estavam carregando enormes pedras e colocando-as no rio, a fim de fazer uma represa.
Pensei em poder ajudar, por isso entrei pelo rio dentro e tentei tirar uma pedra que parecia ser do mesmo tamanho daquelas que eles estavam carregando. Nem sequer pude movê-la. Fiz uma força enorme, empurrei-a, mas não consegui tirá-la de seu lugar.
Bem, pensei, *essa deve ser mais pesada do que as pedras que eles estão levando.*
Enquanto olhava ao redor, procurando uma pedra menor, dei um salto: logo ali atrás de mim, com o mesmo sorriso amistoso, estava Cobaydra. Ele passou por mim, e com toda facilidade ergueu aquela pedra, levou-a e colocou-a no seu lugar. Eu estava envergonhado, mas ele sorriu para mim, flexionou os músculos, e deu uma gargalhada. Eu ri também. E começamos a trabalhar juntos.

Levou quase a manhã toda para construir a represa. Quando todas as pedras estavam nos seus lugares, pegamos enormes folhas de árvores e cobrimos todas as pedras com elas. Isso fez com que a água fosse conduzida para o outro lado do banco de areia. Nesse meio tempo, rio abaixo, as mulheres haviam construído uma represa menor, para impedir que os peixes nadassem rio abaixo. Depois, brandindo longos arpões, finos como um lápis, os homens arremetiam para baixo e para cima do rio, alvejando o peixe com precisão. Gritavam e riam atirando-se contra a água, e surgindo com enormes peixes na extremidade de seus arpões. Sentei-me na margem, olhando e deixando secar a minha roupa.
Cobaydra aproximou-se e me ofereceu o seu arpão. Ele queria que eu experimentasse.
Acenei com a cabeça. *Não.*

Cobaydra acenou com a cabeça. *Sim.* O seu sorriso era divertido. Eu não podia recusá-lo.

Ele me acompanhou à água, que agora estava espessa e marrom, por causa de todo aquele sapateado. Eu não via peixe em parte alguma.
Cobaydra me pegou pelo braço e apontou para o riacho. Olhei, mas não vi coisa alguma. Ele continuou apontando. Finalmente, pude ver o peixe. Ergui o arpão cuidadosamente, fiz pontaria e lancei-o. O arpão desequilibrou-se e resvalou, caindo na água, mas não atingindo o peixe. Aborrecido, recuperei o arpão e o entreguei a Cobaydra. Ainda sorrindo, ele mo devolveu. — Pegue-o — ele disse. — Experimente de novo.
Eu tinha um amigo. Daquele dia em diante as coisas começaram a andar bem melhor. Praticamente, todos os dias Cobaydra trazia a minha comida, e eu antecipava com certo prazer sentar-me ali com ele e comer. Ele me levava consigo quando os homens iam caçar, e deste modo eu tinha mais coisas a fazer. A caça era divertida, particularmente tendo Cobaydra para percorrer as picadas comigo. Desejava mostrar a Cobaydra e aos outros homens que eu realmente estava interessado na caça. Eu não podia dizer-lhes diretamente, pois não conhecia os termos necessários. Então dava uma grande demonstração, gritando quando eles gritavam e seguindo atrás deles e imitando as suas frases.
Certa manhã fiquei com dor de garganta de tanto gritar. A princípio eu mal podia falar. Mais tarde a minha voz tinha um tom mais baixo do que usualmente. Naquela tarde fiquei com fome e fui falar com Cobaydra e lhe pedi uma banana. Ele saiu e voltou com

um machado. Fiquei surpreso. Tinha certeza de que dissera a palavra exata para banana. Então voltei a pedir novamente, e Cobaydra deu-me o machado outra vez.
De repente, tive uma idéia louca. Apertei o nariz e tornei a pedir num tom mais alto. Desta vez Cobaydra me deu uma banana.
Os motilones têm um idioma tonal! Segundo os livros de lingüística, não existia na América do Sul nenhum idioma tonal. E agora eu estava tentando aprender um; sem a minha flauta, eu não podia sequer acompanhar uma melodia. Como é que eu iria me arrumar?
Mas Cobaydra era alguém com quem eu podia conversar sem me sentir embaraçado. Passávamos horas deitados na rede, ou de cócoras dentro da casa. Eu anotava as coisas que ele dizia, e aos poucos meu vocabulário ia aumentando.
O pai de Cobaydra era um dos membros ilustres da tribo. Ele era o único motilone com cabelos brancos. Sensível à nossa amizade, ele nos encorajava a passar muito tempo juntos.
Certo dia ele se aproximou de mim e me pediu que eu o seguisse. Saímos. Cobaydra nos esperava lá fora, olhando um tanto nervoso. Dois motilones estavam com ele. Caminharam em direção à selva, sem trocar uma palavra sequer. Eu os segui. Que é que estava acontecendo? Andamos cerca de quinze minutos, e depois paramos numa pequena clareira.
Solenemente o pai de Cobaydra exibiu o cordão-G, e compreendi, com certo tremor de excitação, que essa era a cerimônia usada para determinar que Cobaydra se tornara jovem. Eu não tinha idéia alguma do que acontecera. Tudo o que eu sabia era que um dia um menino motilone era um menino, e no dia seguinte ele estava usando o cordão-G, e daí para a frente era considerado homem.
Houve uma pequena cerimônia, e depois Cobaydra colocou o cordão-G. Ele estava sorrindo, quase rindo ... realmente orgulhoso. Seu pai voltou-se para nós três que estávamos ali. — Seu nome é Bobarishora —. Depois, voltando-se para mim, disse: — Agora que ele é homem; não será mais chamado de Cobaydra. Ele se chamará Bobarishora.
Tentando repetir o nome, este se embaraçou todo em minha língua. — Bobarishora — lentamente seu pai o repetiu.
Olhei para Bobarishora. Ele estava sorrindo. Tentei dizer o seu nome outra vez. "Bobbishow." Esse era o jeito que ele parecia soar para mim. "Bobbishow." Então eu o tornei mais curto.

— Bobby — eu disse, e sorri. O nome parecia adaptar-se à sua personalidade agradável e de coração sincero.
Os outros repetiram. Eles gostaram e mais tarde toda tribo o adotou. Bobarishora ficou sendo conhecido como Bobby, se bem que Bobarishora ainda fosse o seu nome completo.

O fato de ter sido convidado a participar da cerimônia de iniciação de Bobby era algo muito significativo, porque somente aos membros mais chegados da família e seus amigos era permitido assistir àqueles ritos. No entanto, eu já conhecia muita coisa da cultura dos motilones para saber que alguma coisa estava faltando. Usualmente era feito um pacto com a pessoa convidada. No meu caso, não houve.

O sistema social dos motilones é baseado nos pactos entre as famílias. Se se fizer um pacto com alguém, significa que se concorda em compartilhar tudo: alimento, abrigo e família. Mas vai além do que isso. As pessoas se tornam irmãos.

Eu vira antes a elaboração de outros pactos. Parte da cerimônia consistia na troca de flechas pelas pessoas. Eu desejava estabelecer um pacto com Bobby, e sentia que ele também o desejava. Mas eu não podia fazer flechas muito bem, e a troca das flechas era uma parte muito importante para o início desse relacionamento.

Pedi ao irmão de Bobby que fizesse algumas flechas para mim, e que providenciasse a cerimônia do pacto. A medida que o dia para a cerimônia do pacto se aproximava, eu me tomava bastante nervoso. Desejava tanto que Bobby ficasse satisfeito com ela, e eu tinha receio de cometer algum erro.

Mas tudo correu bem. Entreguei minhas flechas a Bobby, ele as pegou, e com uma grande demonstração examinou-as cuidadosamente. — Estas flechas são muito bonitas — disse ele com toda solenidade. — Eu o aceito como meu irmão.

Recebi as flechas que ele estava me entregando. Eram longas, pesadas, e muito lindas. Eu podia ver que Bobby, que sempre fizera flechas, havia tomado um cuidado todo especial ao fazer essas.

Cantamos o hino tradicional da fraternidade, e então o meu corpo se descontraiu. "Somos irmãos", cantei, olhando para Bobby, e no meu rosto havia um sorriso tão largo e tão franco quanto o

que estava no rosto de Bobby. "Somos irmãos, e não há nada neste mundo que nos possa separar."

Cada vez mais passávamos o tempo juntos. Quando eu saía da casa comunitária para caminhar pelos trilhos dos motilones, Bobby me seguia sem dizer uma palavra. Para mim isso tinha um significado muito profundo. Significava que ele *me* aceitava como seu guia, como o seu chefe pessoal. Freqüentemente íamos caçar juntos. Um dia lá na selva pisei num enorme espinho. Quando retirei o pé do sapato de tênis, o sangue começou a jorrar por toda parte. Bobby começou a correr em volta, dando pequenos gritos de choro até que eu pudesse parar de gritar e fazer com que o sangue estancasse. Os motilones nunca demonstram sintoma algum de dor, no entanto, Bobby demonstrara a sua compaixão e demonstrara que desejava ajudar.

Algumas semanas mais tarde, quando andávamos pela selva, Bobby parou atrás de mim, sem dizer uma palavra sequer. Por uns instantes não notara que ele havia parado, porque ele andava tão mansamente. Quando percebi, eu me virei. Ele estava um tanto trêmulo, e sua boca estava aberta como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

— Bobby — eu disse — o que há com você?

— Nada — ele disse num murmúrio bem baixo. Encolhi os ombros e continuei a caminhar pela picada. Continuamos andando e nenhum de nós proferia palavra alguma. O silêncio era enervante. Eu desejava saber o que havia de errado.

Então ouvi a sua voz atrás de mim.— Bruchko, o meu nome é "Nos Céus".

Voltei-me espantado. Ele estava ali parado, com a boca semi-aberta, como se tivesse visto um fantasma. Eu podia perceber que aquilo era extremamente importante para ele. Mas não compreendia.

— Aquele é o meu nome — ele disse.

— E o que há com Bobarishora?

Ele sacudiu a cabeça. — Não, o meu verdadeiro nome é "Nos Céus". Esse é o meu nome secreto.

Então ele explicou que cada índio motilone tem um nome secreto, que é a sua verdadeira identidade. Apenas seus pais e,

algumas vezes, mais alguns, conhecem esse nome. É um segredo, porque se alguém o souber, ele terá pleno domínio sobre a pessoa. — E você está me contando o seu nome? — perguntei. — Você está me contando o seu nome secreto, e dando-me poder sobre a sua vida?

Ele assentiu com a cabeça. Ficamos ali olhando um para o outro. Foi um dos momentos mais sérios de minha vida.

Então o rosto de Bobby se abriu num sorriso, novamente. Estendi-lhe as mãos e o peguei pelos ombros. Eu estava chorando. Eu viera à América do Sul, à Colômbia, e agora à selva, precisando de algo que realmente eu não esperava encontrar: um amigo verdadeiro. Alguém que fosse meu irmão. Um irmão de sangue. Eu o havia encontrado. As nossas idades, os nossos idiomas, a cor de nossas peles, as nossas crenças, tudo, enfim, era diferente. Mas tínhamos uma coisa em comum: um amor de irmão muito profundo. Eu não sabia para onde aquilo nos levaria. Mas Deus havia colocado esse amor em nossos corações.

15. TOMADO POR CANIBAL

Depois que Bobby e eu nos tomamos irmãos, a sujeira ainda estava lá, as pulgas ainda picavam, os insetos ainda transmitiam doenças, e eu ainda sofria de diarréia. Mas essas coisas pareciam menos e menos significativas.

Eu havia sido aceito. Eu tinha uma família.

Bobby e eu começamos a visitar as diferentes casas comunitárias. As selvas pareciam muito mais bonitas, quando através delas andávamos, cantávamos e conversávamos. Eram momentos extraordinários!

As casas comunitárias dos motilones estão espalhadas por uma grande área. Às vezes levávamos vários dias para ir de uma casa a outra. Bobby era um dos mais fortes jovens guerreiros motilones, e o seu caminhar nas picadas era demasiadamente apressado para mim. Quando ele observava que eu estava exausto, parava sem dizer uma palavra e descansávamos.

Porém ele era orgulhoso. Não aceitava coisa alguma das pessoas. Quando chegávamos à casa comunitária, às vezes ele esperava dias antes de aceitar qualquer alimento. Comer era um sinal de fraqueza, e nenhuma espécie de fraqueza era tolerada.

— Bobby, por que você não come? — eu perguntava.

— Não estou com fome — respondia.

Bobby estava tão decidido a ser mais forte do que qualquer outra pessoa, que nem sempre era bem visto pelos outros motilones. Ele não tinha condescendência nem consigo mesmo. Mas comigo ele era bondoso e gentil.

Quando voltávamos de uma de nossas viagens, soubemos que o pai de Bobby havia falecido. Bobby me contou, não demonstrando nenhuma emoção. Eu estava ferido e abismado. Ele fora um velho tão distinto. Havia-me recebido no seio de sua própria família. Havia estimulado a minha amizade com Bobby. E agora ele estava morto. Morrera durante a noite. O seu corpo ainda estava na rede.

Ninguém parecia incomodar-se. Era o primeiro funeral motilone a que eu estava assistindo, e não podia crer como todos eles eram tão insensíveis. O seu corpo foi enrolado na sua rede e carregado para as selvas por alguns homens. Foi pendurado bem alto lá nas árvores. Logo os abutres desceram lá dos altos céus para devorá-lo.

Não havia lágrima alguma. A impressão era de que nada havia acontecido. Anotei o seguinte no meu diário: "Essas pessoas são tão duras como o ferro. Para elas a morte não tem grande significado. Elas não são atingidas por nenhuma dimensão espiritual. O fato de que a pessoa não andará mais na face da terra parece não produzir nenhum impacto nas suas vidas. E como é que eu poderei alcançá-las com a mensagem de amor de Jesus, se nem sequer tentam se amar?"

Por toda parte por onde eu andava, nos territórios motilones, ouvia falar no nome de Abaratatura. Era sempre pronunciado com temor e respeito. No idioma dos motilones, esse nome tem uma cadência toda especial que lhe dá um quê quase mágico. Finalmente, perguntei a Bobby quem era ele.

Bobby franziu a testa. — Ele é um grande guerreiro e caçador, muitíssimo respeitado por todos os motilones. Creio que poderia dizer que é o chefe dos chefes.

— Onde é que ele mora?

— Em Corroroncayra. É um lugar muito distante daqui, lá nas montanhas.

— Bobby, por que não o visitamos? Eu gostaria de me encontrar com ele.

Bobby riu e sacudiu a cabeça. — Você quer morrer? Ele odeia os brancos.

Esse pensamento foi um tanto amedrontador. Eu praticamente havia-me esquecido de que os motilones matavam as pessoas; e que talvez eu pudesse ter inimigos.

Um dia Arabadoyca e eu estávamos deitados em nossas redes conversando quando de repente me surgiu a idéia de perguntar-lhe a respeito de Abaratatura. — Por que ele desejaria me matar? Ele já deve saber, agora, que eu não sou perigoso. Naturalmente ele já ouviu falar que eu moro aqui.

— Ele acha que você é o canibal da flauta mágica, — disse Arabadoyca. — Então ele o matará antes que você o mate.

— O quê? — eu disse.— O que você quer dizer com isso?

Arabadoyca se espreguiçou. Tempo virá em que aparecerá entre os motilones um homem branco com uma flauta mágica e ele a tocará. Através de sua música conduzirá os motilones a uma armadilha, onde todos serão devorados vivos.

Eu sabia que os motilones possuíam grandes tradições, porém eu apenas ouvira algumas delas. Essa era completamente nova para mim.

— É por isso que Abaratatura me odeia? Ele pensa que eu sou um canibal?

— Bem, você toca flauta, não toca? — Ele riu. — De qualquer jeito, todos nós aqui não pensamos que você seja canibal. A princípio pensávamos que você o fosse. Na realidade, Abaratatura já estava a caminho para matá-lo quando você desapareceu, na primeira vez que esteve aqui. No dia seguinte à sua partida, ele chegou.

Lembrei-me daquela noite, quando, doente, fugi da casa, pensando por que cargas d'água eu fazia aquilo. Agora eu compreendia que fora Deus quem me coagira, a fim de salvar-me a vida.

— Visto que não sofremos mal algum por sua causa — Arabadoyca continuou — a maior parte de nós creu que você não nos prejudicaria. Alguns, até chegaram a crer que talvez você estivesse trazendo o talo da bananeira dado por Deus.

— Que é isso?

— Essa é outra profecia de que um homem alto, com cabelos amarelos, virá com um talo de bananeira, e que Deus sairá desse talo.

— E você crê que eu possa ser ele?

Ele encolheu os ombros. — Você não carrega talos de bananeiras, carrega?

— Bem — eu disse — e quanto a Abaratatura? Eu gostaria de vê-lo.

Arabadoyca sacudiu a sua cabeça. — Você não pode ir até lá. Ele o matará.

No entanto, uma vez posta a idéia em minha cabeça, eu não podia me esquecer dela. Algumas semanas mais tarde, um grupo de motilones ia à montanha visitar Abaratatura, e pedi que me deixassem ir com eles. Eles me recusaram, mas continuei a insistir. Com muita relutância o permitiram.

Era uma viagem muito longa. Começamos num passo violento, não parando nem mesmo para comer. Vivemos aqueles dias comendo mandioca crua, lagartos e besouros. Depois de oito dias eu tinha uma dor aguda no peito, e começava a vomitar todas as vezes que tentava comer. Parecia que a minha boca estava sempre cheia de algodão. Em cada riacho que passávamos eu bebia água até causar a sensação de que meu estômago fosse arrebentar, mas, mesmo assim a minha boca continuava sem saliva. O nono dia se prolongou infindavelmente. Por fim, quando ainda restavam algumas horas para andarmos, tive que pedir aos meus companheiros que parassem.

Tentei comer um pouco da comida que Arabadoyca me trouxera, mas ela não parou no estômago. Eu não podia imaginar

que espécie de doença me havia atingido. Mentalmente, fui repassando os meus livros de medicina, tentando combinar os meus sintomas.

Arabadoyca veio e me pegou pelos ombros. O seu sorriso de esguelha parecia ser tão grande e muito longe, como uma figura num sonho.

— Bruchko — ele disse — os seus olhos estão lindos! Como é que você conseguiu fazê-los ter essa cor tão linda?

Levara algum tempo para eu compreender o que ele estava falando. O seu rosto parecia balançar na minha frente. — Que cor? — perguntei.

— Olha, eles estão amarelos, um amarelo muito bonito. Nós não podemos fazer com que os nossos também fiquem assim?

Olhos amarelos! Hepatite! Mais do que descanso, eu precisava de cuidados médicos.

Mas era uma viagem de mais de oito dias até ao rio, depois mais uma semana para se construir uma balsa e ir rio abaixo, à civilização. Eu não chegaria vivo.

Mas ao mesmo tempo, eu não podia continuar. Não estaria em condições de ajudar Corroroncayra. E lá eu enfrentaria a possibilidade de ser morto de imediato. Certamente eu não teria força física para lutar.

De qualquer jeito, não havia esperança. Os troncos das árvores, lá na selva, pareciam estar balançando na minha frente, de um lado para outro. Eu estou doente, pensei, e com o meu estômago afundando, eu vou morrer.

Lembrei-me da promessa que fizera a Deus quando fora prisioneiro dos iucos. Eu prometera viver uma vida dirigida por Deus. E agora, então, quais eram as suas instruções?

Resolvi que eu devia prosseguir. Minha vida estava nas mãos de Deus. Ele faria com ela o que desejasse.

Os dias seguintes foram como se eu estivesse hipnotizado. Minha pele ficou de cor amarelo-escuro. Cada passo era uma luta. Eu sentia o corpo cambalear e lutava para manter o equilíbrio. Desmaiei uma vez e quando voltei a mim, estava deitado numa

picada, os motilones me cercando, com seus rostos fixos em mim. Levantei-me e continuei a andar.

Algumas horas mais tarde voltei a desmaiar. Quando acordei, um dos homens, o médico-feiticeiro — estava gritando e cantarolando por cima de mim. Eu estava amedrontado, porém fraco demais para me mover. O seu rosto se aproximava cada vez mais. Parecia um rosto enorme e desumano. Ele apanhou uma faca e fez um corte em minha testa. Eu podia sentir o sangue correndo-me pelo rosto, mas não podia mexer-me para deter o homem.

Ele apanhou uma cabaça, retirou dela um pouco de pó muito leve e esfregou no corte, cantando constantemente os seus sortilégios.

Ergui os braços acima da cabeça e consegui detê-lo. Eu disse a eles que não tinha certeza de que o remédio produziria bons resultados, visto que eu não era motilone. Pedi a eles que o fizessem parar. O médico-feiticeiro continuava a debruçar-se sobre mim, e as minhas mãos, que estavam sobre a minha cabeça, tremiam enquanto eu falava.

Eles discutiram sobre o assunto. O médico-feiticeiro não estava muito contente com a minha atitude. Porém eles resolveram que seria muito melhor que ele parasse, desde que eu não desejava ser medicado.

Dois motilones me ergueram e me carregaram. Minhas pernas iam-se arrastando pelo chão. Às vezes eu chegava a desmaiar. O caminho parecia sem fim. Dias após dias fomos caminhando, e os motilones se revezavam para me carregar. Eu tinha uma leve noção do que estava acontecendo. De vez em quando eu me sentava no chão, e o meu corpo se esparramava todo, como se tivesse vontade própria. Então, os motilones me erguiam pelas axilas, e novamente eu era arrastado, indo aos solavancos. Era muito dolorido. Eu abria a boca para gritar, mas não saía som algum.

Após duas semanas chegamos a Corroroncayra. A poucos quilômetros da casa, um pequeno grupo de homens veio ao nosso encontro. Eles tinham ordem de matar-me. O chefe soubera que eu estava chegando, e ficara enfurecido.

Ouvi a discussão, que parecia estar tão longe. Fiquei atento a cada opinião emitida, ouvindo-a objetivamente. Eu não me importava se tivesse que morrer.

— Ele está doente — Arabadoyca lhes disse. — Vocês não podem matar um homem doente. E, além disso, ele é um homem bom. Ele não fará mal algum a vocês.

Eles me inspecionaram. Não havia dúvida alguma de que eu não estivesse doente. — Pois bem — disse um dos homens —, vamos levá-lo até Abaratatura.

Mais uma vez fui arrastado pelos braços, seguindo o caminho da colina. Chegamos ao topo da colina onde havia uma clareira. Vi a casa dos motilones. De uma das portas saiu um homem. — Jogue-o ao chão — disse ele. — Jogue este canibal!

Era Abaratatura. Arabadoyca se colocou entre nós dois.

— Você não pode matá-lo — disse. — Ele está morrendo. Os motilones nunca matariam qualquer animal ou ser humano que estivesse prestes a morrer de morte natural. Eles crêem que isso poria feitiço em suas flechas, o que faria com que elas se quebrassem no vôo, e então eles morreriam de fome.

Esse pensamento fez com que Abaratatura parasse. — O que você quer dizer com isso, que ele está morrendo? — perguntou ele. — Naturalmente ele morrerá quando eu o transpassar com uma seta.

— E o seu povo morrerá de fome — respondeu Arabadoyca —. Isso porá feitiço em todas as suas setas. Esse homem está morrendo.

Abaratatura caminhou em minha direção. Ele não podia discordar.

Cuspiu no chão, olhou para mim com desprezo, e depois deu ordens para me colocarem numa rede. Não falou comigo. Ele possuía um ar majestoso, e as suas ordens foram obedecidas incontinenti.

Durante duas semanas permaneci na sua casa. Dormi horas sem fim. Quando eu acordava, orava para que pudesse voltar a dormir. Minhas dores pareciam atravessar-me os ossos.

Vou morrer, pensava. Eu não estava amedrontado. Parecia algo interessante. *Vou morrer. E ficava pensando como seria.* Esse pensamento revirava vezes seguidas em minha mente.

Certa tarde, acordei por causa de uma grande agitação. As crianças estavam correndo, as mulheres estavam gritando. "A flauta está chegando. O canibal vai nos comer." Foi o que eu ouvi alguém gritar.

As pessoas saíram aos montes pelas portas, empurrando-se e correndo para se esconder. Abaratatura apanhou o arco e veio em minha direção.

— Precisamos matar esse canibal antes que a flauta chegue — ele disse.

Eu podia ouvir o barulho do qual eles estavam fugindo. Levou alguns minutos para que eu o reconhecesse. Era o "paf-paf-paf' de um helicóptero. Que estava ele fazendo por ali?

O barulho ia-se tornando cada vez mais alto e mais próximo. Abaratatura hesitou amedrontado, mas ao mesmo tempo ainda desejando me matar. Depois, saiu correndo pela porta fora. Somente Arabadoyca permaneceu comigo ali na casa. Os seus olhos estavam enormes, e ele dava a impressão de que também estava pronto para correr. Ele pensava que eu o tivesse traído.

— Por favor, leve-me para fora — eu disse. Minha voz quase não podia ser ouvida.

Ele hesitou, e depois — com grande dificuldade — ergueu-me da rede, levou-me para fora e me colocou na clareira. Depois correu para a selva.

Eu via o helicóptero, mas não podia erguer os braços para pedir auxílio. A única coisa que eu esperava era que uma cabeça loira pudesse surpreender o piloto o suficiente para fazê-lo descer, a fim de averiguar mais de perto.

— "Por favor, Deus, faze com que aterrize", orei.

O helicóptero sobrevoou, pairou, deu uma vira-volta, e depois pousou na clareira, varrendo folhas e lixo por toda parte com o seu vento. Um homem saiu e veio em minha direção.

— Olson — ele disse — você tem uma aparência terrível; você se parece com um esqueleto —. Era o Dr. Hans Baumgartner, que

eu havia conhecido com o Dr. Christian na nossa viagem subindo o Orinoco, anos antes.

Eu mal podia sorrir. Ele e o piloto me carregaram para o helicóptero, e se dirigiram incontinenti para o hospital em Tibu.

Depois de quatro dias no hospital, comecei a ter hemorragias internas. Os médicos disseram que se eu tivesse ficado nas selvas mais seis horas, sem medicação eu teria morrido.

O Dr. Baumgartner e o piloto foram visitar-me.

— Você não pode imaginar que surpresa foi ver você, Olson. O helicóptero pertence à companhia petrolífera, como você sabe, e Manuel é o piloto. O aparelho não estava sendo usado no dia em que estive lá, então fomos dar um passeio sem licença. Pensamos em sobrevoar o território dos motilones, para ver se podíamos tirar umas fotografias.

— Que coisa — ele disse sacudindo a sua cabeça —, imagine só, ir fotografar uma tribo feroz, da idade da pedra, e encontrar um norte-americano de cabelos loiros defronte da casa comunitária! — Ele desandou a rir. Todos nós rimos também. Mas eu sabia que Alguém os havia movido a ir em meu caminho.

O meu médico lá no hospital era Alfredo Landinez. Tornamo-nos bons amigos. Ele estava interessado nos motilones — até mesmo havia escrito uma tese a respeito da extração da seta dos motilones, tese que fora apresentada na Escola de Doenças Tropicais, de Harvard.

Depois de permanecer no hospital várias semanas, perguntei ao Dr. Landinez quando eu poderia voltar às selvas.

— Você deverá ficar em tratamento por mais de seis meses — disse. — Você praticamente quase destruiu o seu fígado. Depois você precisará ficar em convalescença por mais um ano.

— O quê? — disse eu. — Um ano e meio antes que eu possa voltar às selvas?

Ele sacudiu a cabeça. — Você nunca mais terá possibilidades de voltar às selvas. O seu fígado foi danificado para o resto da vida.

Olhei para as minhas mãos. Estavam da cor de laranja. Estavam-me aplicando transfusões de sangue, porque eu ainda sangrava internamente.

— O senhor está enganado — eu disse. — Vou voltar.

— É assim que eu gosto — ele disse, com um sorriso meio esquerdo, batendo nos meus ombros. — Continue firme!

Três semanas mais tarde eles me deram alta, lá no hospital. O Dr. Landinez não podia acreditar que eu estivesse passando bem. — Bruce — disse ele — por favor, não volte às selvas.

Eu já estava me preparando para sair. — Por que não? — perguntei.

— Você ainda não está suficientemente bom. Você poderá ter uma recaída e morrer por lá, sem ter alguém que cuide de você.

Sacudi a cabeça e sorri. — Já disse ao senhor. Não vou morrer. Deus vai curar o meu corpo muito melhor do que o senhor poderia fazer.

Ele encolheu os ombros.

— Agora tenho um pedido a fazer-lhe — eu disse. — O senhor sabe que tenho bons conhecimentos de medicina. Preciso de alguns remédios e drogas para levar aos índios. Não há ninguém que cuide deles. Sei que é ilegal o senhor dar-me esses remédios, e nem sequer tenho dinheiro para pagá-los. Mas os motilones precisam deles.

Apesar de estar pondo em jogo o seu trabalho e a sua profissão ao fazê-lo, apanhou certa quantidade de remédios que pertenciam à companhia petrolífera e mos entregou.

— Qual é o valor de meu trabalho — perguntou — se eu não estiver ajudando as pessoas? Talvez esses nunca auxiliarão a ninguém. Na medicina você não se aventura. Você dá o remédio e espera que ele não seja perdido.

Uma semana mais tarde voltei às selvas. Tinha uma bússola, e sabia exatamente para onde me dirigia: direto para a casa de Abaratatura.

No terceiro dia comecei a sentir tonturas. As dores no peito haviam voltado. Minha urina estava novamente escura. Naquela noite adormeci sentindo-me muito mal.

"Pai", eu orei, "tu me trouxeste aqui para trabalhar com os índios motilones. Tenho remédios que poderão ajudá-los. Por favor, Deus, cura o meu corpo."

Na manhã seguinte acordei sentindo-me perfeitamente bem. Não sentia dor alguma, e a urina estava clara. Levantei-me e continuei a andar.

Quando cheguei à casa comunitária de Abaratatura, ele veio ao meu encontro na estrada. Alguém já me vira e lhe comunicara que eu estava chegando.

16. USANDO O MÉDICO-FEITICEIRO

Eu estava amedrontado. Porventura ele tentaria me matar?

Observei-o mais de perto. Abaratatura não trazia arma alguma.

— Pensávamos que você tivesse morrido — disse ele — e que os urubus haviam levado o seu corpo. Mas Deus o conservou.

— Sim — respondi. — Realmente, ele me conservou. Permaneci na casa de Abaratatura. Ele acabara de crer que eu não o enganaria e tampouco ao seu povo. Então fui aceito da parte dos motilones. Mandei um recado a Bobby e ele veio ter comigo.

Aquela curta permanência no meio da civilização me convencera, mais do que nunca, de que eu pertencia às selvas. Trouxera comigo, da civilização, algo que faria com que a minha vida fosse mais confortável: uma coleira para afastar as pulgas. Tais coleiras haviam chegado à Colômbia pouco tempo antes de eu ir para o hospital. Vi uma delas no pescoço de um cachorro e perguntei ao Dr. Landinez o que era aquilo.

— Aquilo é uma coleira à prova de pulga — disse ele.— É a última novidade. Você a coloca no pescoço de seu cachorro, e todas as pulgas morrem e durante seis meses o cachorro está livre delas.

— Que coisa formidável — eu disse. — Preciso comprar uma delas.

O Dr. Landinez olhou um tanto espantado para mim. — Vocês têm cachorros lá nas selvas?

— Não, oh não — eu disse, e desandei a rir. — Não, não temos cachorros mas com toda certeza temos pulgas! — Ri novamente, e essas foram as últimas palavras sensatas que ele ouviu a respeito desse assunto. Agora tenho uma coleira ao redor de meu pescoço, e não sinto tanta coceira.

Porém, a minha mente estava preocupada com os remédios que trouxera. Os motilones estavam morrendo constantemente por causa de uma ou outra doença, e eu sabia que os remédios que trouxera haviam de curar muitos deles. Porém, os motilones já tinham o seu próprio método de cura, e não tinham razão alguma para crer que o meu método fosse melhor do que o deles. Várias vezes oferecera os meus remédios aos doentes, porém eles o recusavam.

— Deixe isso com a médica-feiticeira — diziam. — Ela conhece os nossos costumes e a nossa maneira de curar.

E às vezes eles saravam. Então vinham para mim com um sorriso zombeteiro, como se dissessem: — Está vendo? não somos tão tolos como você pensa.

Porém, quando uma epidemia de conjuntivite se alastrou entre eles eu tinha algo bem concreto, pois conjuntivite é curada com antibióticos. Dentro de pouco tempo, quase todos os motilones tinham os olhos infeccionados, e andavam a cocá-los, sentindo-se infelizes. A médica-feiticeira começou a cantar as suas canções de sortilégio, dia após dia, cantando até vinte horas por dia. Era profundamente dedicada ao seu povo.

Após uma semana, era evidente que as suas canções de encantamento não estavam ajudando. Fui falar com ela. Ela estava deitada na esteira descansando. O seu rosto demonstrava um cansaço intenso.

— Tenho uma poção chamada terramicina — disse-lhe. — Ela poderá curar a doença se a senhora a puser nos olhos dos doentes."

— Eu já usei poções — ela disse. — Não surtiram efeito.

— Porém essa é uma poção diferente — eu disse. — E funciona. Já vi o resultado dela muitas vezes.

Ela olhou para mim com um leve interesse. — De onde é que vem essa poção?

— É uma que os médicos-feiticeiros de meu povo usam. Ela perdeu todo interesse. Encolheu os ombros. — Você é branco. O seu jeito é diferente do nosso —. Ela se levantou, voltou as costas para mim e começou a cantar novamente.

Fui andar um pouco a fim de pensar sobre o caso. Conjuntivite, em si, não era uma doença perigosa, mas a infecção poderia transformar-se em algo muito mais sério. Ela precisava ser curada, e eu tinha a cura.

A única coisa que poderia fazer era tentar convencer alguém que me deixasse experimentar o remédio nele. Então teria a prova necessária de que o meu método funcionava, e os da médica-feiticeira não.

Mas então estaria competindo com ela. E nesse caso tiraria a sua autoridade e o seu papel na tribo, ou ela teria que me expulsar.

Eu sabia que os missionários, muitas vezes, achavam que o médico-feiticeiro era como um elemento demoníaco, e que precisava ser eliminado. A médica-feiticeira não fazia as suas preces aos demônios. Ela tentava ajudar o seu povo orando a Deus, da melhor maneira que sabia. Eu não desejava destruir o que ela estava fazendo. Eu desejava ajudá-la.

De repente, tive uma idéia. Voltei para a casa comunitária e dirigi-me a um dos homens, um que estava muitíssimo atacado da doença. Esfreguei meu dedo no canto de um de seus olhos, e depois esparramei o pus no meu próprio olhos.

Em cinco dias estava com conjuntivite. Fui à médica-feiticeira e disse-lhe que precisava de seus cuidados. Ela cantou as suas canções de sortilégios, da mesma maneira que o fizera para os outros. Naturalmente aquilo não me ajudou, assim como não ajudara as outras pessoas.

Então eu voltei a visitar a médica-feiticeira. Disse-lhe que desejava que ela colocasse terramicina nos meus olhos, enquanto cantava seus encantamentos. Olhou para mim um tanto duvidosa, mas depois se prontificou a experimentar alguma coisa nova. Pegou o tubo de terramicina e esfregou um pouco da pomada em meus olhos enquanto cantava as suas orações, para que Deus me curasse.

Em três dias meus olhos estavam limpos e eu me sentia perfeitamente bem. E, naturalmente, todos os demais ainda estavam em condições miseráveis. A médica-feiticeira continuava cantando seus cânticos e suas orações.

Aguardei a oportunidade certa para voltar a falar com ela. Não desejava insultá-la, de maneira alguma. Certa tarde eu a vi sair de casa, com os ombros caídos de tanto cansaço. Segui-a até onde estava escuro e a segurei pelo braço. Ela se voltou para mim.

Segurei o tubo de terramicina — Por que não experimenta essa poção? — perguntei. — Você curou os meus olhos com ela. Talvez produza o mesmo efeito com o seu povo.

Dentro de três dias havia curado todas as pessoas. Isso fez valorizar a sua posição na comunidade. Ela se sentia muito orgulhosa de obter tão bom resultado com as suas canções e a sua nova pomada, e nos tornamos muito bons amigos — e esse foi um novo caminho para novas curas.

Tendo a possibilidade de usar os antibióticos mais simples, através da médica-feiticeira, dei um grande passo em relação ao meu alvo de ajudar os motilones. Porém, havia tantos germes nas sujeiras acumuladas ao redor das casas, e na maneira anti-higiênica como os motilones viviam, que era quase impossível não haver outras doenças pela falta de higiene. Algumas delas estavam além do alcance dos remédios que eu possuía.

— Qual é a causa de todas essas doenças? — perguntei à médica-feiticeira. — Parece que não há fim para elas.

Ela ficou surpresa com a minha ignorância. — São os espíritos maus mostrando o seu poder. É por isso que usamos as canções de sortilégio. Nós pedimos a Deus que expulse os espíritos maus.

— E por que ele nem *sempre, faz* isso? — perguntei.

O seu rosto ficou abatido e ela se voltou para outro lado.

— Nós decepcionamos a Deus — ela disse, numa *voz* triste e submissa.

Fiquei atrás dela, surpreso, sentindo que por trás do que ela dissera havia algo que eu precisava compreender.

— Como é que vocês decepcionaram a Deus? — perguntei.

— Um homem chegou aqui e se apresentou como profeta — ela disse. — Ele disse que nos poderia levar além do horizonte, para uma terra onde havia uma caçada melhor. O seu nome era Sacamaydodji. Nós abandonamos a Deus e o seguimos.

— Quando foi que tudo isso aconteceu? — perguntei suavemente.

Por uns momentos ela ficou calada; depois estendeu o braço. — Há muitos, e muitos anos. Nós apenas ouvimos contar a história. Mas sabemos que nos decepcionou. Estamos muito longe de Deus.

Mais tarde fui falar com ela e lhe disse que desejava, que ela visse alguns dos espíritos maus que provocavam as doenças e a morte. Tirei o meu microscópio e pus um pouco de sujeira na lâmina. E mandei que ela olhasse através da lente ocular.

— Oh sim, posso vê-los dançando ao redor — ela disse e começou a cantar as suas canções de sortilégio.

Então eu pus um pouco de desinfetante sobre a sujeira, e disse a ela para olhar novamente. Ela viu que o desinfetante havia matado todos os germes. Isso abalou-a. Ela vira que os germes não haviam morrido com os seus cânticos.

Dentro de pouco tempo, ela estava apresentando o desinfetante em todas as cerimônias normais dos motilones. Houve, por exemplo, um cerimonial de limpeza, quando uma nova casa comunitária foi construída. Todos os motilones que vão residir naquela casa se reúnem e cantam sortilégios, e batem nas paredes com varas, a fim de expulsar os espíritos maus. A médica-feiticeira, influenciada pela minha sugestão, fez com que eles usassem desinfetantes juntamente com o cerimonial, e as pessoas observaram que a saúde melhorara consideravelmente. Também fez com que as parteiras começassem a usar desinfetantes quando as mães tivessem os seus bebês, e o índice de mortalidade diminuiu.

As medidas de saúde se espalharam por outras casas, e eu me sentia profundamente grato ao Dr. Landinez pela sua boa vontade em nos fornecer os remédios. A alimentação dos motilones também melhorara, por causa de novas colheitas. Eles dependiam, até então, somente da caça e de plantas silvestres para a sua

alimentação. No entanto, trabalhando com Abaratatura, fui capaz de mostrar-lhes como se criava o gado e se plantava o milho.

Dentro de poucos anos, havia oito postos de saúde (um em cada casa), que forneciam antibióticos, davam injeções, e outros medicamentos. Esses postos também tinham a responsabilidade de verificar se as casas estavam livres dos germes. Cada casa também desenvolveu o seu próprio sistema agronômico e, finalmente, abriram-se escolas.

Os postos de saúde, as fazendas e as escolas não foram iniciados ou auxiliados pelos brancos civilizados. Os próprios motilones é que trabalhavam nos postos. Eu era a única pessoa de fora em toda aquela área dos motilones. As injeções eram dadas pelos motilones. Os remédios, de acordo com as necessidades, eram fornecidos pelos motilones.

Para muitas pessoas, esse impulso tem sido considerado como o exemplo mais rápido de desenvolvimento que tem ocorrido no seio de uma tribo primitiva. Como é que tudo isso aconteceu? Como foi possível realizar tudo isso?

Há duas razões. A primeira é muito simples: não foi exigido dos motilones que abandonassem a sua cultura e se tornassem homens brancos. Tudo que foi introduzido foi baseado naquilo que eles já conheciam. A vacinação, por exemplo, foi introduzida pela médica-feiticeira, como uma nova forma de sangria tradicional, que os motilones praticavam quando alguém estava doente, porque o fato de deixar o sangue correr dava uma dor que se sobrepunha à grande dor da doença ou da morte. Explicada daquele modo, administrada pela médica-feiticeira, que era conhecida e em quem tinham confiança, ela era aceita muito rapidamente, e em pouco tempo estava espalhada por toda a tribo, tão depressa quanto era possível conseguir agulhas e as próprias vacinas. E porque a médica-feiticeira vira os germes, e compreendera o seu grande perigo, foram introduzidos métodos sanitários adequados.

A agricultura não era uma idéia nova, tanto quanto a medicina, porém não teria sido aceita se ela se opusesse às maneiras tradicionais de se fazer as coisas. Mas, visto que Abaratatura e os outros chefes eram tradicionalmente responsáveis pela provisão dos alimentos, uma vez que a idéia era introduzida, ela era rapidamente aceita, sem o desmembramento da sociedade, que sempre acontece quando há o desenvolvimento econômico. Não

havia demonstração de revolta contra os antigos métodos dos mais idosos; eles próprios é que introduziam os novos métodos.

Porém, eu disse que havia duas razões. A segunda foi o Espírito Santo. Sem ele, não teria havido nenhum real ou duradouro desenvolvimento.

Como já mencionei, parecia que os motilones não se importavam de maneira alguma uns com os outros. Cada homem era responsável por si mesmo, por sua família e por mais ninguém. Essa era uma coisa que eu dificilmente aceitava em relação a Bobby.

Eu desejava ver que todas as tribos recebessem os remédios de que precisavam, e que soubessem como cuidar das plantas que haviam sido introduzidas. Bobby ia comigo nas minhas viagens de inspeção. Tínhamos horas alegres durante o percurso, visitando muitos dos lugares onde antes estivéramos. Falávamos profundamente a respeito da vida e daquilo que desejávamos para nós mesmos e para os outros. Bobby desejava ser um líder guerreiro dos motilones, semelhante a Abaratatura. Eu desejava guiar os motilones ao caminho verdadeiro. Nós compartilhávamos essas coisas, caçávamos juntos, e cantávamos juntos. Podíamos compreender os sentimentos um do outro, sem proferir palavra alguma.

Porém, Bobby não compartilhava as minhas preocupações pelos outros membros tribais. Certa vez houve uma doença muito séria em duas casas comunitárias, afastadas uma da outra por grande distância. Ambas necessitavam de remédios imediatamente.

— Bobby — eu disse — você vai a Iquicarora com um pouco de medicamento, e eu vou à outra, nas terras altas. Nós nos encontraremos novamente aqui.

Ele parecia ofendido. — Quero ir com você, Bruchko.

Franzi o cenho.— Bobby, você não pode. Não temos tempo para irmos juntos aos dois lugares.

— Então, vamos juntos a um só deles.

Finalmente, Bobby foi só, porque eu lhe dissera que fosse. Ele não teria ido por vontade própria. Isso me entristecera, e eu não podia compreender por quê.

Todos os demais compartilhavam a mesma atitude de Bobby. As pessoas morriam numa casa porque a casa vizinha não se preocupava em levar-lhes medicamentos. Uma vaca morreria se o seu guarda estivesse doente e não pudesse cuidar dela, pois ninguém mais o faria. Era uma luta cada vez maior para mim, estar em todas as partes onde havia necessidade de auxílio, e Bobby me daria uma mãozinha, se eu lhe pedisse, mas somente por causa de nossa amizade.

Eu estava exausto. Já estava com os motilones havia quatro anos. Algumas das coisas que eu fora capaz de introduzir eram boas. Porém, eu precisava lutar para que elas continuassem a ser usadas. Comecei, então, a perguntar a mim mesmo a razão de tudo aquilo. Por que deveria eu preocupar-me se alguns motilones ficassem mais ou menos doentes? Qual era o valor de suas vidas? Para o resto do mundo, todos eles poderiam morrer, até ao último homem, e nunca sentiriam a sua falta.

No entanto, um dia, enquanto eu estava sentado à porta da casa comunitária, pensando, eu sabia que a resposta deveria ser a mesma que fora há quatro anos. O valor da vida dos motilones, e aquilo que eu estava fazendo, não era o que o povo estava pensando. Lembrei-me do que Deus me dissera: "Todo o mundo poderá rejeitá-lo, porém eu não o rejeitarei." Ele os amava. Era por isso que eu viera às selvas: para deixá-los ver e experimentar o amor de Deus.

Porém, eu ainda não podia ver como é que poderia fazer isso. Já sabia muita coisa a respeito das crenças dos motilones. Nada do que eu dissesse a respeito de Jesus Cristo faria sentido para eles. Seria o "jeito do homem branco". Nunca seria o jeito dos motilones. O que aconteceria se alguém entregasse a sua vida a Jesus Cristo? Por ventura terminaria como os índios lá no Orinoco, trazendo uma divisão entre os motilones, destruindo as suas estruturas sociais?

Mesmo assim eles *precisavam* de Jesus. Como é que eu poderia apresentá-lo a eles, pelo que ele realmente era, independente de minha própria cultura e personalidade?

Jesus teria que fazer isso para mim. Não havia outro jeito qualquer. Nada do que eu dissesse levaria a mensagem certa, com o impacto correto. Mas Jesus poderia falar através de mim, e ele poderia mostrar-me a ocasião certa para falar.

Curvei a cabeça. O sol estava quente no meu pescoço. "Ó Jesus, esse povo necessita de ti. Mostra-te a eles. Tira-me do caminho, e fala na sua própria língua, de modo que eles te vejam assim como tu és. Ó Jesus, transforma-te num motilone."

17. JESUS, O MOTILONE

Já estávamos no caminho havia três dias, e nos aproximávamos de Norecayra. Eram os últimos momentos do entardecer. Bobby e mais dois motilones estavam na minha frente e os seus corpos escuros estavam longe do alcance de minha vista, cobertos pelas trepadeiras e arbustos espessos que havia nas selvas. Era um dos instantes mais lindos do dia. A escuridão que se aproximava fazia com que o verde da selva tomasse um tom suave e semelhante ao veludo.

Andávamos apressadamente. Dentro de poucos instantes chegaríamos à casa comunitária. Comecei a ouvir gritos altos à nossa frente, clamores excruciantes como se partissem de muitas bocas diferentes. Eu nunca ouvira coisa tão angustiante como essa. Apressei os passos e mentalmente comecei a separar os remédios que havia em minha sacola.

Os gritos pareciam muito mais desesperadores à medida que nos aproximávamos. Eu nunca ouvira os motilones gritarem daquela maneira. Eles nunca choramingavam sequer sob a dor mais tremenda. Porém, Bobby e os outros motilones continuaram caminhando numa linha reta, à minha frente, como se nada estivesse errado.

— Parem — eu disse. Bobby e os outros se voltaram.

— Que gritaria é aquela? — perguntei. — Não deveríamos ir ver o que podemos fazer?

Bobby olhou para baixo, para a picada. Um dos outros homens, que era médico-feiticeiro, sacudiu a cabeça. — Não há nada que possamos fazer.

— Mas, que é que está acontecendo?

Nenhum dos três disse uma palavra sequer. Olharam para mim com seus olhos pretos e silenciosos.

Como os gritos continuassem a ecoar através das selvas, fiquei um tanto agitado. — Pois bem — eu disse — talvez não se importem com quem quer que seja, porém eu me importo. Quero ver se podemos ajudar.

Mesmo assim, não me responderam. *Eles estão tristes,* pensei. *Há alguma coisa lá que é muito triste para eles suportarem.*

— Pois bem — eu disse — vocês não precisam vir comigo. Porém, eu quero ver o que está acontecendo.

Eles ficaram ali parados, até que eu me voltei, saí da picada e caminhei para a selva, em direção aos sons. Depois de ter andado alguns metros, ouvi um barulho atrás de mim. Eles estavam me seguindo.

Os homens que gritavam estavam muito mais perto do que eu pensara. E havia apenas dois deles. Eu conhecia um deles muito bem. Era um dos chefes na casa comunitária, e guerreiro muito feroz. Ele matara os empregados da companhia petrolífera, somente para pegar os seus capacetes e usá-los como panelas de cozinhar. Ele usava um colar feito com os botões tirados da roupa de sua vítima, e um outro colar feito com dentes de jaguar, uma onça pintada que ele caçara com seu arco. Agora, em frente de um buraco que ele cavara, um buraco de quase dois metros de profundidade, ele gritava numa voz desesperada, buscando algo: "Deus, ó Deus, sai desse buraco."

O outro homem estava no topo de uma árvore. Enfiava folhas na boca, tentando mastigá-las, enquanto gritava: "Deus, ó Deus, vem daí do horizonte."

Era o quadro mais estranho que eu já vira. Poderia ser algo do qual se dar gargalhadas, porém algo me fez ver que não havia nada de engraçado naquilo tudo.

Meus três companheiros colocaram-se ao meu lado, evidentemente tristes e embaraçados.

— Você sabia a respeito disso? — perguntei a Bobby. Ele assentiu com a cabeça.

— Por que fazem isso?

Então ele explicou que o irmão do homem que estava gritando para dentro do buraco havia falecido numa região que não era o seu próprio lar. Ele fora mordido por uma cobra venenosa e morrera antes que tivessem tempo de trazê-lo de volta. E de acordo com as suas tradições, isso significava que o seu idioma, seu espírito, sua vida, nunca poderiam ir a Deus além do horizonte. Agora o homem estava tentando buscar a Deus, para fazer com ele trouxesse o seu idioma de volta à vida, para poder viver no seu corpo.

— Ê o que faz com que ele pense que poderá achar Deus, gritando para dentro de um buraco?

Bobby encolheu os ombros. — É um bom lugar como qualquer outro para se procurar.

A expressão do seu desespero estampava-se nas suas palavras.

Essa era a razão pela qual Deus permitira que eu vivesse. Eu estava ali para dizer-lhes onde é que poderiam achar Deus. Talvez essa fosse uma oportunidade que Deus arranjara. O meu corpo ficou tenso com o pensamento de poder compartilhar Cristo, depois de cinco anos de espera. No entanto, parecia que era esperar demais. Eu estava orando silenciosamente.

O homem parou de gritar para o buraco e veio em nossa direção. Seus cabelos estavam desalinhados, seu corpo estava coberto de sujeira. Seus olhos estavam fundos nas olheiras escuras. — Não há razão alguma — ele disse. — Nós fomos enganados.

— Quanto tempo faz que você está aqui? — perguntei tranqüilamente.

— Desde que o sol nasceu hoje de manhã.

— E por que você diz que foi enganado?

Ele me contou novamente a história do falso profeta que os motilones haviam seguido, cujas promessas falsas os afastaram de Deus. — Nós não conhecemos mais a Deus — ele disse com calma.

Então os outros homens tentaram explicar uma lenda dos motilones, que confirmava porque a morte desse irmão tinha implicações tão terríveis. Não compreendi tudo.

As lendas dos motilones são tão complicadas quanto qualquer teologia. Porém compreendi alguma coisa nova: a grande sensação de solidão. Muitas e muitas vezes eu ponderara o que é que Cristo teria a oferecer a eles. A maneira como eles viviam, uns com os outros, era muito superior à maneira dos norte-americanos. Porém na vida havia muito mais do que aquilo.

Lembrei-me da noite quando Jesus penetrou em minha vida. Havia sido muitos anos antes; era simplesmente um pontinho no tempo. No entanto, daquela raiz nascera tudo o que eu era. Através dela, Deus me dera a paz e um verdadeiro propósito.

E aqui estavam os motilones em busca de Deus. Mas como poderia eu explicar coisas tais como graça, sacrifício e encarnação? Poderia contar uma história simples, e eles entenderiam. Porém, como poderia eu transmitir a real verdade espiritual?

Iniciamos, então, um debate animado. O homem que estivera no alto da árvore descera e se juntara a nós. Ele nos fez recordar aquela lenda de que um profeta viria, trazendo talos de bananeira e que Deus sairia daqueles talos.

Eu não podia compreender muito bem a idéia ligada àquela lenda.

— Por que esperar que Deus venha de um talo de bananeira? — perguntei.

Houve um silêncio um tanto constrangedor. Aquilo tinha sentido para eles, porém não sabiam explicá-lo. Bobby se dirigiu a uma bananeira, que crescia ali por perto. Ele cortou uma parte dela e atirou-a em nossa direção.

— Esse é o tipo de talo de bananeira da qual Deus poderá vir — ele disse. Era uma secção transversal. Ela rolou aos nossos pés.

Um dos motilones abaixou-se e atingiu-a com a sua machadinha, partindo-a ao meio, acidentalmente. Uma parte ficou de pé, enquanto a outra se dividiu. As folhas que ainda estavam dentro do talo, à espera de se desenvolver e sair, começaram a se desfolhar, de maneira que presas àquele talo, se assemelhavam às paginas de um livro.

De repente, uma palavra surgiu em minha mente. "Livro! Livro!" Apanhei minha sacola e peguei a Bíblia. Eu a abri.

Folheando suas páginas, apresentei-a aos homens. Apontei para as folhas do talo da bananeira, e depois para a Bíblia.

— Aqui está ele — eu disse. — Eu o tenho aqui. Este é o Deus do talo da bananeira.

Um dos motilones, aquele que subira à árvore, arrancou a Bíblia de minhas mãos. Começou a rasgar-lhe as páginas e enfiá-las na boca. Ele julgava que comendo as páginas, teria Deus dentro de si.

Visto que nada aconteceu, eles começaram a fazer perguntas. Como poderia eu explicar-lhes o Evangelho? Como poderia eu explicar que Deus, em Jesus, seria semelhante a eles?

De repente, lembrei-me de uma de suas lendas, a respeito de um homem que se transformara numa formiga. Ele estivera sentado num trilho, atrás de uma caça, e notara algumas formigas construindo a casa. Ele queria ajudá-las a construir uma boa casa, igual à dos motilones, por isso começou a cavar o solo. Mas, porque ele era tão grande e desconhecido, as formigas se amedrontaram e fugiram.

Então, milagrosamente, ele se transformou numa formiga. Pensava como formiga, assemelhava-se a uma formiga e falava a linguagem de uma formiga. Viveu com as formigas e elas chegaram a confiar nele.

E, um dia, ele contou a elas que realmente ele não era formiga, mas, sim, um motilone, e que tentara, certa vez, ajudá-las a construir a sua casa, porém as assustara.

As formigas disseram algo parecido como: "Você está brincando? Então era você?" E elas riram, porque ele não se parecia nada com aquele ser tão grande e amedrontador que estivera removendo a terra.

Então, naquele momento, ele voltou a ser motilone, e começou a trabalhar a terra no formato de uma casa igual à dele. Desta vez as formigas o reconheceram e deixaram que ele fizesse o seu trabalho, porque sabiam que ele não lhes faria mal algum. Essa é a razão por que, segundo a lenda, as formigas têm formigueiros semelhantes às casas dos motilones.

À medida que a história ia passando pela minha mente, pela primeira vez, vi e compreendi a lição: se alguém for grande e

poderoso, precisa tornar-se pequeno e fraco, a fim de trabalhar com os outros seres que são mais fracos. Era um paralelo perfeito para aquilo que Deus fizera em Jesus.

Porém, havia tantos fatores desconhecidos na maneira como os motilones raciocinavam. Como poderia eu ter certeza de que estava transmitindo a coisa correta?

Eu não podia. No entanto, tinha certeza de que Deus me dera aquela oportunidade para falar. Então peguei a frase, "transformou-se numa formiga", e usei-a para a encarnação. — Deus está encarnado no homem — eu disse.

Eles ficaram assombrados. Em seguida um silêncio muito tenso. A idéia de que Deus se tornara homem os abismara.

— Onde é que ele andou? — perguntou o médico-feiticeiro num sussurro.

Cada motilone tem a sua própria picada. É a sua marca de identificação. Você simplesmente anda no caminho de outra pessoa, se deseja encontrá-la. Deus deveria ter um caminho também. Se desejássemos achá-lo, precisaríamos andar no seu caminho.

Meu sangue corria apressado e o coração batia desordenadamente. — Jesus Cristo é Deus feito homem — eu disse. — Ele pode mostrar a vocês o caminho de Deus.

A expressão de surpresa estampava-se em seus rostos e era quase de temor. O homem que estivera gritando para dentro do buraco olhou para mim.

— Mostra-nos Cristo — ele disse num sussurro áspero. Tentei encontrar uma resposta. — Vocês mataram Cristo — eu disse. — Vocês destruíram Deus.

Seus olhos tornaram-se maiores ainda. — Eu matei a Cristo? Eu fiz isso? Como poderia eu fazer isso? E como pode Deus ser morto?

Eu queria dizer a eles como a morte de Jesus os libertara da mediocridade, da morte e dos poderes do mal.

— Como é que o mal, a morte e a decepção encontram poderes sobre os motilones? — perguntei.

— Por intermédio dos ouvidos — respondeu Bobby, pois a linguagem é muito importante para os motilones. É a essência da vida. Se uma linguagem má vem através do ouvido, isso significa a morte.

— Vocês se lembram — eu disse — como depois de uma caçada de javali o guia retira a pele do animal e a coloca sobre a cabeça, para cobrir os ouvidos e protegê-los contra os maus espíritos das selvas?

Eles acenaram com a cabeça, afirmativamente, escutando com toda atenção.

— Jesus Cristo foi morto — eu disse. — E assim como vocês colocam a pele sobre a cabeça do chefe, para esconder-lhe os ouvidos, assim também Jesus, quando morreu, derramou o seu sangue sobre a decepção de vocês, escondendo-a da vista de Deus.

Fiquei ali parado, olhando para eles, com uma profunda esperança de que estivessem entendendo. Então notei nos seus rostos, que estavam compreendendo.

Eu lhes disse que Jesus fora enterrado. Uma onda de tristeza se estampou em seus rostos. O homem que procurava a linguagem de seu irmão desandou a chorar. Era a primeira vez que eu via um motilone chorar. Pois o fato de pensar que Deus estava morto, e que eles estavam perdidos, trouxera lágrimas e soluços.

Apanhei a Bíblia e abri-a, dizendo: — A Bíblia diz que Jesus voltou a viver após a sua morte e que está vivo hoje.

Um dos homens tomou-me a Bíblia e a colocou junto ao seu ouvido. — Eu não posso ouvir coisa alguma — disse ele.

Tomei-a de volta. — A maneira como a Bíblia fala não muda — eu disse. — Ela representa o mesmo que o talo da bananeira; diz sempre a mesma coisa. A Bíblia diz que Jesus voltou à vida. É o talo de bananeira que Deus enviou.

Mostrei-lhe a página e lhe disse que aquelas marcas pequeninas tinham um significado.

— Ninguém jamais voltou dos mortos em toda a história dos motilones — ele disse.

— Eu sei — respondi. — Mas Jesus voltou. É a prova de que ele é realmente o Filho de Deus.

Eles fizeram muitas outras perguntas. Algumas delas eu não compreendia totalmente. Mas tinha a certeza de que Deus falara por meu intermédio. Aquela noite eu orei: "Deus, dá validade à tua Palavra. Faze com que ela toque essas vidas." Eu reivindiquei a promessa de Deus de que a sua Palavra não voltaria a ele sem ter uma resposta.

No entanto, parecia que não haveria resposta. Continuei a caminhar pelas picadas com Bobby, dando remédios aos médicos-feiticeiros e mostrando-lhes como poderiam fazer o seu trabalho com muito mais eficiência.

No entanto, uma tarde Bobby começou a fazer perguntas. Estávamos sentados ao redor do fogo. A luz do fogo refletia levemente sobre ele. O seu rosto estava sério.

— Como posso eu andar no caminho de Jesus? — perguntou. — Nenhum motilone já fez isso. É algo novo. Não há outro motilone que possa dizer como se faz isso.

Lembrei-me das dificuldades que eu tivera, quando menino, como às vezes era quase impossível continuar crendo em Jesus, quando a minha família e os meus amigos se opunham à minha consagração. Bobby estava passando por essa mesma experiência.

— Bobby — eu disse — você se lembra de meu primeiro Festival das Flechas, da primeira vez que vi todos os motilones reunidos a fim de cantarem as suas canções? — O festival era a cerimônia mais importante na cultura dos motilones.

Ele assentiu com a cabeça. O fogo brilhou por uns instantes e eu pude ver os seus olhos atentamente fixados em mim.

— Você se lembra de que eu estava com medo de subir nas redes tão altas, para cantar, pois tinha medo de que a corda se partisse? E que eu lhe disse que somente cantaria se pudesse ter um pé na rede e outro no chão?

— Sim Bruchko.

— E que foi que você me disse?

Ele riu.— Eu lhe disse que você precisava ter os dois pés na rede. Você precisava estar suspenso, foi o que eu lhe disse.

— Sim — eu disse. — Você precisa estar suspenso. É assim que se deve estar quando se segue a Jesus, Bobby. Nenhum

homem poderá dizer-lhe como você deve andar na trilha de Jesus. Somente ele poderá fazê-lo. Porém, para descobrir isso, você terá que atar as cordas de sua rede nele, e estar suspenso em Deus.

Bobby não disse palavra alguma. O fogo dançava em seus olhos. Levantou-se e saiu, andando pela noite escura.

No dia seguinte ele se aproximou de mim. — Bruchko — disse ele — Quero atar as cordas de minha rede em Jesus Cristo. Mas como posso fazer isso? Eu não posso vê-lo e tampouco posso tocá-lo.

— Você andou falando com os espíritos, não é?

— Oh — disse ele —, agora eu vejo.

No dia seguinte ele tinha um vasto sorriso na face. — Bruchko, eu atei as cordas de minha rede em Jesus. Agora falo uma nova língua.

Não compreendi o que ele queria dizer. — Você aprendeu a falar um pouco de espanhol, como eu falo?

Ele deu uma gargalhada, feliz e gostosa. — Não, Bruchko, *eu falo* uma nova língua.

Então compreendi. Para os motilones, a língua é vida. Se Bobby tinha uma nova vida, ele possuía um novo modo de falar. A sua fala seria orientada por Cristo.

Colocamos nossas mãos sobre os ombros, um do outro. Minha mente voltou à primeira vez que me encontrei com Jesus, e a vida que senti sendo derramada dentro de mim. Agora meu irmão Bobby estava tendo a mesma experiência, com o próprio Jesus, da mesma maneira que eu sentira. Ele começara a andar com Jesus.

— Jesus ressuscitou dentre os mortos! — exclamou Bobby, tão alto que o som de suas palavras ecoou a uma grande distância ali nas selvas. — Ele andou pelos nossos caminhos! Eu me encontrei com ele.

Daquele dia em diante a nossa amizade foi intensificada por causa de nosso amor a Jesus. Falávamos constantemente a respeito dele, e Bobby me fazia inúmeras perguntas. Porém ele nunca me perguntou qual era a cor do cabelo de Jesus, ou se porventura ele tinha olhos azuis. Para Bobby, as respostas eram

óbvias: Jesus tinha pele escura e os seus olhos eram pretos. Ele usava um cordão-G e caçava com flechas e arcos. Jesus era motilone.

18. A NOITE DO TIGRE

Eu estava deitado em minha rede depois da caçada feita pela manhã. As mulheres estavam cozinhando, e a fumaça causticante do fogo, misturada com o cheiro dos macacos que estavam assando, fazia-me sonolento. Logo seria a hora de comer. E eu estava com fome.

Ouvi uma agitação no outro lado da casa, e me ergui sobre os cotovelos para ver o que estava acontecendo. Num grupo, homens e mulheres estavam reunidos em torno de Abacuriana, um rapaz esbelto. Ouvi algumas das palavras: "Tigre. Eu não podia me afastar ..."Ele falava com bastante excitação.

Dois homens que estavam junto à minha rede se levantaram e foram em direção ao grupo. — Ei, Chanti — gritei para um dos homens. — O que está acontecendo?

Ele se aproximou de minha rede. Parecia nervoso.

— Você não ouviu? — perguntou ele roucamente. — O tigre falou.

— Que tigre? — eu disse, um tanto embaraçado. — O que ele falou? Que é que você está falando?

— O tigre falou! Ele falou!

Sacudi a cabeça. — Chanti, os tigres não falam. E também, se falassem, quem é que se importaria com o que eles dissessem?

— Oh — disse ele —, quando o tigre fala, nós estamos em grandes dificuldades. Dificuldades bem grandes mesmo.

Nessa hora seus olhos estavam rolando.— Pois bem, muito obrigado — e deixei que ele se fosse.

A casa toda estava sobressaltada. Todo o trabalho cessara. Aqueles que não podiam aproximar-se de Abacuriana ficavam em

volta do grupo e conversavam ou iam rapidamente à porta e olhavam para fora.

Desci da rede. O chefe estava junto a uma das portas. Conduzi-o para um lado.

— Preciso falar com você — disse eu. — Que quer dizer que o tigre falou?

— Isso quer dizer que estamos próximos de um problema muito grande — ele disse.

— Mas, que espécie de problema? Que poderia um tigre falar que fosse tão perigoso assim?

— Eu vou à selva conversar com o tigre. E ele me dirá o que é.

— Mas chefe — eu disse —, os tigres não falam. Isso é fora de propósito.

Ele me deu um olhar rápido e duro. — Olhe aqui — disse ele —, você não sabe coisa alguma a respeito das selvas. Você não sabe caçar, não sabe o que comer. Você não pode acompanhar os que estão nas picadas. E que o faz pensar que saiba alguma coisa a respeito dos tigres?

Não havia muita coisa que eu pudesse falar. Olhei para ele com expressão de espanto, enquanto que ele olhava friamente para a selva. E depois, num esforço monumental, ele endireitou os ombros e saiu da casa. Observei-o enquanto atravessava a clareira e desaparecia sozinho entre as árvores. Voltei-me. Todos ali na casa estavam olhando para o ponto onde ele desaparecera.

Ele ficou fora até os últimos momentos da tarde. Todos estavam esperando pela sua volta. Ninguém trabalhou. Alguns homens tentaram fazer flechas, porém estavam sempre parando e olhando para o alto. Havia pouca conversa. As pessoas andavam impacientemente ao redor da casa, e a sua impaciência foi transferida para mim. Que é que estava acontecendo? Eu nunca vira coisa semelhante. A casa parecia estar sendo oprimida por mão invisível, muito pesada.

Quando o chefe voltou, imediatamente as pessoas se reuniram em volta dele. Esperou até que todos estivessem ao seu redor para depois falar. Tinha o rosto cansado e repuxado. Parecia ter envelhecido dez anos.

— O tigre disse que os espíritos sairão hoje à noite das rochas. Eles atacarão esta casa. As vidas serão extintas. As línguas cessarão. Haverá morte.

Num silêncio profundo o chefe se afastou e subiu para a sua rede. As pessoas se desviavam e andavam sós.

Que é que estava realmente acontecendo? comecei a pensar. *De onde vinha todo esse temor? Que quer dizer, que o tigre fala e os espíritos sairão das rochas?*

Era claro que alguma coisa realmente amedrontadora estava acontecendo. Normalmente, essas pessoas não eram supersticiosas, e eu nunca, nunca mesmo, as vira assim tão amedrontadas. Rotineiramente enfrentavam cobras venenosas e animais perigosos, e nunca mostravam sinal de medo. Se estavam com medo agora, com toda certeza havia alguma coisa digna desse medo. Mas, o que era? E como poderiam eles lutar contra ele?

Encontrei Bobby fora da casa, olhando ao longe. Ele olhou por cima de mim quando me aproximei.

— Bruchko, será que Jesus poderá ser tirado de minha boca? perguntou, mostrando quase um traço de medo em sua voz.

— Bobby, que é que está acontecendo? Que quer dizer que o tigre falou? E o que significa que os espíritos sairão das rochas?

— Os espíritos sairão das rochas — ele disse. — Eles tentam matar. Às vezes, morre apenas uma pessoa. Às vezes, muitas delas morrem. Dois meses atrás, lá em Ocbabuda, morreram sete pessoas.

— Como é que morrem? — perguntei. — Quem é que os mata?

— Os espíritos os matam, Bruchko — disse ele. — Eles morrem em suas redes, porque os espíritos maus retiram deles a sua fala.

— Bobby, sempre morre alguém?

— Sempre — ele disse.

O ar parecia pesado. Que significava tudo aquilo? E o que sentia eu sob tanta pressão?

— Será que Jesus pode ser retirado de minha boca? — perguntou Bobby novamente, olhando em direção da selva.

Eu não sabia como lhe responder. Nunca antes eu lidara com poderes demoníacos. Eu me sentia amedrontado, também.

— Será que o diabo pode matar-me agora que ando no caminho de Jesus? — continuou. — Bruchko, que devo eu fazer?

— Não sei Bobby. Você mesmo deve conversar com Jesus. Ele é o único que tem todas as respostas para as suas perguntas. Ele falará com você, em seu coração.

Ele hesitou, e então se retirou, indo para a selva. Imediatamente senti certo remorso. Por que não lhe dei alguns conselhos? Que espécie de pai espiritual era eu?

Porém, eu não tinha conselho algum para lhe dar.

Saí para uma longa caminhada pela selva. Eu não estava apenas amedrontado, mas também confuso. "Os tigres não podem falar", eu disse a Deus. "O que está acontecendo aqui?"

Quando voltei para a casa, era quase noite. Assim que me aproximei da clareira, podia ouvir lamentos estranhos, cantos de sortilégio e feitiçarias. A casa se balançava de um lado para outro, como se ela mesma estivesse possuída pelo próprio demônio. As canções eram embaralhadas. Elas aumentavam e diminuíam, ganhavam força e de repente caíam de volume. O ar parecia cheio de eletricidade. Eu estava quase com medo de entrar ali.

Lá dentro, os fogos lançavam um brilho vermelho assustador. Vi que realmente a casa se balançava. Todos os homens, lá no alto, em suas redes, se balançavam e cantavam a fim de afastar o demônio. As mulheres estavam no chão, batendo pedras enormes, uma na outra. Seus olhos, como os olhos dos homens, estavam fechados e bem apertados.

Onde estava Bobby? Ele se achava ali naquele lugar? De repente senti certo temor por ele. Ele era o único motilone que começara a andar na trilha de Jesus. Será que ele se havia entregue a esse temor e superstição?

Então vi a sua rede. Ele estava nela, balançando. Quase virei as costas e voltei para a selva. Mas alguma coisa me impediu. Ele era meu irmão.

Agarrei um dos mastros que suportavam a casa, e comecei a subir em direção à rede de Bobby que estava a quase seis metros

acima do chão. O bambu curvou-se sob o meu peso e comecei a pensar se porventura me agüentaria.

Mas, naquele instante, o bem-estar de Bobby era a coisa mais importante do mundo para mim. Quando subi o suficiente, olhei para a rede de Bobby. Seus olhos estavam abertos. Ele tinha um largo sorriso em seu rosto. A canção que ele estava cantando era diferente:

"Jesus está em minha boca;

Eu tenho uma nova fala.

Jesus está em minha boca;

ninguém poderá tirá-lo de mim.

Eu falo as palavras de Jesus.

Eu ando nos passos de Jesus.

Eu sou um dos jovens de Jesus;

Ele encheu o meu estômago e não sinto mais fome."

Enquanto eu permanecia agarrado ao poste de palmeira, Bobby olhou diretamente para mim. Ele estava salvo. Ele conhecia Jesus. Ele estava fazendo aquilo que eu deveria ter tido a visão de sugerir. Ele estava afastando os espíritos maus cantando a canção de Jesus.

Comecei a cantar com ele. Cantamos a noite toda. Quando a alvorada surgiu, ninguém havia morrido. Era a primeira vez, na lembrança de todos eles, em que os espíritos haviam passado e ninguém havia falecido.

Ninguém comentou a respeito da canção de Bobby, no entanto, eu podia sentir que os outros motilones tinham um interesse totalmente novo em relação a Bobby e na sua relação com Jesus. Não era algo particularmente externo; pois essa não era a maneira dos motilones. Mas as evidências eram claras.

E Bobby começou a mudar. Nos meses seguintes, após a sua entrega a Jesus, ele se tornou menos orgulhoso. Quando visitava as outras casas comunitárias, aceitava o alimento imediatamente,

em vez de se forçar a ficar sem alimento, afim de demonstrar a sua força. Aquela teimosia não o fizera muito popular entre os outros homens, se bem que eles o respeitassem por causa dela. Agora, eles notavam sua nova atitude, e ficavam imaginando o que é que a causara.

Eu estava ansioso para que Bobby lhes contasse. Eu tinha certeza de que poderia fazê-lo com as suas experiências, e fiquei desapontado quando ele não quis fazê-lo. Seria por que ele não se preocupava suficientemente com outros motilones? Eu não tinha muita certeza.

Mas eu estava tentando forçá-lo a encaixar-se em "um molde" e não conseguia. As notícias não têm significado real para os motilones, até que elas sejam dadas numa cerimônia formal. Na minha excitação a respeito da experiência espiritual de Bobby, eu queria que ele fizesse as coisas como são feitas na América do Norte. Queria que ele convocasse uma reunião e contasse a respeito de Jesus, ou então, que pegasse os seus amigos e explicasse a eles o que é que Jesus agora significava para ele. Mas, graças a Deus, ele esperou até que pudesse fazê-lo à moda dos motilones.

Logo se espalhou a notícia de que em breve haveria outro Festival das Flechas. Houve excitação pela casa. A única vez quando todos os motilones se reuniam, era por ocasião desse festival.

Formavam-se novos pactos. Havia troca de flechas, e os homens que formavam os pactos tinham um concurso de cânticos. Subiam em suas redes e cantavam seguidamente durante o tempo todo, tanto quanto podiam, relatando lendas, histórias, e notícias de acontecimentos recentes. Às vezes, as suas canções chegavam a durar até doze horas, sem interrupção em busca de alimento, água, ou descanso.

As pessoas fluíam pela casa dentro. Havia muito barulho e muita comida. Os velhos amigos se cumprimentavam e trocavam histórias. As pessoas olhavam para Bobby sob um novo prisma. A notícia correra a respeito da noite quando os espíritos haviam saído, e ninguém falecera. Ele era olhado com respeito e certa curiosidade. Ele se casara e era aceito como homem.

Um dos chefes mais velhos, chamado Adjibacbayra, sentiu um interesse todo especial por Bobby. O seu ar reservado fazia com que ele parecesse estar cheio de dignidade. No entanto, ele possuía uma boa dose de curiosidade, e no primeiro dia do Festival, imediatamente desafiou a Bobby para o concurso das canções. Bobby ficou satisfeito e aceitou o desafio.

Ambos subiram na mesma rede, a seis metros de altura, e começaram a balançar-se de um lado para outro. Bobby cantou primeiro, e Adjibacbayra imitou-o, acompanhando linha por linha. Outros homens haviam feito outros desafios, e também estavam cantando.

A canção de Bobby era sobre a maneira como os motilones haviam sido enganados e haviam perdido o caminho de Deus. Ele falara como, antigamente, conheceram a Deus, mas haviam sido gananciosos e seguido um falso profeta. Então ele começou a cantar a respeito de Jesus. Assim que começou a cantar, os outros homens que também estavam cantando, pararam os seus cânticos. Todos ficaram silenciosos a fim de poderem ouvir.

— Jesus Cristo foi encarnado como homem — Bobby cantou. — Ele andou pelas nossas picadas. Ele é Deus, contudo, mesmo assim podemos conhecê-lo.

A casa estava num silêncio mortal, com exceção do cântico lamentoso de Bobby e a repetição de Adjibacbayra. As pessoas estavam aguçando os ouvidos para poderem ouvir.

Dentro de mim, no entanto, havia uma luta espiritual. Eu estava odiando aquela canção. Ela parecia tão pagã. A música, cantada num tom menor, soava como a música dos feiticeiros. Parecia que ela estava rebaixando o Evangelho. No entanto, quando olhei para as pessoas ao meu redor, e para cima, para o chefe que se balançava em sua rede, pude ver que eles ouviam como se suas vidas dependessem daquilo. Bobby estava dando a eles a verdade espiritual através da canção.

No entanto, eu ainda queria fazer à *minha* moda... até que ouvi Bobby cantar como Jesus lhe dera uma nova fala.

"Você não pode ver a realidade do que ele está dando ao seu povo?" parecia que Deus me perguntava.

"Mas Senhor", repliquei, "por que eu sinto tanta repulsa pelo modo como eles se expressam?"

Então percebi que era por ser eu um pecador. Eu podia amar a maneira de viver dos motilones, mas quando se relacionava com os assuntos espirituais, eu julgava ter a única maneira correta. Porém, ela não era a maneira de Deus. Deus está dizendo: "Eu também amo o modo como os motilones vivem. Fui eu que o fiz. E eu vou contar a eles a respeito de meu Filho, à *minha* moda."

Eu me descontraí e finalmente pude sentir uma verdadeira alegria no cântico de Bobby. Ele continuou durante mais oito horas, dez horas. A atenção do grupo não diminuíra. A casa ficara às escuras. Os fogos foram acesos. Finalmente, após catorze horas, eles pararam de cantar e, fatigados, desceram de sua rede.

Adjibacbayra olhou para Bobby. — Você comunicou uma notícia completamente nova — ele disse. — Eu também quero estar suspenso em Jesus. Quero esparramar o seu sangue sobre a minha decepção.

Naquela noite deu-se uma revolução espiritual com aquele povo. Ninguém recusou a novidade a respeito de Jesus. Todos eles queriam que ele os levasse além do horizonte. Houve uma alegria intensa, tremenda. Às vezes havia silêncio, e as pessoas conversavam entre si em pequenos grupos. Outras vezes, a alegria rompia espontaneamente através de cânticos. Isso prosseguiu até tarde da noite.

Deus havia falado. Ele havia falado na língua dos motilones e através da cultura deles. E ele nem sequer tivera que me usar.

19. Os milagres de cada dia

Parecia um milagre que os motilones tivessem aceito a Jesus no dia do Festival das Flechas. Durante vários dias, um cântico de louvor encheu-me o coração.

Depois ouvi relatos acerca de outros Festivais de Flechas. As palavras que Bobby cantara haviam sido repetidas lá e alegremente haviam sido aceitas. Era muito mais do que eu podia acreditar.

À medida que as pessoas começaram a responder à Palavra e a obedecer a Deus, outras coisas foram acontecendo, as quais eu também chamava de "milagres", coisas que eram claramente sobrenaturais. Mas a idéia de milagre para os motilones não era, necessariamente, igual à minha. Algumas coisas que me surpreendiam, eles as aceitavam sem hesitação.

A medicina, por exemplo. Depois que os motilones aceitaram a Jesus Cristo, houve uma tremenda expansão nesse campo. Porém, todas as vezes que injeções, comprimidos ou ungüento fossem aplicados, eles eram acompanhados por cânticos que invocavam a Jesus para curar. Para os motilones, a cura que a medicina realizava era um milagre da parte de Jesus. Era algo que ele fazia em benefício do povo. As suas orações eram parte desse processo de cura.

Às vezes isso trazia resultados surpreendentes. Certo dia cheguei a uma casa onde havia um homem que, na semana anterior, havia sido picado por uma cobra venenosa. Ele estava praticamente recuperado.

— Eu julgava que você não tivesse mais soro antivenenoso — eu disse. — Onde você o conseguiu?

— Nós não tínhamos nenhum — respondeu o médico-feiticeiro.

— Que é que vocês, em nome do céu, fizeram para que ele se recuperasse?

— Pois bem, tudo o que tínhamos eram alguns antibióticos. Então nós os demos a ele e oramos para que Deus o curasse. E como você pode ver, ele o curou.

Eu estava abismado. O antibiótico não tem efeito algum sobre o veneno de cobra. Deus havia curado o homem, e não o remédio.

Mas não era isso que os motilones diziam a respeito de todas as curas? Que diferença faziam os métodos aplicados por Deus? Quer as pessoas usassem o remédio adequado ou não, ainda assim era Deus quem efetuava a cura.

Porém eu estava tão satisfeito que Deus escolhera trabalhar de maneira poderosa e visível, entre os motilones, simplesmente para mostrar-me que ele realmente estava mudando os seus corações. De outro modo, seria quase impossível crer na quase

totalidade da aceitação do Evangelho, pelos motilones. As vezes, eu me punha a pensar: *Isso é realmente conversão ou é simplesmente mais uma lenda em que os motilones se apóiam?* Deus me fez ver as mudanças poderosas ocorridas na vida daquela gente, de modo que eu não podia duvidar de que ele estava agindo sobre eles e por intermédio deles.

Certo dia voltei de uma viagem e soube que Atabacdora havia sido trazido para a casa comunitária com uma fratura nas costas. Ele caíra de uma árvore durante uma caçada aos macacos. Não tínhamos meio algum de ajudá-lo ali mesmo, e então o levamos durante três dias através de picadas, e depois, por barco, rio abaixo, depois para o hospital em Tibu. Lá no hospital tiraram uma radiografia de suas costas, e o médico depois me informou que ele havia fraturado o pescoço. Ele deveria ficar em repouso, imóvel, durante meses. Sendo eu a única pessoa que falava espanhol e motilone, fui encarregado de dar-lhe essa notícia.

Atabacdora estava deitado de costas. Eles haviam colocado, no seu leito, alguns suportes, de modo que o seu corpo estivesse curvado ao meio. Estava numa posição desconfortável. Queixara-se de que as enfermeiras não o deixavam mover.

— O médico acabou de me dizer que você terá que ficar aí, imóvel, durante três meses — eu lhe disse. — Se você não obedecer, nunca mais ficará bom.

— Não, Bruchko — disse ele. — Não posso fazer isso. Não posso ficar aqui deitado todo esse tempo.

— Atabacdora, você precisa fazer isso. Se não o fizer, não ficará curado.

Fiz com que ele prometesse obedecer às ordens do médico, porém ele não estava muito contente, não. E também, eu não tinha certeza de quanto tempo duraria sua promessa. Bobby e eu falamos a esse respeito, mas nenhum de nós tinha uma solução para o caso. Ele poderia permanecer imóvel por uma semana, se realmente tentasse. Mas três meses? Era impossível.

— Escute, Bobby — eu disse —, às vezes os homens que conheceram a Jesus, quando ele andava pelas picadas, ungiam com óleo um doente e oravam para que ele fosse curado. Acho que talvez deveríamos fazer isso com Atabacdora.

— E isso funciona, Bruchko? — perguntou Bobby. — Deus cura desse modo?

Eu não tinha muita fé que isso realmente fosse ajudar, mas eu sabia que Atabacdora nunca seria capaz de ficar três meses imóvel, e eu nem sequer podia pensar em vê-lo disforme para o resto da vida.

Arranjamos um pouco de óleo e fomos ao seu quarto lá no hospital. Ele estava sofrendo dores horríveis. Os sedativos não estavam produzindo o efeito necessário, contudo ele ainda sorriu para nós. — Nós queremos orar por você — eu disse.

Bobby colocou o dedo no óleo, e depois eu fiz a mesma coisa. Ficamos ali por um momento; Bobby esperava pela minha iniciativa.

— Não sei onde devo colocar o óleo — ele disse. — Deve ser em algum lugar em sua cabeça, mas eu não sei onde.

— Ponhamos na sua testa — disse Bobby.

Fizemos isso, e depois pusemos as mãos sobre a sua cabeça. Então Bobby orou.

— Deus — ele disse —, Atabacdora tem dores nas costas. Ele precisa ficar bom novamente, de modo que ele possa voltar a correr pelas picadas, pescar e caçar, com os seus irmãos motilones. Tu podes livrá-lo dessa dor nas costas. Nós queremos que faças isso, e te pedimos em nome de Jesus.

Dissemos mais algumas palavras a Atabacdora e depois fomos embora. Eu tinha alguns negócios a ver em Cucuta e assim deixei Atabacdora aos cuidados de Bobby. Os meus negócios levaram três dias, e passei a maior parte desse tempo preocupando-me com o estado de Atabacdora. Quando voltei, fui imediatamente ter com Bobby. Ele estava aborrecido.

— Atabacdora nem sequer tenta ficar parado, Bruchko — ele disse. — Ele diz que não é nada confortável para ele ficar de costas, e ele não fica deitado.

Fomos ao hospital visitá-lo. Sua cama estava vazia. Fiquei assustado. Será que ele se havia mexido tanto, prejudicando a si mesmo, e fora levado à sala de operação para uma cirurgia?

Nisso Atabacdora surgiu pelo quarto a dentro. Quando nos viu, havia certo ar de culpa em seu rosto, como o de uma criança apanhada ao pegar as bolachas, sem licença. Rapidamente, e sem uma palavra sequer, ele se deitou, e deu uma demonstração de como deveria ficar deitado corretamente, com as costas curvadas ao meio. Ele mal acabara de deitar-se e de colocar-se naquela posição, quando uma enfermeira, com o rosto vermelho, chegou atrás dele, bufando. Com o dedo em riste, e aos trancos, ela me repreendeu em voz bem alta, por deixá-lo sair da cama. Atabacdora permaneceu ali bem quieto, com certo ar de santidade no rosto. Finalmente, quando a enfermeira saiu, fazendo toda sorte de ameaças, ele sorriu.

Era a minha vez de ralhar com ele. — Atabacdora, você não se interessa em ficar bom? Se não ficar aí quieto, talvez você nunca mais poderá caçar.

Ele falou amuado: "Bruchko, eu não podia mais ficar aqui nesta cama. Ela é muito sem conforto. Fiz isso durante três dias e foi o bastante.

— Bruchko — disse Bobby —, se ele não sente mais dores nas costas, por que deve ficar imóvel na cama?

Eu não pensara nisso. Procurei o médico e perguntei-lhe se não poderia tirar outra radiografia de Atabacdora. Ele não queria, porém eu consegui demovê-lo. — Pois bem — disse ele —, se isso o faz sentir mais feliz, eu o farei.

No dia seguinte ele veio ter comigo com ar um tanto embaraçado.

— Esse é o mesmo índio que você trouxe anteriormente?

— De certo que é — eu disse. — Acha que nós brincamos de esconde-esconde com os seus pacientes?

— Pois bem, se esse é o mesmo homem, as suas costas foram curadas. É algo surpreendente. Não há sinal algum, nem o sinal de fratura. É algo como um milagre.

— Gente — ele disse —, vou procurar saber qual foi exatamente o seu tratamento. Nunca soube que o nosso tratamento fosse tão eficaz como esse.

Eu ri. — O senhor não acha que houve algo mais do que simplesmente a medicina que agiu sobre ele?

— O quê, por exemplo? — perguntou ele.

— Deus, por exemplo.

Ele saiu sacudindo a cabeça.

Eu estava profundamente exultante. Encontrei-me com Bobby e contei a ele o que acontecera. — Bobby, você acredita que isso é um milagre?

Bobby não estava tão excitado. Para ele, era simplesmente uma dor nas costas que Deus curara. Muitas pessoas sentiam dores nas costas, ficavam deitadas em suas redes durante um dia, e em seguida se levantavam e iam cuidar de seus negócios. Essa dor era um pouco pior do que as comuns.

— Mas, Bobby — eu disse —, a radiografia provou que o pescoço dele estava *quebrado.*

— O que é radiografia?

— Bem, não posso explicar isso, Bobby. O negócio é que Deus o curou.

— Mas, Bruchko, por que isso é surpresa para você? Nós já vimos tantas pessoas serem curadas, que não constitui mais surpresa.

Em 1967, depois de quase um ano que os primeiros motilones se tomaram cristãos, Arabadoyca e mais um pequeno grupo de outros índios vieram falar comigo. Eles haviam decidido que desejavam ir contar a respeito de Jesus aos índios iucos. Eu sentira o mesmo desejo anteriormente, e até fizera uma viagem de volta à aldeia dos iucos, onde eu passara quase um ano.

Eu estava lá não fazia nem uma hora quando percebi que alguma coisa havia mudado. Logo descobri o que era. Uma das mulheres a quem eu tentara falar a respeito de Jesus, quando eu estivera lá na primeira vez, tivera uma visão. Como resultado disso, a maior parte da aldeia havia aceito a Jesus. Eles haviam abandonado a chicha, a bebida com a qual se embebedavam tão freqüentemente, e havia uma mudança notória ali na aldeia. Em vez de falar a respeito de Jesus aos iucos, como eu tencionara fazer, eles é que falavam a respeito dele para mim.

No entanto, eu estava surpreso ao ouvir que os motilones desejavam falar a respeito de Jesus aos iucos. As duas tribos

haviam sido inimigas acérrimas durante anos. Os iucos tinham certa brincadeira que gostavam de fazer. Eles costumavam trançar os espinhos longos, de quase treze centímetros, que havia nas selvas, e colocá-los nas picadas dos motilones. Depois se escondiam por trás das moitas e esperavam. Quando os motilones corriam ao longo daquela picada, pisavam naqueles espinhos. Os iucos desandavam a rir de seus sofrimentos e saíam correndo.

Agora os motilones queriam ir aos iucos e falar-lhes sobre Jesus. Naquela ocasião eles não entendiam que havia outras línguas, além da que os motilones falavam. Eles achavam que os iucos falavam da mesma maneira que eles. Porém, as duas línguas são completamente diferentes. Eu não podia ver como eles poderiam transmitir qualquer coisa a respeito de Jesus.

Porém, não seria eu que iria impedi-los de fazer isso. Sugeri que fossem às tribos nas terras baixas, que ainda não tinham ouvido acerca de Jesus. Alguns dias mais tarde eles partiram. Orei para que aquela não fosse uma experiência destruidora para eles, e que Deus os confortasse no seu desapontamento em não poderem comunicar-se com os índios iucos.

Eles estiveram por lá durante diversas semanas. Quando voltaram, fui ver Arabadoyca, curioso por saber o que acontecera.

— Como é que foi? — perguntei.

Ele estava fabricando flechas; olhou para mim com o seu sorriso familiar e meio torto. — Maravilhoso — disse. — Eles nunca antes tinham ouvido falar de Jesus.

— E eles compreenderam?

— Oh, sim, nós lhes dissemos uma porção de coisas sobre Jesus.

— Você falou com eles?

— De certo —. Arabadoyca estava um tanto preocupado com a minha surpresa. — Como é que você lhes falaria?

— Oh...da mesma maneira. Mas como sabe você que eles compreenderam?

Novamente ele parecia perplexo. — Ora, eles nos disseram que haviam compreendido. Estavam tão animados ao ouvirem as boas-novas, Bruchko.

— Você quer dizer que simplesmente abriram a boca e conversaram com os iucos e eles compreenderam o que vocês diziam, e que eles conversavam com vocês e vocês os entendiam?

— É isso mesmo, na verdade.

A língua dos iucos não é um dos dialetos dos motilones. É uma língua totalmente diferente. Você nunca compreenderia uma se soubesse a outra. No entanto, eu tinha certeza de que Arabadoyca e os outros não estavam mentindo. A mentira é algo quase totalmente desconhecido entre os motilones. E eles não tinham razão alguma para estar mentindo. E, também, há o fato concreto de que agora, nas terras baixas, há cristãos entre os iucos, quando anteriormente não havia nenhum.

Só posso concluir que o Espírito Santo de Deus fez com que os motilones falassem e entendessem a língua dos iucos. Era um milagre para mim. Mas, para os motilones, tudo o que Deus faz é um milagre.

Aprendi com os motilones a esperar que Deus providencie tudo o de que precisamos, apesar das circunstâncias. Certa ocasião, quando tivemos uma epidemia de sarampo, fiquei sem nenhum remédio. O sarampo é uma das doenças mais mortais entre os índios, e sem os antibióticos eu estava desamparado. Já havia dez casos de sarampo, e ele estava-se espalhando rapidamente.

Porém eu tinha certeza de que Deus providenciaria os remédios de um jeito qualquer. Eu nunca duvidara disso, embora eu não tivesse dinheiro algum no banco, e tampouco crédito.

Fui a Tibu, certo de que ali haveria algum dinheiro. Abri toda a minha correspondência. Não havia nenhum centavo.

Mas, mesmo assim, eu ainda me sentia seguro de que Deus tinha uma resposta para o problema. Ele a tivera em circunstâncias semelhantes anteriormente, e o seu Espírito estava-me confortando a respeito dessa situação.

Fui a Cucuta, abri a minha caixa postal e ali encontrei um cheque de quinhentos dólares.

Isso não me surpreendeu. Eu simplesmente disse: "Graças a Deus, ele chegou. Descontei o cheque e comprei os remédios de

que necessitava. Os remédios custaram quinhentos e sessenta e cinco dólares.

— Tenho aqui comigo quinhentos dólares; se você puder esperar, pagarei o restante mais tarde — eu disse ao balconista. Ele concordou. Era uma transação muito grande e ele não queria perdê-la.

No dia antes de deixar Cucuta, voltei ao correio novamente. Havia um cheque de cem dólares. Voltei à farmácia, paguei o restante de minha compra, e ainda sobrou um pouco para fazer uma boa refeição e comprar algumas coisas de que eu precisava lá nas selvas. Voltei a Tibu, e de lá segui para as selvas. Os remédios foram suficientes para exterminar a epidemia e controlar as suas complicações.

No entanto, o maior dos milagres que eu já vira foi a mudança que se dera na vida dos motilones. Eles haviam encontrado o propósito de sua vida em Jesus Cristo. Como resultado, haviam abandonado aquela individualidade que os impedia de ajudar um ao outro. Há um verdadeiro sentido de cuidado uns pelos outros, de um verdadeiro sacrifício próprio, o que fez possível o seu desenvolvimento econômico, tanto quanto o desenvolvimento espiritual. Sem ele, os seus programas sempre se afundavam. Com ele, os seus problemas estavam sendo resolvidos.

Já falei perante as Nações Unidas. Já falei à Organização dos Estados Americanos. Fui amigo pessoal dos últimos quatro presidentes da Colômbia. Minha experiência com os índios motilones ensinou-me a trabalhar com as outras culturas; a prover mudanças positivas sem estraçalhar as estruturas sociais existentes. Tento compartilhar essas experiências. Porém, a coisa mais importante que posso afirmar àqueles que desejam auxiliar os povos primitivos é esta: Eles não serão auxiliados em muitos aspectos, a não ser que encontrem um propósito de vida através de Jesus Cristo. Sem ele, qualquer desenvolvimento que ocorra será sempre torcido ou corrompido. Isto amargurará aqueles que tentam mantê-lo unido, e os que não se preocupam com isso serão arruinados pela apatia e alienação.

Porém, com Jesus, haverá uma mudança real. Não apenas uma mudança espiritual. Nem tampouco uma mudança gradual. Haverá uma mudança real, agora, com poderes visíveis. Jesus é a fonte de toda mudança. Ele é o Deus dos milagres de cada dia.

20. Como Davi e Jônatas

George Camibocbayra encontrou-se comigo no lado de fora da casa e me levou a um lado. — Será melhor que você vá já ver Bobby — ele disse. — A sua filhinha está muito doente, e eles a levaram ao hospital em Tibu.

Entrei na casa e encontrei Bobby sentado numa esteira, olhando para os pés. Seu rosto estava triste; coloquei a mão sobre o seu ombro. Ele olhou para cima, e depois novamente para os seus pés.

— Ouvi dizer que sua filha está doente — disse-lhe.

Ele assentiu com a cabeça. — Nós a levamos a Tibu, há três dias.

— Por que você voltou para cá?

— Eu tinha de cuidar de minha esposa. Ela está grávida, você sabe. E eu tenho outros trabalhos a fazer, trazer o mantimento e levar as coisas para vender. E que poderia eu fazer lá em Tibu?

— E no entanto — eu disse, sorrindo levemente — parece-me que tampouco você está sendo muito útil aqui.

Ele olhou para mim novamente. Seu rosto parecia cansado e envelhecido.

— É, isso é verdade — disse ele. — Eu não posso deixar de pensar nela.

Ele se levantou e ficou ao meu lado. Olhei para Atacadara, sua esposa. Ela estava em pé, olhando para Bobby, com uma grande preocupação. O seu ventre estava grande, por causa da gravidez, no entanto, ela ainda conservava o seu rosto fino, e os olhos escuros de uma mulher muito linda. Ela amava Bobby. Mesmo com a filhinha doente, e longe, lá no hospital, ela estava muito mais preocupada com Bobby.

Voltei a olhar para Bobby. — Vamos orar juntos a favor de sua filha — eu disse. — E depois irei a Tibu para ver se posso

auxiliar em alguma coisa. Você deve ficar aqui e cuidar de Atacadara.

Quatro dias depois eu estava junto ao leito daquela criança. Seu corpo parecia diminuído. Estava que era pele e ossos, e os olhos tinham uma membrana fina sobre eles.

O médico estava ali junto de mim. — Que doença ela tem? — perguntei.

Ele era um rapaz recém-formado. — Não sabemos — ele disse. — Talvez seja uma combinação de diversas coisas. Não sei se poderemos fazer muita coisa a seu favor.

Um arrepio gelado me percorreu todo o corpo, até à ponta dos dedos. — O senhor quer dizer que ela vai morrer?

— Quem é que sabe? — ele disse. — Se não descobrirmos o que há de errado com ela, provavelmente morrerá.

Saí do hospital lembrando-me de como Bobby costumava erguê-la até à minha rede. Eu costumava sentá-la no meu estômago e cantar canções para ela, enquanto ela sorria e balbuciava, na tentativa de falar.

Lembrei-me de quando Bobby se casara com Atacadara. Fora logo depois que ele aceitara a Cristo. Atacadara fora a moça mais linda e mais inteligente da casa comunitária. Bobby a fizera saber, através de um amigo, que gostava dela. Todas as vezes que se viam e se encontravam, ambos enrubesciam. Atacadara sentia-se apaixonada por Bobby. Era um jovem guerreiro, forte, vistoso, e que era, pode-se dizer, um prêmio valioso da tribo.

Um dia ela mudou a rede para junto da de Bobby, e eles se casaram. O pai dela ficara muito zangado. Ele não estava interessado num genro. Ele queria que a filha ficasse junto à família. Mas ela se recusara.

Ri quando me lembrei de como me sentira na ocasião. Eu tivera receio de que o casamento pudesse trancar a nossa amizade, e que nunca poderíamos nos sentir tão perto novamente. Porém, tudo se deu de modo diferente. Atacadara e eu havíamo-nos tornado irmão e irmã, e quando a sua primeira filha nasceu, de acordo com os costumes motilones, eu era o seu segundo pai. Nós nos havíamos tornado numa só família.

Bobby era um pai e esposo devotado. Não era muito comum entre os homens motilones partilhar muita coisa com suas esposas, porém Bobby e Atacadara, desde o início de seu casamento, eram muito chegados um ao outro. Fora a conversa de Bobby, antes mesmo do Festival das Flechas, que a levara a conhecer a Cristo. Eles não eram apenas marido e mulher, mas amigos. Muitas vezes eles se deitavam na mesma rede e conversavam por horas seguidas. Podia-se ouvir as suas vozes, bem baixinho, sussurrando através da casa comunitária, até altas horas da noite.

E agora a filhinha deles estava às portas da morte. Deus tinha que curá-la. Ela significa muita coisa para Bobby e Atacadara.

No dia seguinte, quando o médico me informou que ela falecera durante a noite, foi como se eu recebesse um soco no rosto.

Eu precisava contar isso a Bobby. Quando lhe contei, o seu rosto empalideceu. Sem dizer uma palavra sequer, ele caminhou em direção à selva, e não voltou até à noite. E assim mesmo, ele não conversou, e não mostrou sinal algum de afeto por Atacadara ou por mim. Dois dias mais tarde, Atacadara deu à luz outra menina, mas Bobby simplesmente fez um leve reconhecimento. Todos os dias ele fazia uma grande caminhada pela selva. Quando voltava, não fazia menção de onde estivera. Se eu conversasse com ele, geralmente não respondia.

Era, na verdade, sua primeira prova como cristão e estava sendo muito difícil. Continuava a não mostrar nenhum sinal de amor por Atacadara e pela outra filhinha. Orávamos por ele, porém durante duas longas semanas havia somente uma grande tristeza.

Então ele começou a observar a nova filha. Eu a peguei e a coloquei nos seus braços. Ele a segurou e a balançou. Dentro de uma semana, ele a estava levando a toda parte, e ele e Atacadara eram mais amigos do que nunca. Todos observavam essa união. O sogro de Bobby, que ficara zangado com aquele casamento, começara a tomar as refeições junto com eles. Ele podia ver que estivera errado. Mais tarde ele se tomou cristão, principalmente por causa do relacionamento matrimonial de sua filha.

A família de Bobby crescera também. Dentro de um ano, o seu primeiro filho nasceu, e isso o fez muito feliz. Porém, ele não era egoísta em relação à sua família. Pensei que talvez ele fosse

passar o tempo todo trabalhando para os seus, em vez de cooperar com os outros motilones. Mas parece que se deu o oposto; seu amor pela sua família parecia transbordar para todos, e estava, mais do que nunca, interessado no bem-estar alheio.

Numa de nossas viagens ao território dos motilones, que ficava montanha acima, encontramos um menino de oito anos, mais ou menos, que se chamava Odo. Toda a família daquele menino havia morrido numa epidemia; não tendo ninguém, estava crescendo como um jovem delinqüente. Ele passava de uma casa comunitária para outra, sempre encontrando alguma coisa para comer, porém nunca era totalmente aceito.

Ele não era um menino muito agradável. Achava, pelas suas condições, que deveria ser alimentado e que deveriam cuidar dele; mas nunca era grato, quando alguém o fazia. Freqüentemente estava em apuros e transtornava as coisas.

Bobby e eu já havíamos observado aquele garoto, porém, como estávamos simplesmente de passagem, não pensei muito no caso. Contudo, Bobby não deixava de preocupar-se. Um dia ele me disse que iria levar Odo consigo, quando partíssemos.

— Para que, Bobby? Ele só vai nos atrapalhar.

— Ele precisa de alguém — disse Bobby. — Quem sabe, se ele nos acompanhar, poderá ajudar-nos e nós poderemos ajudá-lo.

Quando sugerimos a Odo que nos acompanhasse, ele ficou desconfiado.

— Por que vocês querem que eu vá com vocês?

Bobby não deu atenção à sua suspeita. — Nós precisamos de um auxílio extra. Há tanto trabalho para ser feito, e é demais para nós dois. Todo mundo pode ver que você é esperto, portanto achamos que você aprenderá rapidamente.

Odo olhava ora para um e ora para outro, para descobrir o que realmente queríamos com ele; finalmente, fez sinal que sim com a cabeça. — Está bem — disse ele.

A princípio não foi fácil agüentá-lo. Bobby me surpreendia pela sua paciência. Ele nunca se zangava e aparentemente não parecia estar perturbado. Dentro de algumas semanas comecei a observar certa mudança nas atitudes de Odo. Ele estava constantemente perto de Bobby. Em vez de nos atrapalhar, pelo

contrário, ele realmente estava começando a nos ajudar. Quando voltamos para a nossa casa comunitária, Odo nos acompanhou e se tornou parte da família de Bobby. Quando, antigamente, ele estava sempre sujo, agora começara a se lavar, apesar de que Bobby nada comentara a esse respeito.

Dentro de alguns meses, ele estava sendo notado pelas pessoas, não por causa de seu mau comportamento, mas pelo fato de que era um jovem valioso. Ao imitar Bobby, ele se preocupava pelos outros.

Essa foi a época mais feliz e agradável que eu já tivera. Bobby e eu estávamos constantemente juntos. Não havia segredo algum entre nós. Eu podia notar que ele estava-se tomando um líder jovem de projeção entre os motilones. Eu nunca precisava dizer-lhe o que tinha que fazer. Na verdade, quando ele vinha a mim, em busca de conselhos, eu lhe dizia que ele precisava decidir por si mesmo. Outros jovens que também haviam aceitado a Cristo, e que sentiam certa preocupação pelos outros, começaram a trabalhar conosco. Desenvolveu-se um sistema de liderança. Era extraordinário ver o trabalho progredir. Novas colheitas foram desenvolvidas, as pessoas doentes foram curadas, e cada vez mais, outros motilones encontravam a sua verdadeira identidade em Cristo.

Porém, o melhor de tudo, eram as horas que eu passava com Bobby. A Bíblia diz que Davi, em seu amor a Jônatas, "era muito maior do que o amor que tinha por qualquer mulher". Eu nunca compreendera isso. Mas há um perfeito amor fraternal, e à medida que esse amor a Bobby crescia, deixei de me preocupar para onde ele nos levaria. Eu simplesmente queria passar o tempo com ele, com sua família, e gozar as coisas que Deus nos dera.

Talvez as nossas melhores horas fossem aquelas após a refeição da noite, quando nos sentávamos ao redor do fogo ou ficávamos deitados em nossas redes, Bobby e Atacadara juntos, Odo e eu ali perto, com os filhos de Bobby passando de um para outro, rindo alegremente. Cantávamos as canções dos motilones e conversávamos sobre os acontecimentos do dia. Se tivéssemos comido uma boa refeição, alisávamos os nossos estômagos, ou eu ia até à rede de Bobby e batia no seu estômago e ríamos juntos. Contávamos histórias e lendas do passado dos motilones, e sempre as histórias de Jesus e das coisas que ele fizera quando homem e

quando andara no trilho dos motilones. Às vezes eu tirava a minha Bíblia e conversava a respeito de uma passagem. Finalmente os fogos se extinguiam, o ar ficava silencioso e a chuva noturna começava a cair. E um a um, caímos no sono.

Um dia Bobby me perguntou se não podíamos traduzir a Bíblia, de modo que os motilones pudessem entendê-la por si mesmos. Eles queriam saber mais a respeito de Jesus. Até então, eu passara uma boa parte do tempo contando a eles a respeito de Jesus, e respondendo as suas perguntas. Eu sabia que sozinho não poderia traduzir a Bíblia no idioma deles, porque ainda não dominava completamente a língua e não tinha uma compreensão total das lendas dos motilones. Porém, com o auxílio de Bobby, seria possível, porque não havia barreira alguma em nossa comunicação.

E então começamos a traduzir o livro de Marcos. Uma coisa é aprender a falar uma nova língua, porém outra totalmente diferente é colocar um livro todo, semelhante ao de Marcos, num novo idioma. Nas minhas viagens, fora das selvas, adquirira vários volumes sobre lingüística e como fazer traduções, e encontrei-me com um jovem de Caracas que estava interessado em usar um computador para auxiliar na tradução. Desde que havia muito tempo me interessava pela lingüística, foi animador e excitante estar envolvido nisso.

Porém, a parte mais excitante do trabalho foi a parte concreta da tradução que eu fiz com Bobby. Uma vez determinado como escrever a linguagem dos motilones, ainda havia o problema de fazer com que as frases bíblicas fossem compreensíveis. E era aí que Bobby auxiliava.

Como é que se pode falar a uma tribo primitiva a respeito de coisas como graça, quando no seu vocabulário não há tal palavra? Às vezes eu tentava adaptar uma idéia cristã à cultura dos motilones. Eu já tivera sucesso com a palavra/é que eu relacionara com "suspender a sua rede em Cristo", e a palavra *encarnação* que eu relacionara à lenda do homem motilone que se tornara numa formiga. Se a minha tentativa fosse boa, Bobby o confirmava. Outras vezes, ele dizia: "Não, isso não está certo, Bruchko. Jesus não é assim"; e eu precisava tentar novamente.

Ele, também, me esclarecia a respeito de certos aspectos da cultura em que eu falhara compreender completamente. Os

motilones, por exemplo, sempre usam nomes que tenham um significado. Não há nomes como Kent ou Kim que são apenas nomes e nada mais. Então, os personagens bíblicos precisavam receber nomes que tivessem sentido. Abraão, tornou-se no "O Homem que Conhece a Deus". João Batista ficou sendo chamado o " Anunciador" e "Habitante das Selvas", e Jesus "O único Filho de Deus conosco".

Todas as vezes que tínhamos que dar um nome, ficávamos longas horas ao redor do fogo discutindo a pessoa e qual seria o melhor nome para ela. Muitas vezes, outros motilones se reuniam conosco e nos ajudavam na decisão.

Algumas das parábolas pareciam também que não se adaptavam à cultura dos motilones. Tomemos, por exemplo, a parábola do homem que construiu a sua casa sobre a rocha, de modo que ela fosse firme. Quando Bobby a ouviu pela primeira vez, ele sugeriu que ela fosse suprimida.

— Isso não está certo, Bruchko. Para que uma casa fique firme, ela precisa ser construída sobre a areia. Pois de outro jeito, os mastros não ficarão muito profundos e a casa se desmanchará.

Então demos um arranjo na parábola. Afinal de contas, Jesus havia escolhido aquela parábola para esclarecer a verdade aos seus ouvintes. Portanto, não queria ele que os motilones também a compreendessem?

Ficamos ambos tão orgulhosos quando terminamos a tradução. No entanto, o nosso trabalho estava apenas se iniciando. Eu era o único que podia lê-lo. Bobby começou a ensinar algumas das crianças. Todas as tardes, fora da casa comunitária, onde era mais agradável, tínhamos as nossas classes.

Mas começamos a ouvir certas queixas dos homens mais velhos. Depois de um mês de termos começado o nosso ensino, Bobby me disse que teríamos que pará-lo.

Fiquei chocado. — Mas por quê? Nós apenas o iniciamos — disse eu.

— É por causa dos mais velhos, dos chefes. Eles acham que não é direito ensinar as crianças coisas que os seus pais não conhecem.

Por um instante fiquei zangado.

— Então deveríamos parar de ensinar o Evangelho simplesmente por que um punhado de velhos está enciumado? — falei abruptamente.

Bobby não respondeu. Ele simplesmente estava triste.

Eu poderia ter-me matado por ter dito aquelas palavras. Não era o meu Evangelho. Era o Evangelho dos motilones. Nenhuma notícia boa deveria estraçalhar o sistema social deles.

Deixamos de ensinar as crianças e em seu lugar convidamos os homens mais velhos. Havia uma grande competição entre eles. Eles não aprendiam tão depressa quanto as crianças, porém tentavam.

Depois de um mês e pouco, eles se sentiam bastante à vontade, para deixar que as crianças aprendessem também. Em vez de viverem em mundos totalmente diferentes, como em geral acontece em toda parte entre as gerações, os homens mais velhos e as mulheres compartilhavam o seu novo conhecimento com seus filhos. Isso favoreceu a união da tribo em vez de destruí-la.

Dentro de pouco tempo, um bom número de motilones sabia ler e escrever. Eles repetiam o evangelho de Marcos como uma metralhadora, e as sílabas, num *staccato;* saíam de suas bocas tão depressa quanto podiam falar. Porém, não havia compreensão alguma.

Então, um dos chefes mais velhos sugeriu uma regra, que é usada agora, onde quer que as classes sejam ensinadas. Todas as vezes que alguém lê um versículo, outra pessoa faz uma pergunta a respeito dele.

Por exemplo, um motilone poderá ler, "Pois Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu unigênito Filho, para que todo aquele que nele crê não pereça ..."

Um outro motilone perguntará: "Quem é que amou o mundo?"

Se o primeiro homem não puder responder, ele lê o versículo novamente, tentando compreendê-lo. Quando ele o compreende, começa a perguntar a si mesmo: "E como é que isso pode me afetar?"

E assim o trabalho foi progredindo. Porém, eu já estava ficando impaciente de novo. Quanto tempo Deus iria me conservar ali?

21. GLÓRIA

Durante os meus primeiros cinco ou seis anos com os motilones, quase não tive contato com o mundo lá fora. No entanto, enquanto fazia a tradução de Marcos, juntamente com Bobby, comprei um rádio transistorizado e o trouxe comigo para a casa comunitária. Durante várias noites fiquei acordado ouvindo o locutor falar de coisas que pareciam quase irreais. Eu podia me lembrar muito bem de como era o outro mundo, porém ele parecia tão distante.

Uma noite eu estava deitado em minha rede, com arcos e flechas para caçar ali por perto o jantar do dia seguinte, e ouvi a transmissão sobre o primeiro homem que andara na lua. Uma parte de mim ansiava por empacotar as minhas coisas e ir aonde carros, aviões e ônibus governavam, em vez de panteras e javalis. Mas, ao mesmo tempo, eu estava profundamente satisfeito comigo mesmo. Era como se eu tivesse um segredo que o mundo não conhecia; um lugar secreto que não fora permitido a ninguém entrar ali.

Poucas pessoas creram que eu tivera contato com os motilones, quando, pela primeira vez, reentrei no mundo lá fora. No entanto, alguns jornais ouviram falar do que eu estava fazendo, e quando voltei à civilização, novamente, diversos jornalistas e repórteres me procuraram e fizeram perguntas a respeito de meu trabalho com os motilones. As suas reportagens despertaram real interesse. Não demorou muito para que os motilones fossem os heróis da Colômbia. Diversos homens motilones me acompanharam numa das viagens em busca de provisões, e um deles, Axducatsyara, foi indicado como o "Homem do Ano da Colômbia". Até então, todas as notícias dos jornais simplesmente reforçavam o fato de que os motilones eram os que matavam os empregados das companhias petrolíferas. Aos poucos, no entanto, os jornais começaram a compreender que, no todo, os motilones estavam simplesmente defendendo o seu território contra aqueles que desejavam roubar-lhes as terras e destruir a sua maneira de

viver. O sentimento público se transformou, e como geralmente acontece, deixou-se levar e indiscriminadamente começou a culpar todos os colonizadores que viviam naquela área, em vez de ver a diferença que havia entre aqueles que estavam interessados em cultivar suas fazendas e aqueles que realmente haviam invadido o território dos motilones.

Os colonizadores revidaram e me chamaram de embusteiro. Eu estava nas selvas, e quando novamente voltei em busca de medicamentos, as notícias dos jornais estavam repletas de ataques, dizendo que eu estava explorando os índios, e transformando-os numa mina de ouro e diamante para mim. Dei uma boa risada. Eu podia ver a mim mesmo descansando numa cadeira de vime de espaldar alto, usando um terno branco, chapéu de panamá, tomando uma bebida, enquanto os motilone me serviam.

Conversei com o Dr. Landinez a respeito disso. — O que é que devo fazer? — perguntei.

— Ouça — disse ele — , não faça coisa alguma. É muito natural q e haja muita conversa a respeito disso. Os motilones constituem um grupo muito interessante de pessoas e ninguém tem jeito de provar qualquer coisa dita a respeito deles. Faça o seu trabalho, seja honesto com os índios, e deixe que cada um pense o que quiser. Se você passar o tempo a preocupar-se com o que os outros pensam, nunca fará coisa alguma.

Então voltei para as selvas. O interesse em torno dos motilones continuou, mas visto que não havia jeito algum de se conseguir informações a respeito deles, todo o assunto cessou.

Então, em 1970, uma comissão do governo foi de helicóptero àquela área, a fim de resolver problemas de limites de fronteira entre a Colômbia e a Venezuela. Ficaram surpresos ao verem numa casa comunitária, um centro de saúde e uma escola, mantidos pelos motilones. As notícias saídas nos jornais não os haviam preparado para uma coisa assim. Eles conseguiram perguntar aos motilones, quem era responsável por tudo aquilo — uma tarefa muito difícil, visto que não falavam a língua dos motilones.

Naturalmente os motilones disseram "Bruchko".

Aquilo provou que eu era um falsário. O verdadeiro herói do desenvolvimento, os jornais afirmavam, era alguém chamado "Bruchko".

Alguns meses mais tarde, outra comissão apareceu, de helicóptero, naquela mesma área. Felizmente eles perguntaram a um motilone que aprendera um pouco de espanhol.

— Queremos ver Olson — disse o chefe da Comissão.

— Não conhecemos Olson — respondeu o motilone num espanhol truncado.

O homem estava surpreso. — Olson não vive aqui?

— Não — disse o motilone, sacudindo a cabeça. — Os motilones vivem aqui.

— Olson, um rapaz alto, loiro?

— "Oh, Bruchko".

Daquela hora em diante, tivemos publicidade favorável. Porém publicidade favorável não cura os doentes. Ela não enche a boca dos famintos. Ela não garante que ninguém irá enxotá-lo de sua própria casa. A única coisa que ela conseguiu foi despertar e garantir maior hostilidade da parte de muitos dos exploradores de terra.

Nessa ocasião houve uma grande fuga numa das prisões na Colômbia. Muitos dos que fugiram se embrenharam naquela área selvagem, junto ao território dos motilones porque ali seriam deixados em paz. Eles começaram a cultivar a terra, e, naturalmente, viram os motilones como uma ameaça, tanto para o controle de suas terras como para a sua liberdade, das forças do governo, pois os motilones sentiam-se felizes em cooperar com o governo colombiano.

Foi crescendo um ressentimento, embora muitos dos fugitivos recebessem cuidados médicos dos motilones. Os exploradores regulares das terras mudavam de opinião a cada momento indo de um lado para outro, na sua fidelidade. Eles não gostavam dos bandoleiros. Mas, ao mesmo tempo, eles se ressentiram porque os jornais os haviam chamado de vilões, na luta pelas terras. E era verdade que eles desejavam usurpar as terras dos motilones. A maior parte das vezes o apoio deles era dado aos bandoleiros. Com isso, desencadeou-se às claras uma hostilidade.

O contato com o mundo exterior, o qual havia destruído quase que totalmente a cultura de muitas tribos primitivas, certamente era uma ameaça aos motilones. Era uma ameaça que eles precisariam enfrentar. E simplesmente eu apenas podia orar, para que quando chegasse a hora, eles estivessem tão firmes em Jesus Cristo a fim de resistir a todo aquele que tentasse mudar os seus costumes.

Para mim, pelo menos, surgiu algo muito precioso que veio desse contato com o mundo lá fora. Glória. Seu irmão, tenente do exército colombiano, estava encarregado do posto militar lá em Tibu. Um rapaz alto, forte, interessado nas selvas, apesar de nunca haver passado tempo algum no meio dela. Quando entrou de férias, planejou entrar pela selva, o mais longe que pudesse. Eu me encontrara várias vezes com ele, lá em Tibu, e tentei fazer com que desistisse da idéia. Parecia que ele julgava que as selvas fossem como um parque, lindo, agradável, onde se podia penetrar a fim de se fazer ali um piquenique. Não foi fácil convencê-lo de que a coisa era diferente.

Encontrei-me com Glória em 1965, depois de uma viagem difícil a Tibu. Porque eu estava com pressa de conseguir os remédios para os motilones, não parei para procurar alimento. E durante a viagem toda não vi coisa alguma que pudesse comer. Simplesmente continuei andando. E tampouco consegui muita água para beber.

Foi um erro. Comecei a me sentir enfraquecido. Na terceira noite de caminho eu estava tão exausto que tive que parar mais cedo do que de costume. Eu sabia que precisava me alimentar, mas nem sequer podia levantar-me para ir procurá-lo. Caí num sono espasmódico.

Sonhei com a selva. Era muito linda e verde e cheia de borboletas. Uma delas voou para dentro de minha boca e grudou ali, porque as suas asas estavam molhadas. Eu podia sentir as asas batendo e a sua luta para escapar. Acordei, mas não de todo; estava meio adormecido. Eu estava tonto.

Há uma borboleta na minha boca. Que coisa esquisita, pensei. *Será melhor eu retirá-la.*

Coloquei a mão na boca — e realmente *peguei* em alguma coisa. Comecei a puxá-la. Quanto mais eu puxava, mais ela saía.

Então, realmente acordei. Eu podia sentir aquela coisa debatendo-se lá no fundo de minha garganta. Quando consegui retirá-lo, e olhei para aquilo, fiquei nauseado.

Era um verme intestinal, de 45 centímetros de comprimento. Ele estava tão faminto, que se arrastara até à minha garganta, procurando alimento.

Com essa experiência, aprendi a sempre comer alguma coisa enquanto andava pelas picadas, ainda que fosse simplesmente para deixar aqueles parasitas satisfeitos.

No dia seguinte resolvi caçar alguma coisa para comer, e alguns dias mais tarde cheguei a Tibu, completamente exausto. E foi ali que me encontrei com Glória. Ela estudava Direito em Bogotá, e fora passar uns dias com o irmão. Esbelta e linda, usava "jeans" e uma jaqueta de couro. O seu cabelo estava amarrado à moda de rabo de cavalo, Não dei muita atenção a ela, visto que eu estava com muita pressa de voltar com os medicamentos.

Contudo, o seu irmão ainda não havia desistido de ir até às selvas. Ele ia tirar cinco dias de férias e desejava que eu o levasse comigo, juntamente com Glória. Eu estava fazendo uma refeição com eles, quando ele fez a pergunta. Eu olhei para Glória. Ela estava olhando para o seu prato.

— Acho que você não compreende — eu disse. — A selva não é lugar para piquenique.

Glória levantou a cabeça num impulso. — Eu não compreendo — ela disse —; que é que o faz pensar que é a única pessoa que pode sobreviver ali?

Repliquei às suas palavras: — A selva não é lugar para mulheres. Você não agüentaria dois dias de caminho.

— Experimente-me — ela disse.

Fiquei um tanto zangado. — Pois bem — eu disse. — Vocês podem ir, enquanto puderem. Mas eu não tenho tempo para bancar babá. Se não puderem me acompanhar, voltarão sozinhos.

No dia seguinte, quando estávamos prontos para partir, resolvi que seria uma bobagem tentar levá-los de volta comigo à casa comunitária de onde eu viera. Então, em vez disso, eu os levei à casa comunitária dos motilones, perto de Tibu. Era uma viagem de barco de dois dias. Quando vi como estavam, senti-me

envergonhado de não lhes mostrar como a selva realmente poderia ser árdua.

Chegamos à casa comunitária num dia de pesca. Já haviam construído os diques, e os homens estavam começando a lançar o arpão nos peixes, atirando o arpão rio abaixo e rio acima, gritando e espadanando. Glória quis ir ter com eles. Eu tive que rir. Dei-lhe um arpão. Ela entrou no rio com a água até à cintura e desceu rio abaixo, espiando por baixo da superfície, como uma profissional. Meia hora mais tarde ela voltou, pingando água, sorrindo, e com um peixe grande debatendo-se na ponta de seu arpão. Os motilones ficaram encantados com ela, por causa disso. Nenhuma outra mulher jamais havia ido pescar sozinha, e muito menos pegara um peixe tão grande.

Naquela noite sentamo-nos ao redor da fogueira dentro da casa comunitária, e contamos histórias a respeito dos motilones. Uma das mulheres se aproximou de Glória, tocou-lhe no cabelo, e elogiou-o. Depois ela sorriu e disse: — Você é a esposa de Bruchko?

Eu corei, e Glória quis saber o que ela havia dito. Disse-lhe que a mulher perguntara se ela era uma jovem. Foi tudo o que pude pensar no momento.

— Está claro que eu sou uma jovem — Glória replicou, sorrindo. — Mas o que foi que ela realmente perguntou?

Corei novamente, e recusei-me a dizer, mas os dois insistiram tanto, até que eu lhes disse. — Ela queria saber se você era a minha esposa.

Ela olhou para o irmão e ambos sorriram. "Sim", ela disse.

Foi uma semana maravilhosa. Glória ajudou as mulheres a tecerem e a fazerem o trabalho que elas faziam. Ela estava apaixonada com a maneira de viver dos motilones, e os motilones gostaram dela.

No final da semana, Glória ficou no meio da clareira e acenou com os braços ao redor, indicando tudo aquilo.

— O que é que eu posso fazer? — ela perguntou.

— O que você quer dizer?

— O que eu quero dizer? Como é que eu posso ajudar? Eu não a tomei muito a sério. Todo mundo quer ajudar.

— Você pode estudar medicina — disse eu levianamente — , e voltar aqui para trabalhar no posto de saúde.

Eu não a vi mais durante cinco anos, e posso afirmar que eu quase a esquecera completamente. Havíamo-nos correspondido algumas vezes, mas depois, principalmente por minha causa, a correspondência cessara.

Em 1970 eu estava em Bogotá, andando por uma das ruas movimentadas, quando alguém me tocou nas costas com um livro. Virei-me. Era Glória. Ela era a mesma jovem da qual eu me lembrava, porém parecia mais velha e mais amadurecida.

— Por onde é que você andou? — perguntou-me num ar de insistência.

— Nas selvas, naturalmente — disse eu.

— Por que você não me escreveu mais?

— E quem é que tem tempo para escrever? Eu ando muito ocupado.

— Ninguém está tão ocupado assim.

Caminhamos juntos pela rua abaixo. Perguntei-lhe como ia de estudos na faculdade de Direito. Ela parou e quase chorou.

— O que há com você? — perguntei, pensando que talvez ela tivesse sido reprovada e estivesse envergonhada.

— Agora eu estou na faculdade de Medicina — ela disse.

— Você me falou que se eu quisesse ajudar os motilones, eu deveria ir para a faculdade de Medicina. Então eu desisti da faculdade de Direito.

Eu me lembrava muito levemente de lhe haver dito aquilo e fora apenas um conselho casual. Porém, de repente, percebi que ela na verdade estava interessada em ajudar os motilones.

Desse dia em diante, todas as vezes que ia a Bogotá, ia visitá-la e à sua mãe. (Seu pai havia falecido alguns anos antes.) Glória e eu íamos a um restaurante húngaro, do qual nós dois gostávamos e bebíamos café e conversávamos durante várias horas. Quando eu não podia ir a Bogotá, conversava com ela pelo rádio, e quase sempre sobre os motilones. Também falávamos sobre Jesus.

Glória estava entusiasmada porque o Evangelho havia dado esperança aos motilones, porém não tinha certeza de como aquilo se aplicaria a ela. — Minhas idéias não são as mesmas dos motilones — disse ela um dia, enquanto estávamos no pequeno café.

— Eu não posso compreender Jesus. Não sinto que realmente eu possa conhecê-lo.

— Mas você não pode ver como ele é maravilhoso? — perguntei. — Você não pode ver o quanto ele a ama? Ela sacudiu a cabeça violentamente. — Posso identificar-me com os seus sofrimentos. Eu tenho sofrido. Vi meu pai e meu irmão morrerem, e então sei o que é o sentimento da morte. Mas Jesus — ele ressuscitou. Não é verdade? Ele ressuscitou novamente. Porém eu não posso me erguer de meus sofrimentos.

Ela se debruçou sobre a mesa. Estendi a mão e coloquei-a no seu pescoço. — Você pode — eu disse. — Eu não sei exatamente como. Todas as vezes é diferente. Porém você pode erguer-se. Todo aquele que quiser, pode fazer isso, porque Deus fará isso com você e por você.

Ela simplesmente continuou ali debruçada e não disse mais nada.

Mais tarde, fomos a uma das catedrais de Bogotá. De repente, no meio da missa, Glória que estivera orando, me envolveu com os seus braços e me deu um grande beijo. Ela estava chorando: — Como é maravilhoso! Como ele é maravilhoso! — ela dizia.

Uma senhora, ao nosso lado, ficou muito preocupada. — Que é que há? — perguntou ela.

Eu ri. — Não há nada errado — eu disse. — Nós estamos simplesmente adorando a Deus.

Não demorou muito tempo, depois disso, para que a mãe de Glória também se encontrasse com Jesus, e houve uma cena muito familiar, pois ambas choravam e se abraçavam, enquanto eu estava ali olhando e sentindo-me um tanto embaraçado.

Glória ia formar-se na faculdade de Medicina. E na Colômbia, os médicos recém-formados precisam dar um ano de serviço gratuito na zona rural. Eu conhecia o Ministro da Saúde da Colômbia, e lhe perguntei se haveria a possibilidade de Glória

prestar os seus serviços em Tibu, durante *um ano,* numa pequena casa que havia sido preparada ali para os motilones que necessitavam de mais cuidados médicos do que aqueles que recebiam, nos centros de saúde, nas casas comunitárias.

— Sinto muito Bruce — disse ele — , mas não há nenhuma possibilidade de mandarmos uma jovem solteira ali. É uma área muito difícil.

Fiquei parado por um segundo. Era como se o ar ao meu redor, os carros lá fora nas ruas, e até mesmo o mundo tivessem parado. Foi um momento daqueles! Então, eu sabia, e foi fácil dizê-lo.

— Isso não será problema. Nós vamos nos casar.

Acho que eu estava mais surpreso ao ouvir a mim mesmo dizer aquelas palavras do que ela, quando, mais tarde lhe pedi para se casar comigo.

22. QUASE DERROTADO

Eu estava em Tibu, trabalhando na casa que Glória e eu iríamos usar, gozando a idéia de morar ali com ela, e sentindo certo prazer no trabalho de carpintaria do telhado. Por intermédio de uma das casas dos motilones, fui informado de que grassava uma doença que os médicos-feiticeiros não eram capazes de tratar. Reuni todos os medicamentos que pude, pedindo ou tomando emprestado, e parti no dia seguinte.

Só cheguei àquela casa alguns dias mais tarde. Ninguém se aproximou da clareira ensolarada para me saudar. De dentro da casa eu podia ouvir gemidos e choros. Abaixei-me e entrei.

Havia corpos espalhados por toda parte. O único sinal de que eles estavam vivos eram os lamentos e lamúrias constantes que, uma vez ali dentro, pareciam um cântico de loucos. Havia ali um mau cheiro horrível, que fez com que o meu estômago baqueasse.

Corri de uma pessoa para outra, reconhecendo os amigos, incapaz de parar e ajudar uma pessoa, porque no momento que eu parava para ajudar, um gemido mais forte me fazia correr para

outra pessoa. As pessoas estavam deitadas sobre o seu próprio vômito, incapazes de limpar-se. As suas fezes estavam espalhadas ao redor de suas redes. Algumas pessoas haviam caído da rede e estavam deitadas no chão sobre toda aquela sujeira.

Comecei a limpar aqueles que estavam mais sujos e dar os remédios. Eu mal acabava de limpar um homem, quando em seguida ele defecava, ou vomitava, e todo o meu trabalho estava perdido. Eu tentava dar-lhes comprimidos, e estes eram vomitados em meu rosto. Não demorou muito para que a minha roupa e a minha pele estivessem duras por causa do vômito que havia secado.

A maior parte das pessoas ali estava sem alimento e sem água, havia mais de cinco dias; portanto, um dos maiores perigos era a desidratação. A pele sobre os seus corpos estava flácida. Visto como não podiam beber sem vomitar, os piores casos tiveram que ser alimentados através de injeções intra-venosas.

Na primeira noite não dormi um instante sequer. Eu estava morrendo de sono, mas não podia me deitar enquanto as pessoas estavam às portas da morte. Continuei a movimentar-me; minhas pernas e meus pés doíam, e eles queriam desmoronar.

No dia seguinte, Bobby e mais alguns homens chegaram. Entre eles estava o meu velho amigo Adjibacbayra, o chefe que havia desafiado Bobby para cantar, no Festival das Flechas, quando pela primeira vez os motilones ouviram falar de Jesus. Coloquei minhas mãos sobre os seus ombros, dando-lhes as boas-vindas. Era como se eu fosse a única pessoa viva num mundo de fantasmas.

Naquele dia houve sinais de melhora. Os remédios e as injeções endovenosas estavam produzindo resultado. E ter outros para trabalhar conosco era animador. À medida que foi escurecendo, comecei a antecipar que poderia dormir. Quando acendemos o fogo e trabalhamos à luz de uma chama bruxuleante, aquela idéia se tornou uma obsessão. A única razão que fazia com que eu continuasse trabalhando, era a idéia de que logo estaria terminado.

Mas as horas foram-se arrastando, e cada minuto era tão doloroso como a espetada de uma faca.

Várias vezes eu dizia a mim mesmo, marcando um limite: "Às dez horas eu vou parar." Mas as dez horas passavam, e havia muito mais ainda para ser feito.

Às duas horas da manhã cheguei ao meu ponto máximo. Houve um alívio momentâneo com as doenças, e eu me levantei e procurei Bobby. Ele veio em minha direção.

— Vamos dormir — disse ele, e o meu coração respondeu, *Oh sim!* — Então, às cinco horas, será melhor nos dirigirmos a Iquiacorara.

Teria eu ouvido, "Iquiacorara?"

— Sim — disse ele. — Lá está tão ruim como aqui.

— Bobby — eu disse — , você quer dizer que esta não é a única casa?

— Oh, não — disse ele. — Todas as casas lá na área mais baixa foram atingidas pela doença. Eles não se acham tão doentes como estes aqui, mas todos estão muito doentes.

Fechei os olhos e parecia que a escuridão estava girando dentro deles. Mais doença! Mais vômito. Talvez, até, alguns já tivessem morrido. *Oh, Senhor, livra-me.*

A coisa que percebi, em seguida, é que eu estava sendo sacudido para acordar. Abri os olhos e percebi que estava deitado numa rede, e Bobby estava ali ao meu lado.

— Bruchko, você precisa se levantar — estava Bobby dizendo. — Nós precisamos ir a Iquiacorara.

Com muito esforço me levantei da rede.

Não perdemos tempo em nos lavar. Bobby já havia dito a alguns homens e mulheres que se haviam recuperado o suficiente para se levantarem e circularem, o que deveriam fazer para ajudar aos outros. E então partimos.

O pior daquela epidemia continuou cerca de três semanas. Durante aquele tempo, eu não conseguia dormir mais do que duas ou três horas, em cada vinte e quatro horas. Setecentas pessoas foram tratadas de sarampo ou dos efeitos dessa doença.

Milagrosamente, apenas uma pessoa faleceu — uma meninazinha. Quando a vi pela primeira vez, ela estava com

Adjibacbayra. Ela havia diminuído por causa da desidratação, e estava do tamanho de um bebê. Adji estendeu a mão e tocou-lhe a pele. Ela estava solta e semelhante à borracha. Ele fez uma dobra num pouco de pele e ela ficou dobrada quando ele retirou a mão. Dois dias depois, apesar de todos os nossos esforços, ela faleceu.

Aquela noite eu não pude deitar-me. Estava cheio de rancor. Eu precisava andar, mover-me. Comecei a caminhar em direção a outra casa comunitária, sozinho. Acho que eu estava meio delirante, porque não me sentia cansado. Minha raiva ardia como brasa, forçando as minhas pernas exaustas a caminhar.

Chegado ao topo da colina, vi um par de olhos à minha frente, de um brilho amarelado. Pensei que fosse um sapo, pois que certos sapos têm olhos daquela cor. Então percebi que os olhos estavam muito separados. Pensei que talvez fossem dois sapos.

Então ouvi um silvo. Os olhos se moveram. E eu vi um corpo comprido, liso, movendo-se delicadamente. Era uma pantera, a primeira que eu já vira.

Parei. Toda a minha raiva se transferiu para os olhos frios, fixos, daquele animal. Eu o odiei. Tateei em volta de meu pé, e encontrei um pau. Peguei-o e gritando corri atrás da pantera. Ela grunhiu e se abaixou. Então quando eu estava cerca de trinta centímetros dela, ela se virou e num salto silencioso e rápido foi-se embora.

Fiquei ali, gritando. Então percebi o que havia feito. Meu coração começou a bater depressa e de repente fiquei com medo que a pantera voltasse.

"Obrigado, Senhor", murmurei ali no meio daquela escuridão.

No dia seguinte deixei a selva. Eu precisava de mais medicamentos, e a epidemia já havia abrandado o suficiente, de modo que eu não faria falta. Havia um bom número de motilones trabalhando sob as ordens de Bobby.

Durante uma semana e meia lidei com relatórios e balancetes financeiros, em vez de lidar com panteras, e não sabia bem qual deles eu preferia. Tentei conseguir auxílio do governo colombiano, e de tomar emprestado de qualquer pessoa que pudesse me emprestar. Quando julguei ter o suficiente, voltei às selvas.

Encontrei Adjibacbayra às portas da morte. Visto como havíamos trabalhado lado a lado durante três semanas, eu concluíra que ele tinha imunidade natural à doença. Porém, não somente havia contraído a doença, mas também estava com pneumonia, como resultado dela. Ele não podia comer. Dois dias após a minha chegada, ele caiu em estado de coma. Seu corpo estava amarelo, e as moscas lhe andavam sobre o peito, onde o vômito havia secado. Seu rosto estava coberto de pequenos pontos azuis, resultado da erupção. Era uma situação horrível para o homem que fora tão forte a ponto de cantar a Canção das Flechas durante catorze horas, quando o Espírito de Deus se derramara sobre os motilones.

Enquanto eu olhava para ele, ele piscou os olhos e acordou. Debrucei-me sobre ele. Seu rosto estava pintado como se fosse uma máscara e havia sulcos provocados pela dor.

— Bruchko — disse ele — , o meu corpo dói. Eu estou todo dolorido.

— Psiu — eu disse. — Você precisa ficar quieto. Queremos que você fique bom. Queremos que fique forte.

Ele sacudiu a cabeça, muito lentamente. — Não, Bruchko.

Eu não estou bem e não sou forte. Eu já fechei os olhos.

E realmente os seus olhos se fecharam, e ele desmaiou. Fiquei ali perto dele. Mais tarde ele voltou a abrir os olhos.

— Bruchko, eu ouvi uma voz semelhante à dos espíritos quando eles tentam matar.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Mas essa voz me chamou pelo meu nome secreto, pelo meu verdadeiro nome. Não há nenhum ser vivo que saiba o meu verdadeiro nome, porém esse espírito me chamou pelo meu nome verdadeiro. Então eu respondi e disse: "Quem é você?" e ele disse, "Eu sou Jesus que andei com você na sua picada."

Diversos homens se reuniram ao redor dele, inclusive o pai daquela menina que havia falecido.

— Então contei a Jesus que eu estava sentindo dores em toda parte, da cabeça aos pés. E Jesus me disse que ele queria que eu voltasse para o lar.

A sua respiração estava entrecortada.

— Ajuda-me, irmão! — sussurrou ele, olhando para mim.

— Ajuda-me! — E depois virou os olhos para outro lado.

— Você não pode — disse ele — , a morte me abraçou. Estou partindo. Bruchko, eu vou indo. Não posso enxergar. Eu sinto uma dor. Só Deus está aqui e ele quer me conduzir no caminho que nós nunca pudemos achar nas nossas caçadas, o caminho que vai além do horizonte para o seu lar.

Então ele sorriu, e o seu rosto, por uns instantes, estava semelhante ao rosto que eu conhecera. — Não estou só — ele disse. — Não estou só. Eu não andarei naquele caminho sozinho. Há um Amigo que quer me levar. E ele conhece o meu nome, o meu *verdadeiro* nome.

Depois o seu corpo cedeu. Ele agarrou a minha mão, e aos poucos os seus dedos ficaram flácidos. Coloquei a sua mão junto ao seu corpo e saí para fora da casa.

Eu parei lá na clareira. O sol estava brilhando. Era inacreditável. Caminhei para a selva, onde era agradável, fresco e escuro, e encontrei uma picada e comecei a andar nela, sem saber e sem me incomodar para onde ela me levaria. Então comecei a cantar a canção de Adji, a canção que ele cantara na picada. Comecei a cantar suavemente, mas logo eu estava cantando a plenos pulmões, e estava chorando.

"Deus", eu cantei, "eu amava o meu irmão. Eu anseio por cantar a sua canção com ele novamente."

Senti o toque de uma mão sobre o meu ombro. Olhei ao redor, amedrontado. Era Atrara.

— Não chore — disse ele. — Não fique triste. A fala dele foi além do horizonte. Ela não está perdida nas selvas. Você não precisa cantar aqui. Ela foi para um outro lugar.

23. O REMOINHO

Acordei com o cair suave da chuva. A casa comunitária estava cheia daquela luz suave da manhã, e todos os outros estavam dormindo. Deve ter chovido a noite toda, porque ninguém havia saído para caçar. Virei-me na minha rede e voltei a adormecer.

Algumas horas mais tarde acordei. Ainda estava chovendo. *Isso é estranho* eu pensei. Quase nunca chove na selva durante o dia.

Vários meses já se haviam passado desde aquela epidemia de sarampo. Tinha sido um período de descanso, e eu esperava pelo meu casamento com Glória, e a oportunidade de passar uma boa parte do tempo com Bobby. Eu também estivera trabalhando num material sobre lingüística, que eu havia colecionado durante os dez anos que ficara com os motilones. Entre lingüistas havia muito interesse pelo meu material, e eu estava planejando publicar alguns trabalhos a respeito da língua dos motilones.

Resolvi trabalhar nesse projeto. Não havia muita razão para eu tentar fazer outra coisa, enquanto estivesse chovendo. Fui até ao centro de saúde, que ficava a uma distância de quinhentos metros. Estava apenas garoando, mas havia poças de água em toda parte. Caminhei junto ao bananal e vi que as plantas mais novas estavam crescendo muito bem. Nenhuma delas havia sido derrubada pelo vento. Escorreguei no barro e caí; desandei a rir. Não podia me lembrar de quando vira tanta água assim.

Lá no centro de saúde eu me sentei à escrivaninha que nós fizéramos, cortando uma parte de uma árvore de mogno, que havia caído. Ela e um arquivo à prova de água e de inseto para os meus papéis, eram as minhas possessões mais valiosas.

A água caía alegremente no telhado de zinco do centro de saúde, e eu me preparei para trabalhar. Um pouco mais de uma hora depois, fui perturbado por vozes que falavam alto. Fui até à porta e olhei para fora. Dois homens motilones estavam gritando do outro lado do rio, pedindo uma canoa para trazê-los de volta. A canoa estava cheia de água e precisava ser esvaziada. Como a água estava muito alta, por causa de tanta chuva, levou algum tempo antes que os homens pudessem atravessar e voltar com os

dois passageiros. Resolvi ir até a casa, para ouvir o que eles tinham a dizer. Eu sabia que eles eram de uma área que ficava não muito distante de Tibu, e achei que talvez tivessem um recado para mim.

Quando cheguei à casa comunitária, todos observavam os dois homens enquanto comiam. Eles estavam andando pelos caminhos havia vários dias, e estavam cansados e famintos. Riam-se de algumas das coisas que lhes aconteceram. Evidentemente havia sido uma viagem muito dura. Um bom número de árvores havia sido derrubado, e alguns dos rios foram difíceis de atravessar. Eu me abaixei junto a eles para ouvir. Alguns minutos depois, Bobby também chegou. Acenei com a mão para ele e sorri. Os dois homens falavam a respeito de uma caçada que fizeram e um deles contou uma história muito engraçada a respeito da topada que dera no dedo, durante a viagem. Aborrecido, levantei-me para sair. Eles não tinham nada para conversar, senão uma conversa fiada. Voltei ao centro de saúde e comecei a escrever novamente.

Uma hora mais tarde, levantando os olhos, vi os dois parados junto à porta. Eles me entregaram um pacote contendo cinco envelopes.

— De onde é que vem isso? — perguntei.

Eles encolheram os ombros. — George Camiyocbayra no-los deu para entregá-los a você — . George possuía uma procuração lá em Tibu.

— Obrigado — disse eu.

Eram telegramas. Abri o primeiro. "Ela foi enterrada", dizia.

Quem é que fora enterrada? Deveria ser a mãe de Glória. Mas não, fora a sua mãe que enviara o telegrama. Ela o havia assinado no final.

Rasguei os outros. Glória sofrera um acidente. O seu carro se lançara sobre um penhasco. "Venha em seguida", dizia um dos telegramas. "Estamos esperando por você. Venha imediatamente." E ele estava datado de duas semanas atrás. O outro telegrama dizia que Glória falecera e que seria enterrada dentro de três dias.

Atirei os telegramas ao chão e corri para a casa comunitária. Bobby estava fazendo suas flechas. Ele olhou para mim com o mesmo sorriso alegre que tivera quando menino.

— Bobby — solucei — , ela não virá. Ela não virá mais aqui.

— O quê? — disse ele.

— Ela não virá, Bobby. Glória não virá mais. Ela morreu. Ela está morta.

Um outro motilone se aproximou e pôs as mãos sobre o meu ombro, não sabendo que eu estava transtornado. Afastei-o de mim.

— Como é que você sabe que ela está morta? — Bobby perguntou.

— O papel diz isso. Aquelas cartas que vieram hoje de Tibu.

— Bobby — eu disse — , preciso ir a Bogotá. Nós precisamos ir agora mesmo.

— Pois bem, nós iremos — ele disse. — Assim que as águas baixarem, partiremos.

Aquele foi um dia muito longo. Às vezes a tristeza era muito maior do que eu podia suportar. Outras vezes, era quase irreal. Eu quase não podia acreditar que tivesse acontecido. Li e reli os telegramas várias vezes. Bobby conversou comigo e cantou para mim, falando sobre Glória, relembrando como fora ela a primeira mulher estrangeira a vir até à região dos motilones. Relembrando como havia pegado o seu peixe com o arpão.

A minha mente estava a todo momento envolvida com a morte de Glória, semelhante a uma máquina que não parava de trabalhar. Eu não podia chorar nem orar, apesar de tentá-lo. Mas orar para quê? Ela já estava morta. Ela já havia morrido fazia várias semanas.

Aquela noite eu acendi uma vela e fiquei na minha rede ouvindo a chuva. Ela continuou o dia todo e agora caía a cântaros. De repente senti que eu precisava sair dali. Eu precisava ir a Bogotá. Eu precisava ver, pelo menos, o túmulo de Glória e conversar com a mãe dela. Se eu não fosse, nunca saberia se realmente aquilo não fora um pesadelo.

Virei-me na rede a noite toda, esperando que amanhecesse. Às três horas da manhã acordei e fui sacudir Bobby.

— Bobby, quero ir agora. Eu preciso ir a Bogotá. Acho que já está amanhecendo, e nós podemos viajar.

Ele me disse que voltasse para a minha rede. Ainda estava escuro e chovendo. Depois, então, realmente começou a chover torrencialmente. Orei para que a chuva parasse. Ouvi o barulho das águas do rio correndo sobre as rochas e penhascos; depois o som parou, então eu sabia que as águas haviam transbordado sobre as margens. Quando amanheceu, elas haviam atingido três metros e meio, além do nível da inundação e estavam quase dois metros distantes da casa comunitária.

Mas *eu precisava* descer o rio. Era um impulso irresistível.

— Bobby — disse eu — , vamos!

— Bruchko, não podemos. Nós vamos nos afogar!

— Mas eu sei que você é um bom piloto, Bobby. Sei que você pode nos levar rio abaixo.

Ele sacudiu a cabeça. — É impossível. O rio está muito alto.

Eu não estava pedindo a ele. Eu estava ordenando. E, finalmente, entristecido, ele concordou. Empacotei o meu material de lingüística numa sacola à prova d'água, engaiolei os dois ursinhos que desejava mandar para um amigo nos Estados Unidos. Mais ou menos às dez horas, partimos. Se bem que o rio já tivesse baixado perto de um metro e meio, mesmo assim ainda estava alto, as águas barrentas e feias, com remoinhos sorventes com uma espuma amarela, ao redor das rochas. Bobby estava preocupado.

— Você tem certeza de que precisa fazer isso, Bruchko?

— perguntou. — O rio está alto demais para tentarmos ir. Não respondi. Simplesmente continuei a pôr os pacotes na canoa.

Finalmente, partimos. Bobby, eu e mais dois outros homens. Outros motilones chegaram até à casa e ficaram ali na chuva a nos dizer adeus.

— Quando você for ver a mãe de Glória, diga a ela que o meu estômago sente dor por ela — disse Atacadara, a esposa de Bobby. — Diga a ela que quando ouvimos dizer que Glória havia morrido, nós não pudemos comer. Sabemos como ela se sente.

Dei um último olhar à casa e subi na canoa. Demos-lhe um empurrão e as águas nos envolveram e nos levaram rio abaixo.

Não tínhamos que lutar contra a corrente, nem mesmo com o motor do lado externo da canoa. Tudo o que tínhamos a fazer, era nos desviarmos dos maus lugares. O rosto de Bobby estava tenso. Ele conhecia o rio melhor do que qualquer outra pessoa viva, porém nem ele mesmo podia prever os troncos, quando as águas barrentas estavam correndo com uma velocidade duas vezes mais rápido do que o normal.

De repente um enorme tronco rolou ao lado de nossa canoa, à esquerda, Nós o observamos atentamente, para termos a certeza de que ele não iria virar e nos atingir. Enquanto nos aproximávamos de uma curva do rio, percebi que havia um remoinho à nossa direita. Aquele tronco nos levaria para lá, se não fôssemos cuidadosos.

— Bobby, cuidado aí na sua frente! — gritei. Porém ele estava debruçado sobre o motor. A linha de nylon que controlava o acelerador havia-se partido e ele estava tentando consertá-la.

De repente, um outro tronco surgiu, vindo do fundo do rio. Ele bateu no tronco maior, à nossa esquerda, fazendo-o bater em nossa canoa, o que fez com que ela fosse atirada diretamente na direção ao remoinho. Bobby tentou desligar o motor, para diminuir a marcha e se afastar do tronco. Mas não houve tempo. Podíamos ver o remoinho, bem perto e duas vezes maior do que o seu tamanho normal. Bobby tentou desviar a canoa ao redor, e ir contra a corrente de água, porém ela era muito forte. A canoa atingiu as bordas do remoinho. Todos nós fomos atirados para fora dela. Vi os tanques de gasolina flutuando na água. Eu tinha os meus papéis nas mãos, e os dois ursinhos debaixo de um braço. Eu queria me agarrar ao barco para me manter sobre as águas, e então deixei escapar os ursos. Em seguida eles começaram a nadar, e eu agarrei o barco com uma das mãos e segurei os meus papéis com a outra.

Então vi Bobby sendo levado para o centro do remoinho. Sem um borrifo qualquer ele foi levado para baixo e desapareceu. Eu não podia ver coisa alguma, senão o cone lamacento de água suja. A canoa começou a se aproximar do remoinho e começou a se mover rapidamente. Todo esse tempo estávamos girando e girando. De repente fui atirado para longe do barco e levado pela água. Eu ainda estava segurando os meus papéis. A água me carregou uma

vez, num círculo, e depois mais outra, aproximando-me cada vez mais do olho do remoinho. Não havia jeito de evitá-lo.

Na terceira vez que dei a volta, vi um ramo de árvore estendido sobre a água. Fiquei pensando por que é que eu não o vira antes. Estendi a mão que estava livre e agarrei-o. Ele estava firme. Então olhei para cima e vi um dos motilones na outra extremidade. Ele me puxou para fora da água, com as mãos para cima, e depois eu gatinhei para a margem, no barro, tentando sorver o ar. Louvado seja Deus!

Mas onde estava Bobby? Então eu compreendi o que fizera, ao insistir nessa viagem tão maluca! Bobby morrera.

— Você viu Bobby? — perguntei freneticamente.

— Não. Ele desapareceu no remoinho.

Eu disse aos homens que eu ia saltar novamente e ir rio abaixo, até encontrar Bobby. Porém eles disseram que eu não poderia, pois o rio me sorveria e eu também morreria.

Um rochedo contornava o rio naquele local, e nós não podíamos ir rio abaixo sem escalá-lo, por isso começamos a nos arrastar para cima. Eu estava desvairado. Caí e cortei o dedo.

Eu preciso achar Bobby, disse a mim mesmo.

Deixei os papéis e continuei subindo. Tornei a cair novamente, e fiz um corte muito profundo na perna. Quando cheguei ao topo, um espinho espetou meu pé descalço. Penetrou uns dois centímetros, e tive que parar por causa da dor. *O inferno todo se abriu contra mim,* pensei. Mas fui-me arrastando, e assim que pude ficar de pé, olhei ao redor e sobre o rio, investigando as suas margens.

Vi a canoa, que parecia com uma agulha chata, ao longo de uma das margens. Então eu vi Bobby segurando-se a ela. Oh, Deus! Corri pela colina abaixo, caindo sobre as rochas. Cheguei até lá e ajudei-o a retirar a canoa; depois o ajudei a sair da água. Coloquei a minha mão no seu ombro.

— Eu achava que você havia morrido — disse ele.

— Eu achava que você havia morrido — disse eu.

Ele estava completamente nu: o remoinho havia estraçalhado toda a sua roupa.

— Veja — disse ele — , perdi toda a minha roupa que iria usar no mundo civilizado e o meu dinheiro estava nela.

— E que importância tem isso? — eu disse — Você está vivo. Jesus seja louvado!

Depois os outros dois homens se aproximaram. Eu estava tão aliviado, que quase não podia falar muita coisa. Sorri e os toquei. Depois, então, baldeamos a canoa e continuamos rio abaixo.

O resto da viagem correu sem nenhum incidente. Quando estávamos a poucos quilômetros do Rio de Ouro, paramos junto ao rio. Bobby fez um cordão-G de uma folha grande e fomos à cidade.

Quando eu entrei no avião, para ir a Tibu, Bobby colocou a sua mão no meu ombro. — Diga à mãe de Glória que estamos famintos por ela, que todos nós estamos tristes porque ela morreu — disse ele. — Cuide de você e volte logo.

— Eu voltarei — prometi.

24. Além do horizonte

Primeiramente fui a Bogotá e passei três dias com a mãe de Glória. O chamado tão insistente para descer o rio dera-me uma perspectiva de minha dor. Eu perdera Glória. Mas ainda tinha Bobby.

Em vez de voltar a Tibu, voei para os Estados Unidos, a fim de abordar o assunto deste livro. Passei três semanas lá. Quando voltei à América do Sul, Bobby encontrou-se comigo em Tibu. Eu estava cansado da civilização e feliz por estar de volta às selvas.

Mas a civilização ainda necessitava de mim. Os proscritos naquela região estavam conspirando a forçar os motilones a irem muito além de seu território. Em nossa viagem rio acima, fomos ameaçados por Humberto Abril. Tentei rejeitar isso, porém as suas palavras estavam continuamente se repetindo em minha mente.

"Por esta cruz, eu te matarei", ele dissera. Elas eram palavras tão frias e ameaçadoras.

Novas ameaças chegaram através de cartas — não apenas para mim, mas para Bobby também. Uma das cartas informava-o de que todos os motilones teriam que sair porque eles (os proscritos) iriam apossar-se da terra. Eles ameaçavam violência.

No dia seguinte, o sócio de Humberto Abril, Graciano, e mais cinco pessoas, chegaram numa canoa a Iquiacorora. Encontrei-me com ele na margem do rio.

— Quem são aquelas pessoas? — perguntei.

— Elas estão doentes e precisam de cuidados médicos — ele disse. — Um deles está com uma infecção muito ruim. Os outros precisam de algum cuidado, por isso vieram comigo.

— Oh, sim — ele acrescentou. — Eu lhe trouxe uma carta, também —. Ele ma entregou e depois se dirigiu ao centro de saúde com os outros companheiros.

Tirei a minha faca e abri o envelope. A carta era de Abril.

— "Saia daqui", ela dizia. "Esta terra deve ser colonizada e nós vamos matá-lo. Qualquer índio que fizer resistência, será eliminado."

Profundamente enraivecido subi a colina, indo ao centro de saúde. Meti a carta no rosto de Graciano.

— Leia-a — ordenei.

Ele sacudiu a cabeça. — Eu não sei ler.

— Pois bem, eu vou lê-la para você — . E eu a ü em voz alta.

— Até que ponto vocês pensam que somos bobos?

— perguntei. — Vocês nos ameaçam com morte, e no entanto esperam que curemos os seus doentes alegremente. Recebam o seu tratamento e saiam daqui em seguida. E não se preocupem em voltar aqui.

Naquela noite os chefes motilones se reuniram comigo, para discutirmos o problema.

— Nós resolvemos que lutaremos se eles usarem de violência — eles me disseram. — Estamos nos preparando agora. Tencionamos arranjar algumas armas e usá-las juntamente com as nossas flechas, para defendermos as nossas casas.

Eles me perguntaram o que eu pensava a respeito daquele plano.

— Eu não penso nada — disse. — Eu apóio o que vocês decidirem, como sempre.

Passaram-se dois meses de grande tensão. Mais e mais ameaças foram feitas, particularmente contra os motilones que haviam construído pequenas casas ao longo do rio.

Bobby e eu trabalhávamos na tradução de Filipenses. Era uma das ocasiões mais intensas, mais extraordinárias que já tivéramos. Parecia que as nossas mentes estavam preocupadas com a morte, por causa do inevitável conflito com os colonizadores. E Filipenses nos falava a respeito dessa morte!

Enquanto trabalhávamos no primeiro capítulo, chegamos ao versículo vinte, onde Paulo diz que a sua grande esperança é aquela de não se envergonhar, mas que Cristo seja exaltado nele, tanto na vida como na morte.

Eu precisava da palavra certa para esperança. Um motilone espera ir para a cama à noite, porém aquela palavra não dava muita força.

O centro de emoção para um motilone é o seu estômago. Ter estômago cheio é sentir o coração alegre. Qual era a maneira certa de ter um estômago cheio? Talvez fosse a de ter caçado e morto uma grande anta. Você come anta até não poder mais.

Então eu tomei o verbo que significava possuir uma anta, e inventei um novo tempo: eu o pus no tempo futuro de algo que houvesse acontecido, e depois eu fiz dele um superlativo.

Mostrei a palavra a Bobby. Isso o chocou. — Não — disse ele. — Essa palavra é grande demais. Ela tem muita força. Como é que você pode esperar uma coisa tão grande assim?

Nós a deixamos de lado, porém ela deve ter preocupado Bobby. Dois ou três dias mais tarde ele disse: — Bruchko, vamos voltar àquela palavra.

— Está certo — disse eu.

Ele esteve em silêncio por uns instantes, pensando, e depois disse: — Bruchko, Jesus é essa esperança para você, em sua vida? Realmente?

Aquilo me fez parar. Uma coisa é pensar na palavra certa a ser usada, e outra completamente diferente é ser indagado se ela é verdade em sua própria vida. Pensei na minha conversão, e em algumas das crises que eu suportara com os iucos e os motilones. Finalmente, depois de um longo silêncio, eu disse: — Sim.

Então assenti com a cabeça vigorosamente. — Sim, Bobby. Com todas as minhas forças e todo o meu desejo, quero dar-me a mim mesmo a essa esperança em Jesus Cristo.

Bobby olhou para os seus pés. — Sim — disse ele. — É uma boa palavra.

— Você tem certeza? — perguntei. Ele assentiu com a cabeça.

Continuando com a tradução, chegamos àquela parte onde Paulo diz que deseja conformar-se à imagem de Jesus Cristo, através de seu próprio sofrimento ou de sua morte. Bobby tomou aquela mesma construção gramatical forte que acabávamos de usar, — alguma coisa já realizada, no entanto ainda no futuro, numa forma superlativa — e aplicou-a ao verbo que dá a idéia de conformidade com Cristo.

— Eu estarei completo na conformidade com a morte de Cristo — ele disse.

Senti-me sobrecarregado, como se estivesse levando ambos os pesos, o de Bobby e o meu. Que é que eu fizera? Eu trouxera Jesus Cristo aos motilones, era verdade, mas estava eu pronto a trazer-lhes essa espécie de conformidade — conformidade com a morte de Cristo? Trouxera eu a morte, tanto quanto a vida? Eu estava ansioso por orar. Bobby estava ainda mais ansioso do que eu. Mas a oração de Bobby fez-me sentir arrepios pelo corpo todo.

— "Jesus Cristo, quero estar conforme à tua imagem. Tu *és* a minha expectativa."

Naquela atmosfera carregada de perigo, aquela oração parecia audaciosa. Bobby estava dizendo: *Não me importa se eu vivo ou morro; quero ser semelhante a Jesus.* Ele estava entregando a sua vida.

Durante as três semanas seguintes, tudo estava calmo. Esperávamos ouvir mais alguma coisa dos proscritos, mas não chegou palavra alguma. Talvez tivesse sido um jogo, uma ameaça desnecessária, que nunca seria levada a termo.

Bobby precisava descer o rio para vender alguns cachos de banana. Ele levou mais dois motilones consigo. Ele era esperado de volta lá pelas quatro horas do dia seguinte. O rio estava na sua altura normal; a canoa estava em boas condições e não havia razão alguma para que ela retardasse. Mas as quatro horas chegaram, e depois cinco horas, e ainda assim nenhum sinal de Bobby. Comecei a preocupar-me. Eu não gostara nada de vê-lo partir. Agora a minha mente estava cheia de coisas que poderiam ter acontecido a ele. Eram seis horas. O sol se pôs. Somente o rio é que brilhava fracamente na penumbra. Na selva, os barulhos noturnos começaram a surgir. Eles eram uma parte natural da vida e eu dificilmente os notava, mas naquela noite, cada um deles parecia um agouro.

Às seis e meia, Abacuriana, Asrayda, George Camiyocbara e eu tomamos uma canoa e descemos o rio em busca de Bobby e sua canoa. Os outros não estavam muito ansiosos em ir. Não é muito fácil viajar pelo rio à noite. Não havia lua, e as rochas podiam surgir no caminho de nosso barco, sem aviso algum. Depois de passar pelas primeiras correntezas, a canoa se encheu de água. Nós a esvaziamos e depois prosseguimos. Nas outras correntezas arranhamos a nossa hélice de encontro a uma rocha, porém pudemos consertá-la e continuamos a viagem.

Quando fizemos a curva do rio, uma outra canoa surgiu na escuridão. Nós quase a batemos. Iluminei-a com a minha lanterna e vi Aniano Buitrago, um dos homens de Humberto Abril, e mais alguns de seu bando. Não conversei com eles, mas mantive o foco de luz sobre os seus olhos, de modo que eles não pudessem nos reconhecer. Num instante o rio nos afastara rapidamente deles. Mas, que é que estavam eles fazendo, à noite, no rio?

Um pouco mais à frente, encontramos outra canoa que ia rio acima. Ela estava cheia de foragidos da lei. Os raios de luz de nossa lanterna vasculharam a praia, enquanto procurávamos Bobby ou a sua canoa. Não havia sinal algum dele.

Mais duas canoas passaram por nós, indo rio acima, cheias de homens que eu não conhecia. Então passamos junto à casa de um dos colonizadores. Havia ali, pelo menos, umas dez canoas amarradas ao desembarcadouro. A noite parecia cheia de ameaça.

Então George sussurrou: — Veja! Não é a canoa de Bobby?

— Ele estava apontando para o desembarcadouro. Firmei a vista para ver, mas não podia afirmar. Chegamos mais perto. Não poderia ser a de Bobby. Ele não iria parar na casa de um dos colonizadores, especialmente quando Saphadana, uma pequena casa motilone, estava localizada a poucos metros descendo o rio.

Resolvemos voltar para olhar pela segunda vez.

— Não é — disse eu. — Vamos até Saphadana e perguntemos a Aystoicana se ele viu Bobby.

Paramos a canoa junto à margem, perto da casa comunitária. Não havia fogo lá dentro, e tampouco som algum. Então ouvi uma voz de um motilone. "Bruchko?"

— Sim.

Aystoicana desceu correndo até à margem. Eu quase não podia ver o seu rosto. — Bruchko, eles mataram Bobarishora. Ele está morto.

Eu não podia compreender o que ele estava dizendo.

— Isso é impossível! — repliquei. — Nós o estamos esperando lá em Iquiacarora. Ele passou por aqui?

Aystoicana agarrou o meu braço. — Bruchko, ouça, Bobby está morto. Eles o assassinaram.

Aturdido, caí na praia de joelhos. — Onde estão os dois homens que estavam com ele?

— Eu não sei — disse ele. — Eles estavam muito feridos. Eles foram embora.

Estendi as mãos e agarrei os joelhos de Aystoicana, pondo-me de pé. A noite parecia coberta de manchas vermelhas e azuis, semelhantes a feridas. — "O que é que aconteceu?" sussurrei.

— Bobby estava com Satayra e Akasara. Eles estavam subindo o rio, passando pela fazenda de Israel. Israel estava lá na margem, fazendo sinal para que eles se aproximassem. Bobby estava atrasado. Ele não queria parar, mas visto que conhecia a Israel havia muito tempo, achou que talvez fosse uma emergência.

— Israel, nos últimos meses, esteve na clínica duas ou três vezes, para tratamento — disse eu, numa voz rouca. — Ele

quebrara o braço, que eu costurei e concertei. E ele recebeu de nós os medicamentos de que precisava."

— Sim — disse Aystoicana.— Então Bobby julgou que ele fosse um amigo. Ele dirigiu a canoa para amargem. Enquanto estava debruçado sobre o motor, para desligá-lo, Satayra olhou para cima e viu um homem escondido .atrás de uma árvore, com uma espingarda de caça. Satayra gritou para Bobby e Akasara, dizendo a eles que se atirassem ao rio. Ele não ouviu, porque estava muito perto do motor. Satayra se atirou a margem e agarrou a espingarda. Enquanto lutava com o homem, pela espingarda, ele pegou a sua faca de mato. Satayra deixou escapar a arma, para se proteger, e o homem usou a sua faca para cortar o braço de Satayra do pulso até ao cotovelo. Satayra caiu no rio, e Akasara se atirou para fora do barco para se proteger. Bobby tentou sair do barco, porém um tiro de espingarda pegou-o na virilha. Ele caiu no rio. Alguns dos grãos de chumbo atingiram a perna de Akasara, porém ele e Satayra nadaram para o outro lado do rio. Eles procuraram Bobby, mas tudo o que podiam ver era o vermelho sobre a água. E então viram o seu corpo flutuando. Viram também bandos de colonizadores na outra margem. Todos eles tinham armas. Eles estavam à espera de Bobby. Akasara e Satayra estavam amedrontados e correram. Eles chegaram aqui e nos contaram.

— Oh, não, não; não pode ser — disse eu baixinho.

Um motilone assobiou a certa distância. Visto que a sua linguagem é tonal, os motilones nem sempre usam palavras. Esse assobio dizia que duas canoas estavam navegando rio abaixo. Não havia barulho algum dos motores. Concluí que os que estavam nos barcos, tentavam ficar em silêncio. Deveriam ser os inimigos.

— Eu quero ir rio abaixo para ir buscar a força militar — disse eu enraivecido. — George, você vem comigo.

Entrei no barco. Enquanto eu puxava a corda, para dar partida ao motor, ouvi um barulho zunindo sobre a água. Eram espingardas de balas de chumbo, e os tiros vinham de uma longa distância, e não podiam nos fazer mal. Finalmente o motor pegou, na terceira tentativa, e rapidamente deixamos as espingardas para trás.

Foram necessárias várias horas para chegarmos ao posto militar no Rio de Ouro. Acordei o comandante do posto. Ele desceu de pijamas. Contei-lhe que se dera um atentado para assassinar Bobarishora, e que eu fora informado que ele morrera.

Ele ouviu a minha história, olhando para o ar com olhos sonolentos.

— Está bem, eu verificarei isso — disse ele, e abriu a porta para eu sair.

— Não quero que o senhor verifique — eu disse. — Quero auxílio agora. Preciso de alguém para proteger os motilones.

— Sinto muito — disse ele — , mas não posso fazer coisa alguma hoje à noite.

Fui à polícia. Eles tampouco iam fazer coisa alguma. Não creio que eles estivessem interessados no problema. Estavam com medo de que eles mesmos pudessem ser atacados.

Eu estava furioso e frustrado. Às quatro horas da manhã comecei a subir o rio juntamente com George. A alvorada estava começando a surgir. A luz cor de pérola cinzenta que se espalhava sobre as águas tornava-se cada vez mais brilhante, à medida que subíamos o rio. A folhagem tinha um tom verde opulento. Tudo parecia tão inocente. Ali estavam as árvores e o rio que eu amava. Isso era lar para mim.

Bobby não podia estar morto. Eu me recusava a crer. Comecei a pensar naquela ocasião há poucos meses, quando o nosso barco fora levado pelo remoinho. Eu pensara que ele estivesse morto. Porém ele sobrevivera. Milagrosamente, talvez, ele agora estivesse na selva, esperando por auxílio, escondendo-se dos foragidos.

Quando chegamos a Saphadana, o sol brilhava e não parecia possível que tivessem atirado em nós ali. Mas Aystoicana nos disse que os colonizadores e os foragidos da lei passaram a noite toda atirando nas casas dos motilones que estavam junto ao rio, e gritando que os motilones precisavam se retirar, e que a terra não lhes pertencia mais.

— Vocês procuraram Bobby? — perguntei.

— Nós o procuramos, porém não achamos nenhum vestígio.

— Precisamos procurar — disse eu. — Talvez ele esteja precisando de auxílio. Ele poderá estar ferido aí nas selvas.

Aystoicana olhou para os seus pés, um tanto quanto embaraçado. Passamos o dia todo nas selvas, procurando Bobby. Os outros queriam parar, porém eu não os deixei.

Fazia um dia e meio que eu não dormia, e já estava no fim de minhas forças fisicas. As vezes, a minha voz falhava, e não havia nada mais senão o som do gorjeio suave dos pássaros cantando nas árvores. Não havia resposta alguma de Bobby.

Às cinco horas paramos a busca. Seria já bastante escuro quando chegássemos a Saphadana. Não conversávamos; estávamos exaustos, doentes.

Quando chegamos ao ponto onde o Rio Cano Tomas se reúne ao Rio de Ouro, vi alguma coisa boiando no rio. Parecia um tronco de árvore. Chegamos até perto para investigar. Era Bobby, que estava de bruços.

Não havia mais esperança, tudo se findara. Eu me senti totalmente vazio — como uma casca. Havia-me convencido de que esta seria semelhante àquela vez quando quase nos afogáramos. Bobby estaria vivo. Nós nos reuniríamos novamente.

O rio estava raso. Desci da canoa e virei Bobby. O seu rosto, completamente branco, estava todo enrugado por ter estado na água. Fechei-lhe os olhos com os meus dedos. Ele havia morrido imediatamente. A rajada do tiro havia estraçalhado a parte inferior de seu corpo.

— "Deus", exclamei, "oh, Deus, por quê?"

Ele havia sido o líder de seu povo, o primeiro a conhecer a Cristo, o primeiro a aprender a ler e a construir escolas, o primeiro a tomar uma posição contra os ladrões da civilização.

George me entregou um cobertor. Eu o enrolei em volta do corpo de Bobby, e depois ajudei a colocá-lo na canoa.

No dia seguinte, levamos o seu corpo para Iquiacarora. A minha mente não me deixava em paz. Eu havia chorado naquela noite até não ter mais lágrimas. E ainda assim, os meus pensamentos estavam girando num círculo. *Por que todas essas mortes, Senhor?* eu perguntava continuamente. O rio era morte. A selva era morte. A morte brotava pelos vales abaixo. Ela está

sempre tocando alguém que eu amava ... Glória, Bobby. E entrelaçados em meus pensamentos estavam as palavras de Humberto: "Por essa cruz te matarei."

O rio estava baixo, e tivemos que gastar muito tempo para poder navegar nas partes mais baixas. Num desses lugares ouvi o zunido das balas batendo na água. Elas vinham de duas canoas do outro lado do rio. De repente um tiro abriu um dos lados de nossa canoa. Nós lutamos freneticamente para ultrapassar os foragidos, porém eles estavam nos alcançando.

Senti uma queimadura intensa em minha perna. Uma bala havia me atingido.

Finalmente conseguimos livrar a canoa. Enquanto nos dirigíamos a águas mais profundas, uma bala passou de raspão pelo meu peito. Isso fez-me sentir bem. Eu realmente queria ser ferido; queria sentir dor; queria a morte.

Porém, sofri apenas ferimentos superficiais. Fizemos parar o fluxo de sangue; os chumbos teriam que ser retirados mais tarde.

Navegamos lentamente durante muitas horas mais, rio acima, e finalmente chegamos à curva do rio que nos levava a Iquiacorara. Diversas centenas de motilones armados estavam ali na margem. Quando nos reconheceram, eles esperaram imóveis, até que desembarcássemos. A notícia da morte de Bobby já se havia espalhado, e as pessoas tinham vindo de muitos quilômetros ao redor daquela área. Elas cercaram o barco.

Eu vi Atacadara, a esposa de Bobby, de pé, ali sobre um pequeno outeiro. Ela estava me observando, esperando. Olhei para ela, acenando com a cabeça, para confirmar que realmente Bobby estava morto. Ela se virou e saiu andando, com uma de suas meninas agarrada à sua perna. Ela carregava em seus braços o filho mais novo de Bobby.

Pegamos a minha rede lá da casa comunitária, e a amarramos num mastro de três metros de comprimento. Retirando o corpo de Bobby do barco, nós o colocamos na rede, e depois o cobrimos com o meu cobertor, porque ele era o meu irmão de pacto. Depois levamos a rede através do rio, e rio abaixo, e o penduramos bem alto, nos galhos mais altos, de modo que os abutres pudessem comer o corpo de Bobby.

Voltando, encontrei Atacadara sozinha, de pé, junto à entrada da selva. Os seus olhos estavam escuros e vazios, como estiveram quando a sua filhinha falecera.

Ela olhou para mim, e eu desandei a chorar.

Ela agarrou o meu ombro. — Não, não — disse ela. Eu a segurei por uns instantes e depois deixei que fosse embora.

Fiquei ali sentado do lado de fora da casa o dia todo, olhando os abutres precipitando-se lá do céu. Eles começavam como pequenas manchas pretas. Circulando cada vez mais próximo sem bater as suas enormes asas, eles pousavam nas árvores com batidas curtas e compassadas.

Lembrei-me de quando eu pensara que aquela cerimônia era fria e cruel; eu pensara que colocar uma pessoa num caixão, e colocá-lo num buraco, era muito melhor do que atá-la bem alto numa árvore a fim de ser levada bem alto no céu. Eu sabia agora o que aquilo significava. Queria dizer que Bobby estava livre para ir além do horizonte.

Eu simplesmente desejava poder ir com ele.

Enquanto estava acocorado lá fora da casa, alguns dos motilones tentaram conversar comigo, tentaram me animar. Mas eu estava ali como uma pedra.

Naquela noite não pude agüentar mais, então fui até à selva, perto das árvores onde estava a rede de Bobby. Eu me deitaria ali, para dormir, sob a rede que guardava o corpo de Bobby, para lhe dizer o adeus final. Porém, quando eu saí, a casa toda me seguiu. Havia cerca de duzentas pessoas. Atravessamos o rio juntos. Estava bem escuro sob a rede. Não havia lua.

— Vamos nos dar as mãos, fazendo um círculo que não tem nem começo nem fim, e vamos conversar com Deus — disse eu.

Isso não era de acordo com a cultura dos motilones, mas parecia ser a coisa exata a ser feita.

Odo, o filho adotivo de Bobby, foi o primeiro a orar. Ele tinha apenas catorze anos, mas Deus lhe deu a oração profética mais linda que eu jamais ouvi.

"Ó Deus", ele disse em voz alta, olhando para a silhueta da rede de Bobby. "Deus, aqui está preto, está escuro. Eu não posso ver. Nós estamos perdidos."

Por um momento ele ficou em silêncio, depois continuou numa voz mais calma e diferente. "Deus, há uma árvore, com as suas raízes se aprofundando bem fundas no solo. Somos nós, Senhor, o povo motilone.

"Nós temos vivido nesta terra toda a nossa vida, gerações após gerações, e as nossas raízes são muito profundas, e nós nos erguemos muito alto.

"Nós tentamos seguir a Deus, porém nós o perdemos enquanto tentávamos segui-lo. Tentamos seguir os nossos próprios caminhos, e eles nunca nos levaram ao lugar onde deveriam nos levar; eles simplesmente iam ter a uma outra casa, ou outro rio. Eles nunca nos levaram além do horizonte, onde nós te encontraríamos.

"E então Bobarishora encontrou o teu caminho em Jesus Cristo, e ele andou nele, e nos mostrou como deveríamos andar nele. Nós nos sentimos felizes.

"Mas, Deus! Aonde é que esse caminho o levou? Por que é que esse caminho o levou a esse lugar? Deus, isso não pode ser!"

Ele parou. Houve um silêncio total.

"A árvore é linda", ele disse. "Ela é linda. Ela está coberta de flores grandes e perfeitas que se abriram ao sol. Cada um de nós é uma flor.

"Porém, há uma flor que é maior que todas e muito mais bonita do que todas as outras. Ela produziu o fruto mais perfeito. Esse é Bobarishora. Ele nos deu a agricultura, e os nossos estômagos ficaram satisfeitos. Estávamos morrendo por causa das doenças, e ele nos trouxe a cura por intermédio de Jesus Cristo, através dos medicamentos. Ele nos mostrou o caminho de como andar com Jesus Cristo, de modo que temos razões para viver. Todos nós estávamos entusiasmados com a sua nova vida.

"Mas, ó Senhor, está tão escuro. Um vento soprou, e o fruto, o fruto mais perfeito secou e murchou e caiu ao solo. Suas sementes foram chutadas e pisadas no solo escuro, bem escuro. Ele morreu ... Bobarishora morreu, e nos deixou.

"Deus, não deixes que a semente se perca. Faze com que as nossas vidas sejam um solo fértil de modo que a sua semente possa crescer em nós. Faze com que a sua morte seja uma grande árvore crescendo em nosso solo, de modo que possamos viver como ele viveu, ajudando-nos mutuamente, e aprendendo a amar. Faze com que isso cresça em nós por causa de sua morte. Nós te pedimos isso porque somos uma só pessoa hoje à noite, num círculo de mãos dadas, nascidos em Jesus Cristo, teu único Filho."

O nosso círculo se partiu e lentamente foi-se separando. Eu vi alguma coisa que nunca vira entre os motilones antes: as pessoas estavam escondendo os seus olhos e fungando.

Ocdabidayna caminhou em minha direção, tentando sorrir. — Olhe só para nós, todos nós estamos resfriados! — disse ele.

— Não — eu disse. — Não é resfriado o que eu tenho. Não é resfriado!

Então Ocdabidayna, um dos líderes dirigentes, agarrou a sua cabeça com suas duas mãos, e caiu ao chão. — Oh, Bruchko — disse ele, olhando para mim. — Eu não sou um homem. Eu sou um bebê, um bebê muito pequeno. Somente os bebês é que choram.

A sua tristeza abalou os motilones como eu nunca os vira tão abatidos. Eles correram para a selva a fim de esconder um do outro as suas lágrimas.

— Bruchko — disse Ocdabidayna — , Jesus Cristo morreu por todas as tribos do mundo. Bobby é quase semelhante a ele. Ele morreu pelos motilones.

Passei as três semanas seguintes recuperando-me de meus ferimentos. Eu ansiava por deixar a selva, deixar o cheiro de morte. Também queria informar às autoridades competentes a respeito da situação dos foragidos da lei. Mas eu não podia sair. O rio estava cheio de emboscadas. Qualquer pessoa que tentasse sair dali teria sido morta. Os caçadores também descobriram que nas picadas que saíam das selvas havia armadilhas com espingardas. Um dos homens conseguira sair e ir a Tibu, levando diversas cartas. Ele levou uma semana para chegar lá, andando apenas à noite, e sempre evitando as picadas.

O único caminho seguro era transpondo as montanhas — uma viagem que exigia cento e quarenta horas de marcha. Aminha perna havia sarado, e então comecei aminha viagem. Quando eu havia caminhado metade do percurso, ouvi um helicóptero. O Presidente da Colômbia havia mandado buscar-me. Logo eu estava fora das selvas.

Passei uma semana muito inquieto lá em Bogotá. Que é que tudo aquilo significava? Para os motilones, Bobby poderia crescer como uma árvore florida. Mas, para mim, que significava a morte de meu irmão de pacto?

Uma noite, enquanto eu conversava com um dos principais ministros do governo Colombiano, recebi a minha resposta. Ele conhecera Bobarishora pessoalmente e tinha um grande interesse pelo povo motilone. Eu acabara de descrever a morte de Bobby e havia lágrimas nos seus olhos.

— Mas Bruce — ele disse — , você continua falando como se desejasse que Jesus interviesse e pusesse um fim a todas essas perturbações. Você não pode ver que é justamente o oposto. Se não fosse Jesus, os motilones seriam empurrados de volta às selvas, até que fossem lenta, mas seguramente, exterminados! Se não fosse por Jesus, não haveria luta; Bobby nunca teria que morrer da maneira que ele morreu. Não, Bruce. Não é a despeito de Jesus que Bobby morreu. É por causa de Jesus.

Ele colocou a sua mão sobre o meu ombro. — Onde é que os motilones estariam se Bobby não tivesse sido o tipo de pessoa a quem os bandidos sentiam que precisavam matar? Onde é que *você* estaria se Bobby não tivesse sido aquele tipo de pessoa?

— Não estaria em parte alguma — eu disse. — Eu não estaria em lugar algum.

Portanto, a vida tem que ser semelhante a isso, pensei. *Ela precisa ser luta e choro, e até mesmo a morte.*

Repentinamente vi os meus pais, e todas as dores pelas quais passáramos ...

Vi os iucos, e os semblantes colonizadores ...

Vi os rostos dos motilones, para quem o resto do Novo Testamento ainda precisava ser traduzido.

Havia tanto serviço a ser feito ... tantas coisas que Cristo me chamara para fazer. Isso traria novas dores, mais solidão. E talvez a morte.

Por que é que estava sendo tão difícil? Por quê?

Então eu vi Jesus. Ele estava lutando para subir uma colina com uma grande carga. O seu rosto estava crispado de dor. As suas costas estavam curvadas.

Endireitei-me no encosto da cadeira, e olhei para o ministro.

— Creio que eu vejo — eu disse. — É a cruz.

Ergui a mão e pus o meu polegar sob o indicador. — É por esta cruz.

FIM